

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Aline Roes Dalmolin

**A RAINHA DE LAURO TREVISAN:
MODERNIZAÇÃO E RELIGIOSIDADE**

São Leopoldo

2007

Aline Roes Dalmolin

**A RAINHA DE LAURO TREVISAN:
MODERNIZAÇÃO E RELIGIOSIDADE**

Dissertação apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação – Área de Concentração Processos Midiáticos.

Orientadora: Profª Drª Christa Berger

São Leopoldo

2007

Aline Roes Dalmolin

**A RAINHA DE LAURO TREVISAN:
MODERNIZAÇÃO E RELIGIOSIDADE**

Dissertação apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação – Área de Concentração: Processos Midiáticos

Aprovada em 29 de março de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a Christa Berger (PPGCOM/UNISINOS)

Prof. Dr. José Luiz Braga (PPGCOM/UNISINOS)

Prof^a Dr^a Virginia Fonseca (PPGCOM/UFRGS)

AGRADECIMENTOS

À professora Christa Berger, um sincero agradecimento pelo privilégio de ter sido sua orientanda, pela sempre entusiasmada acolhida, tanto nos momentos de dúvida como de descoberta, e sobretudo, pela amizade e carinho demonstrados ao longo desta trajetória.

Aos professores Pedro Gilberto Gomes, Ronaldo Henn, Vítor Biasoli, Paulo Roberto Araújo e Virgínia Fonseca pelas contribuições prestadas nos diferentes momentos. Ao professor José Luiz Braga um agradecimento especial por todas as sugestões a esta “pesquisinha”, certamente aprimorada pela acuidade de suas observações.

Aos colegas do PPGCOM/Unisinos, muito obrigada pela parceria e pelo apoio prestado na partilha das dúvidas e alegrias, ponto em comum nos diferentes projetos.

Às arquivistas do Arquivo Provincial Palotino, Cleuze e Luana, o agradecimento pelas ajuda sempre solícita durante a pesquisa documental. Obrigada também aos palotinos Pe. Lauro Trevisan, Pe. Claudino Magro, Pe. Lino Baggio e Pe. Romeu Ullrich pelas informações prestadas.

Aos meus familiares e ao meu esposo Luiz Eugênio, simplesmente, obrigada por tudo.

RESUMO

A presente dissertação trata do processo de reforma editorial da revista *Rainha*, publicação dos padres palotinos (Sociedade do Apostolado Católico) em Santa Maria – RS, especificamente durante a gestão de Pe. Lauro Trevisan (1961-1977). Analisa-se o impacto das reformas introduzidas pelo editor, que mudam completamente o perfil da revista e aumentam expressivamente sua tiragem, levando-a a intitular-se como “a maior revista do Sul do Brasil”, à luz das transformações que ocorrem ao longo do período, tanto na imprensa brasileira como na Igreja Católica. Os três primeiros capítulos descrevem, respectivamente, a caracterização da revista nas décadas de 1950, 1960 e 1970, abordando aspectos relativos à estrutura discursiva, ao processo de produção e ao papel do contexto para a introdução das mudanças. Já o último capítulo enfatiza as modificações implementadas, tentando delinear uma percepção do olhar editorial sobre os pólos de produção e de recepção, numa análise transversal que considera a trajetória sob o enfoque da religiosidade.

Palavras-chave: jornalismo – reforma editorial – revista católica

ABSTRACT

The present study is about the process of editorial reform of the *Rainha* magazine, a publishing of the Pallotines priests (Catholic Apostolate Society) in Santa Maria – RS – specifically during the management of Lauro Trevisan Priest (1961-1977). The objective is to analyze the impact of the reforms introduced by the editor, that change completely the magazine profile and increase its sales, leading it to entitle itself as “the major magazine of the South of Brazil”, as the transformations occurred along the period in Brazilian Press as well as in the Catholic Church. The first three chapters describe, respectively, the characterization of the magazine in the decades of 1950, 1960 e 1970, mentioning aspects related to the speech structure, to the production process and to the role of the context to the introduction of changes. The fourth chapter emphasizes the modifications implemented trying to outline a perception of the editorial look over the production and reception poles, in a transversal analysis that considers the trajectory under the approach of religiosity.

Key-words: Journalism – editorial reform – catholic magazine

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. O SAGRADO: O PAPEL DAS LÓGICAS DA IGREJA EM <i>RAINHA DOS APÓSTOLOS</i> (1923-1960)	19
2.1 A revista das famílias – <i>Rainha dos Apóstolos</i> na década de 1950	25
2.2 Um cenário de combate	35
3 <i>RAINHA</i> NO CONTEXTO DAS REFORMAS: A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PROJETO EDITORIAL (1961-1969)	42
3.1 A família na revista – <i>Rainha</i> na década de 1960	43
3.2 Um cenário em transição: o Concílio Vaticano II e os novos rumos da imprensa católica	54
3.3 A modernização da imprensa no Brasil	61
4 DE MAIOR REVISTA DO SUL DO BRASIL AO FIM DA “ERA TREVISAN” (1969-1980)	71
4.1 O ano de ouro e a consolidação das reformas	73
4.2 Artistas, fotonovelas, consultório sentimental e auto-ajuda: elementos de cultura de massa	83
4.3 A saída de Lauro Trevisan	90
5. ENTRE O RELIGIOSO E O SECULAR: LÓGICAS DA TRANSFORMAÇÃO EM <i>RAINHA</i>	100
5.1 De fiel a leitor: a construção do pólo da recepção	101
5.1.1 <i>Cartas de leitores</i>	102
5.1.2 <i>A configuração do leitor imaginado</i>	106
5.2 Segmentação e valores religiosos: a constituição do pólo da produção	112
6. CONCLUSÕES	126
7. REFERÊNCIAS	132
8. ANEXOS	137

1 INTRODUÇÃO

A obsessão minuciosa da documentação inquisitorial permitiu a Carlo Ginzburg relatar, na obra *O queijo e os vermes*, o pensamento de um humilde moleiro friulano que, no final do século XVI, ousara expor aos tribunais do Santo Ofício sua curiosa teoria de que o mundo teria surgido da putrefação. Domenico Scandella, vulgo Menocchio, criara uma cosmogonia de orientação “substancialmente materialista e tendencialmente científica”, explicada a partir da analogia entre o queijo e os vermes: “foram produzidos pela natureza [os anjos], a partir da mais perfeita substância do mundo, assim como os vermes nascem do queijo, e quando apareceram receberam vontade, intelecto e memória de Deus, que os abençoou.”¹

O caso de Scandella revela-se peculiar, pois traz a perspectiva de um camponês medieval fomentada pela leitura, justamente num período no qual o acesso à cultura letrada era restrito. Tudo indica que suas idéias não eram simplesmente reproduzidas, pois suas imbricadas teorias – o livro relata as diversas vezes na qual Menocchio caía em contradição em seus depoimentos aos inquisidores – sinalizam uma reelaboração original. “Não o livro em si, mas o encontro da página escrita com a cultura oral é que formava, na cabeça de

¹ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.102.

Menocchio, uma mistura explosiva.”² Sua percepção desafia alguns tabus históricos referentes à mentalidade popular e à hegemonia católica durante o período medieval, confirmando a sobrevivência da tradição pagã na cultura campesina européia, ao resgatar antiqüíssimos mitos pré-cristãos como a explicação da origem do mundo pela analogia da coagulação, traço fundamental da cosmogonia do moleiro. Ginzburg revela a espantosa coincidência entre a compreensão do mundo de Domenico Scandella e as tendências científicas que surgiriam tempos depois no pensamento ocidental, como a doutrina da geração espontânea a partir de objetos inanimados³, mostrando a convergência de posições entre um simples moleiro e os intelectuais mais refinados daquele tempo⁴.

A experiência de Domenico Scandella serve como ponto de partida para se examinar até que ponto as percepções de um indivíduo podem ultrapassar as condições espaço-temporais definidas historicamente, desafiando os limites da “jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um”⁵ ao articular, de modo original, os elementos disponíveis na cultura de seu tempo. Um caso-limite como este pode servir para reconstituir o todo a partir de uma experiência individual, não em relação ao que esta representa enquanto “estatisticamente mais freqüente”, mas justamente o quanto o destaque de sua própria singularidade pode dizer a respeito do todo.

A perspectiva teórica da micro-história parte desse pressuposto para construir seu método, prioritariamente relacionado aos procedimentos detalhados que constituem o trabalho do historiador. A prática da micro-história está centralizada na busca por uma descrição mais realista do comportamento humano, reconhecendo sua relativa liberdade dentro das limitações dos sistemas normativos.⁶ Conforme Levi, toda ação social é percebida como o resultado de uma constante negociação por parte do indivíduo em face de uma realidade normativa que

² GINZBURG, Carlo. *Op. Cit.* p. 95.

³ *Ibid.* p. 102.

⁴ *Ibid.* p. 19.

⁵ *Ibid.* p. 20.

⁶ LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. In.: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992. p. 134.

oferece inúmeras possibilidades de interpretação e de posicionamento pessoal. “A questão é, portanto, como definir as margens – por mais estreitas que possam ser – da liberdade garantida a um indivíduo pelas brechas e contradições dos sistemas normativos que o governam.”⁷

O jornalismo é um exemplo de ação social que pode ser observado através dessa perspectiva. Todo jornalista está condicionado a agir dentro do leque de opções que suas condições históricas permitem, como sua formação profissional, o grau de liberdade de imprensa, as restrições financeiras, os critérios de noticiabilidade, entre outros. Por outro lado, a própria prática jornalística é por si uma construção histórica, enquanto prática social e inserida numa determinada instância historicamente definida.

Podemos afirmar, portanto, que o jornalismo enquanto uma prática social – realizada em condições de produção específicas – capta, transforma, produz e faz circular acontecimentos, interpretando e nomeando situações e sentimentos do presente. Ao veicular as várias vozes que constituem os acontecimentos explicita que faz parte de um determinado tempo histórico que é produzido por sujeitos históricos.⁸

Portanto, o indivíduo precisa integrar-se a este jogo de forças para exercer a tarefa de informar a sociedade sobre os acontecimentos, articulando sua percepção pessoal aos indicadores emanados do contexto que o circunda. Na perspectiva da imprensa moderna, o essencial é que essa estruturação esteja ajustada às exigências da lógica de produção capitalista, segundo a qual o veículo deve estar voltado à auto-sustentabilidade e a priorização de seu valor de troca face ao seu valor de uso⁹.

Em processos de mudança, como as reformas editoriais, as lógicas dessa articulação operam primordialmente na estruturação das transformações que reconfiguram um

⁷ LEVI, Giovanni. *Sobre a Micro-História*. In.: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. *Op. Cit.* p. 135.

⁸ BERGER, Christa. Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica. In.: MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio D. (org.) *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997, p. 283.

⁹ FILHO, Ciro M. *Comunicação e Jornalismo: A saga dos cães perdidos*. 2 ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002, p. 13-4.

determinado veículo sob um novo modelo. Neste sentido, esta dissertação propõe-se a estudar as reformas implementadas por Pe. Lauro Trevisan na revista Rainha dos Apóstolos, órgão de divulgação dos padres palotinos no Rio Grande do Sul, no período entre 1961 e 1980, que reestruturaram um veículo de caráter estritamente confessional de alcance restrito num periódico de expressiva tiragem e abordagem mais generalista.

A observação do material empírico orienta-se na direção de compreender qual o papel de Pe. Lauro dentro desse processo, sob a hipótese prospectiva de que suas ações não correspondem a atitudes meramente individuais, ao contrário do que o automatismo da relação entre a presença do editor e o desencadeamento das reformas parece sugerir, mas a acontecimentos que fazem parte de uma esfera estrutural mais ampla, que envolve tanto as transformações na Igreja e na imprensa. A compreensão de sua atuação extrapola essas dimensões, e remete a um jogo de forças no qual a postura de cada indivíduo se articula diante da estrutura, gerando “respostas” que condizem com sua formação pessoal e seu modo de inserção na sociedade.

Ao estudarmos a realidade de um pequeno veículo católico publicado no interior do RS, concordamos com pressuposto da micro-história de que “fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral.”¹⁰ Como na análise de Ginzburg, aqui também temos o caso de um indivíduo que capta tendências do processo de mudança em seu entorno: enquanto a cosmogonia do moleiro friulano reflete os tensionamentos da reforma e da contra-reforma na Idade Média, o projeto editorial do palotino gaúcho repercute as transformações na Igreja Católica e na mídia brasileira. O caso-limite observado serve, desse modo, para a verificação *in loco* de fenômenos abstratos como a modernização da imprensa, a secularização da sociedade, a reconfiguração da Igreja Romana ao longo do século XX, sem contudo estipular generalizações a partir da realidade específica,

¹⁰ LEVI, Giovanni. *Sobre a Micro-História*. In.: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. *Op. Cit.* p. 158.

mas partindo do pressuposto de “apresentar representações mais realistas e menos mecanicistas, ampliando assim o campo da indeterminação, sem necessariamente rejeitar as elaborações formalizadas.”¹¹ Ou seja, mesmo em um periódico regional, fortemente alicerçado em suas finalidades religiosas, é possível sentir os reflexos das tendências modernizadoras que se aceleram na sociedade a partir de meados do século XX.

A transição modelar em *Rainha* pode ser compreendida a partir das perspectivas trazidas por essas modificações no nível mais amplo, que se refletem em um veículo regional e ideologicamente constituído. Porém, ao caracterizamos a existência de duas configurações distintas, antes e depois de Trevisan, visualizando-as à luz das transformações ocorridas na realidade social externa, não pretendemos limitar o reconhecimento das modificações como mero sintoma do entorno ou como simples reflexo da vontade pessoal do editor que imprime as mudanças. Mais do que apagar as micro-diferenças e confirmar a existência de grandes formações discursivas, ideológicas¹², que caracterizariam a revista num determinado formato – religiosa ou secular – o que se pretende é dar especial atenção às inter-relações entre os dois modelos, ou seja, observar as mudanças, introduzidas a cada nova edição, que vão constituindo a nova proposta de *Rainha* ao longo das reformas. Neste estudo, a interface entre comunicação e religião é situada dentro de um contexto espaço-temporal, levantando as matrizes que definem cada modelo e as interseções localizadas entre estes no espectro da reforma.

Este conjunto de dados busca configurar as lógicas que estruturam a inserção de um determinado “lugar de fala”, ou seja, referentes às visões de mundo que orientam os sentidos da publicação em ambas as fases. Por “lugar de fala”, entendemos a articulação entre fala,

¹¹ LEVI, Giovanni. *Op. Cit.* p. 159.

¹² BRAGA, José Luiz. *Lugar de fala como conceito metodológico no estudo de produtos culturais*. In. *Mídia e processos socioculturais*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000. p.160.

textos disponíveis e situação, instância onde a fala faz sentido e dali interage com os dados materiais da situação e a intertextualidade disponível¹³.

Nosso propósito é examinar as processualidades do amplo quadro das interações simbólicas que se dá, através de um veículo midiático específico, numa determinada condição espaço-temporal. Tentaremos compreender como se realizou o intercâmbio simbólico entre *Rainha* e a sociedade que a produziu e a consumiu, numa perspectiva que se debruça sobre um fenômeno ocorrido no passado, mas que representa uma preocupação atemporal, portanto, aplicável ao presente. Numa visão mais ampla do ângulo comunicacional envolvido, buscamos reconstituir, a partir da observação de uma determinada experiência, as articulações simbólicas entre imprensa e sociedade, produção e recepção. Mais do que simplesmente “contar a história de Rainha”, ao longo de três décadas, tentaremos construir um esboço de como se estruturaram os “lugares de fala” de *Rainha* no decorrer do percurso histórico em análise.

A questão que motivou a realização deste projeto permanece intimamente relacionada ao problema de pesquisa, centrado justamente em compreender como se dá a mudança, que envolve a configuração de uma proposta fortemente ligada aos valores mercadológicos e à constante busca pela satisfação dos anseios do público consumidor numa revista com perfil fortemente evangelizador e centrado na defesa dos valores católicos. Na finalidade de verificar como se dá essa transformação, tentaremos descrever as mudanças estéticas e de conteúdo que são impetradas a partir do momento em que Lauro Trevisan assume *Rainha*.

Para tanto, nos propomos a fazer um estudo de caso sobre a revista, observando suas publicações entre os anos de 1950 e 1980, em abordagem que parte da década anterior ao ingresso de Lauro Trevisan até o momento de sua saída, em 1977. Segundo Becker, o método estudo de caso apresenta um duplo propósito, buscar uma compreensão abrangente do caso

¹³ BRAGA, José Luiz. *Lugar de fala como conceito metodológico no estudo de produtos culturais*. Op. Cit. p 163.

abordado e desenvolver declarações teóricas a respeito das regularidades do processo e das estruturas sociais observadas.¹⁴ Conforme prevê o método estudo de caso, trabalharemos o objeto em sua totalidade, porém com o enfoque voltado ao nosso problema de pesquisa, abrangendo produção, consumo e relações contextuais sob o viés da transição de projeto editorial. Tentaremos esboçar uma visão geral da revista, sua caminhada ao longo dos anos e a descrição das principais modificações ocorridas, para dali estabelecer considerações em torno da questão central que é compreender o processo de implantação de um projeto editorial não-evangelizador numa revista católica, mais especificamente, perceber como a temática religiosa se articula nesta nova configuração. Para atingirmos esse propósito, realizaremos uma reflexão teórica associada à pesquisa documental, numa tentativa de articular ambos os componentes e formar um entendimento não só sobre o caso específico de uma revista, mas sobre o fenômeno que pretendemos analisar que é o das mudanças estruturais que afetam a imprensa.

Para fins de análise, estabelecemos o marco cronológico entre 1950 e 1980, embora tenhamos no horizonte uma observação geral de *Rainha*, desde sua fundação, em 1923, até a atualidade, a fim de situarmos o veículo numa dimensão histórica, com continuidade nos dias de hoje. Para efeitos comparativos, torna-se necessário retrocedermos ao período anterior à chegada do editor, bem como avançarmos ao momento imediatamente posterior a sua saída, para assim dimensionarmos as modificações que vão sendo implantadas.

Ao longo de onze meses, foram realizadas várias visitas ao Arquivo Histórico Provincial Nossa Senhora Conquistadora, da Sociedade Vicente Pallotti, em Santa Maria, cujo acervo engloba grande parte da documentação da missão palotina no Brasil, em especial, a coleção completa da revista *Rainha*, desde seu primeiro número, de abril de 1923, às edições atuais, além de outros periódicos, obras e documentos. Além das edições de *Rainha* que constituem nosso *corpus* de referência, também voltamos o olhar a dois periódicos publicados

¹⁴ BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 118.

pelos palotinos: o boletim *Informações Palotinas*¹⁵ e a revista *Santa Maria*.¹⁶ Quanto a outros documentos sobre a revista, não foi possível localizar, nos arquivos da Sociedade Vicente Pallotti, dados administrativos e informações sobre o período em questão da revista. Livros caixa, atas, balanços e documentos diversos poderiam nos fornecer dados relevantes para nossa análise, como estipular o número anual de assinantes, confirmar se a revista dava lucro ou prejuízo, verificar qual sua abrangência geográfica pelo número de leitores em cada Estado, entre outros dados, que poderiam dar uma idéia da dimensão econômica e social da revista¹⁷.

Os capítulos desta dissertação são estruturados cronologicamente em relação às reformas, no sentido de observar, em virtude do problema de pesquisa, a constituição do elemento religioso nos dois modelos. Os três primeiros capítulos abarcam a caracterização de *Rainha* ao longo de três décadas de existência, de 1950 a 1980, articulando a descrição de cada fase ao cenário do contexto que a circunda. Já o último capítulo volta-se à trajetória da revista numa abordagem mais generalista de sua reforma, visualizada a partir de categorias que abarcam o processo de transformação editorial tanto na ótica da produção como da recepção.

O primeiro capítulo tenta delinear a esfera do religioso, na qual a revista se insere de sua fundação ao início das reformas (1923-1960), com o objetivo de verificar o papel das lógicas religiosas num veículo institucional. Através de abordagem teórica sobre o discurso

¹⁵ O veículo nasce como boletim mimeografado do Seminário Maior Palotino, de São João do Polêsine, e torna-se órgão informativo bimestral dos sacerdotes e irmãos da província palotina, com sede em Santa Maria.

¹⁶ Publicada como suplemento de *Rainha*, com distribuição gratuita e tiragem de 20.000 exemplares, a revista circulou, exclusivamente para a cidade de Santa Maria, de janeiro de 1973 a dezembro 1977, deixando de ser impressa com a transferência de *Rainha* para Porto Alegre.

¹⁷ Os únicos documentos dessa natureza localizados no Arquivo Provincial são as atas relativas à decisão de transferir *Rainha* para Porto Alegre, aos quais não nos foi autorizado o acesso pelo padre responsável pelo arquivo por se tratar de documentação confidencial da Província. Somente nos foi confiada a parte do texto que expõe os gráficos sobre a evolução das receitas em publicidade das edições *Rainha*. Foram foco de nossa procura os acervos do Arquivo Provincial, em Santa Maria, da revista *Rainha dos Apóstolos*, em Porto Alegre, e do Patronato, em Santa Maria, onde hoje funciona a Gráfica Editora Pallotti. Ao que consta, nenhum dos responsáveis contatados sabe do paradeiro dos documentos, que poderiam conter informações valiosas para nosso interesse. Estes possivelmente devem estar guardados em algum local ainda ignorado ou foram destruídos, destino dos documentos históricos pouco valorizados.

eclesial e a efetivação das políticas de comunicação da Igreja, tentaremos compreender melhor a inserção de *Rainha dos Apóstolos* como veículo de orientação católico-evangelizadora. Num primeiro momento, o texto trabalha a trajetória de Rainha dos Apóstolos desde sua fundação, ainda com o nome de *Regina Apostolorum*, destacando as mudanças que vão sendo estruturadas ao longo dos anos, até a chegada do Pe. Lauro Trevisan. Na seqüência, articulamos essa caracterização às políticas de comunicação da Igreja pré-conciliar, do Vaticano a Vale Vêneto, resgatando a trajetória do ideário católico sobre as comunicações e seu reflexo na postura da congregação palotina diante da questão. Verifica-se a presença dessas perspectivas através das combativas páginas de *Rainha* quando ela ainda era *dos Apóstolos*.

O segundo capítulo tenta inserir a realização das reformas em *Rainha* num determinado momento histórico da imprensa brasileira, configurado num quadro que engloba a modernização dos veículos e a expansão da cultura de massa. O primeiro item descreve como Lauro Trevisan vai introduzindo as modificações na revista, consolidando sua nova configuração editorial ao longo da década de 1960. Num segundo momento, o texto localiza os diferentes processos de transformação que iniciam ou se intensificam a partir daquela época, situando, a partir de obras de sobre a mídia e o contexto brasileiro no período, o momento de expansão que circunda o quadro das reformas de Lauro Trevisan. Atenção especial é dada às transformações na imprensa brasileira e às modificações na compreensão do fenômeno comunicacional pela Igreja Católica, ilustrada no exemplo das editoras e veículos confessionais que passaram por mudanças naquele momento.

O ponto alto das reformas baliza a discussão do terceiro capítulo, que tenta descrever as características de *Rainha* ao longo dos anos 1970. A consolidação das reformas editoriais, marcadas pelo alcance de um padrão de qualidade visual, a estruturação empresarial da revista e a ampliação do leque de publicações são alguns dos aspectos relatados no primeiro item, que trabalha o processo produtivo e a configuração editorial de *Rainha* no período em que ela

se torna “a maior revista do Sul do Brasil”. A seguir, o texto aproxima alguns elementos que ganham destaque na revista naquele momento à perspectiva da cultura de massa, analisando como *Rainha* publica conteúdos como fotonovelas e entrevistas com artistas para atrair ainda mais o interesse dos leitores e buscando atingir o padrão das publicações de sucesso no mercado nacional.

O quarto e último capítulo dedica-se a compreender de uma maneira mais geral o processo de mudança editorial em *Rainha*, tentando delinear as principais lógicas que pautam a transformação da revista. Verificaremos como as transformações implementadas vão consolidando um novo projeto editorial, do modelo católico-evangelizador para uma perspectiva mais vinculada aos valores e elementos da cultura de massa, expressando uma concepção religiosa diferenciada. O texto observa as lógicas articuladas no período sob três enfoques: a percepção do leitor, a questão da segmentação e a presença dos valores religiosos no discurso da revista. A ênfase neste último, entretanto, também perpassa a discussão dos demais capítulos por ser o elemento estruturador do problema de pesquisa.

Dessa forma, busca-se compreender de que forma o ideal missionário inicial vai cedendo espaço para a necessidade de financiar a produção e a expansão da revista, fazendo com que a principal função de *Rainha* deixe de ser levar a propaganda do ideário católico aos lares cristãos para divulgar informação e entretenimento à ampla massa da população com poder aquisitivo para assinar a revista. Dessa progressão, resulta uma nova forma de perceber a religiosidade que, para efeitos de compreensão, será comparada àquela estritamente ligada aos valores católicos tradicionais conforme propagados por *Rainha* antes das reformas. Assim, percebe-se a instalação de uma nova forma da revista perceber a relação entre comunicação e religião: mais direcionada à promoção de valores universais do que a servir de púlpito para a defesa das rígidas doutrinas.

2 O SAGRADO: O PAPEL DAS LÓGICAS DA IGREJA EM *RAINHA DOS APÓSTOLOS* (1923-1960)

O surgimento da revista *Rainha* está intimamente ligado à consolidação da presença dos religiosos palotinos no Brasil nas primeiras décadas do século XX.¹⁸ Sua forma e constituição refletem, em linhas gerais, as diretrizes que norteiam o trabalho dos missionários da Pia Sociedade das Missões. Assim como os palotinos, diversas ordens e congregações, ao introduzirem novas comunidades em solo brasileiro ou ao ampliarem as já existentes, também aproveitam aquele momento para instalar suas tipografias junto aos conventos e imprimir seus órgãos de divulgação.¹⁹ A estratégia de mobilizar ações e expressar perspectivas através da

¹⁸ A Pia Sociedade do Apostolado Católico foi fundada na Itália, em 1834, por Vicente Pallotti, sacerdote nascido em Roma em 1795. Filho de uma abastada família, Pallotti recusa o usufruto de sua riqueza e funda uma congregação de padres e irmãos, dedicando-se à caridade e ao apostolado até sua morte, em 1850. Em razão do processo de beatificação, seus restos mortais foram exumados, em 1906, sendo encontrados intactos. O fundador dos palotinos foi canonizado pelo Papa João XXIII, em 20 de janeiro de 1963, durante o Concílio Vaticano II. Denominada Pia Sociedade das Missões, em 1854, e renomeada Sociedade do Apostolado Católico, em 1947, a congregação espalhou suas raízes missionárias sobretudo na Europa e na América, tendo, em 1909, casas provinciais na Itália, Inglaterra, Alemanha, Argentina, Chile, Brasil e Estados Unidos. No Brasil, os primeiros sacerdotes chegaram em 1886, fixando-se inicialmente na comunidade de Vale Vêneto, região central do Rio Grande do Sul, onde prestam assistência aos colonos italianos e fundam seu seminário vocacional. As atividades dos padres, irmãos e irmãs da congregação se expandiram a outras regiões do país. Atualmente a congregação mantém casas de formação e comunidades nos Estados de Roraima, Bahia, Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraná, além do Rio Grande do Sul. Sobre a história dos palotinos e de seu fundador, conferir: IOP, Rafael (org.) *Vicente Pallotti e a sua obra*. s/local: Pallotti, 1936; FACCO, Casimiro (org.) *Nossos Antepassados Palotinos*. Santa Maria: Pallotti, 1995; BONFADA, Genésio. *Os palotinos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Pallotti, 1991; INFORMAÇÕES PALOTINAS *50 anos do Seminário de Vale Vêneto*. Santa Maria: Pallotti, mar. 1973.

¹⁹ Esse é o caso dos claretianos, que passam a publicar a revista *Ave Maria*, em São Paulo; dos franciscanos de Salvador, com o periódico *O Mensageiro da Fé*; dos franciscanos de Petrópolis com a revista e a editora *Vozes*; e dos salesianos, com *Leituras Católicas*. Cf.: DEISTER, Jorge. A imprensa católica no Brasil até 1925. *Revista Vozes*, Petrópolis, ano 61, dez. 1967, p 1078.

imprensa faz parte da política missionária destes religiosos, na tentativa de firmar presença, conquistar fiéis e modificar o quadro religioso do país em favor do catolicismo.

O ano de 1923 marca o nascimento de *Regina Apostolorum*²⁰ pelas mãos do reitor, padre Rafael Iop (1882-1947)²¹, no seminário palotino de Vale Vêneto, pequena localidade próxima a Santa Maria, no interior do Rio Grande do Sul. Recentemente transferido de Passo Fundo, onde era vigário, Iop chega munido com relativa experiência em imprensa – lá havia editado a *Folhinha da Serra*, veículo criado para arrecadar fundos para a construção de um hospital – e com o desejo de criar uma revista para propagar os ideais missionários dos palotinos. Com a ajuda de padres e seminaristas, a vontade do reitor se concretiza, adquirindo-se o material necessário para montar uma pequena tipografia e imprimir a primeira edição, em abril de 1923.²²

A exemplo dos periódicos pioneiros, *Regina Apostolorum* (ANEXO 1A) ainda está longe do conceito de revista de nossos dias, caracterizada pelo uso intensivo da cor e das ilustrações. Publicada bimestralmente, sua apresentação está mais próxima do formato livro, com texto em seqüência linear, dividido através de títulos, subtítulos e marcadores tipográficos. As matérias são extensas (mais de 3 páginas de texto), e algumas delas são publicadas em capítulos ao longo das edições. Uma destas narrativas seriadas está presente na primeira edição, e conta a vida de Vicente Luiz Francisco Pallotti, fundador da Pia Sociedade das Missões. Com 20 páginas impressas, a revista apresenta poucas ilustrações, reflexo das limitações técnicas e indício de que a significação era prioritariamente construída pela força das palavras e não pela representação através de imagens. A linguagem se mostra enérgica, prolixa e de inspiração literária; plena de exclamações, vocativos e adjetivos:

²⁰ Em latim, “Rainha dos Apóstolos”, denominação do seminário palotino e nome da padroeira da Pia Sociedade das Missões.

²¹ Sobre o fundador de Rainha, consultar: FACCO, Casimiro (org.) *Nossos Antepassados Palotinos. Op. Cit.*

²² MAGRO, Claudino. Um sonho, uma conquista. *Rainha dos Apóstolos*. Porto Alegre: Pallotti, nº 943, p. 4, abr. 2003.

“RAINHA DOS APÓSTOLOS! Mãe de Jesus Christo e da igreja catholica! Com este glorioso título, os homens apostolicos de todos os tempos a amam, a veneram, a invocam como sua Mãe e Rainha no árduo apostolado”.²³

Mesmo produzida quase artesanalmente, com aparência modesta e circulação restrita – apenas 150 exemplares na primeira edição –, Rainha afirma a pretensão de ser a porta-voz dos palotinos, propagando os ideais missionários e assinalando-se como a primeira revista editada por uma missão católica no Brasil.²⁴ A própria matéria de abertura da edição inaugural, “O título e o fim de nossa revista”, expressa este intuito: “o grau do desenvolvimento religioso impõe-nos imperiosamente tomarmos parte activa no momento missionário, que caracteriza a história moderna da Igreja Catholica.”(sic)²⁵

Mais do que uma mera veleidade do padre reitor, a fundação de uma revista sob tão restritas condições produtivas reflete a aspiração dos palotinos em se fazerem presentes na comunidade através da imprensa, divulgando as atividades do seminário recém criado e seus ideais enquanto instituição. A exemplo das demais congregações religiosas que se instalaram no Rio Grande do Sul no final do século XIX, os palotinos trabalharam para o avivamento da fé católica da população imigrante. Instalados na região da Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS, trataram logo de fixar suas raízes²⁶, assumindo a direção espiritual das igrejas e capelas, estimulando a formação de vocações religiosas e promovendo a gradativa substituição do catolicismo popular, arraigado nas práticas dos colonos italianos, pelo

²³ REGINA APOSTOLORUM. Vale Vêneto: Pallotti, nº 01, p. 4, abr. 1923.

²⁴ A edição nº 3 de *Regina Apostolorum* sinaliza o recebimento de saudações provenientes de outros periódicos católicos: *Mensagem da Fé*, da Bahia; *Voz da Nossa Senhora de Nazareth*, de Belém do Pará e *União*, do Rio de Janeiro. Este último corrobora a idéia, referindo-se a *Regina* como a única revista missionária do Brasil. Contudo, a literatura mostra que várias revistas foram fundadas anteriormente por outras missões católicas no país, como é o caso da revista *Vozes*, lançada pelos franciscanos ainda em 1907. Cf.: DEISTER, Jorge. A imprensa católica no Brasil até 1925. *Revista Vozes*, Petrópolis, ano 61, dez. 1967, p 1078; DELLA CAVA, Ralph & MONTERO, Paula. *E o verbo se fez imagem: Igreja Católica e os Meios de Comunicação no Brasil (1962-1989)*. Petrópolis: Vozes, 1991; e SOARES, Ismar de O. *Do santo ofício à libertação*. São Paulo: Paulinas, 1988.

²⁵ REGINA APOSTOLORUM. Vale Vêneto: Pallotti, nº 01, p. 3, abr. 1923.

²⁶ Uma das primeiras ações dos primeiros palotinos fixados na região foram destituir os leigos das funções religiosas, incentivar a prática dos sacramentos e centralizar a autoridade religiosa em torno da figura eclesiástica. A implantação do ultramontanismo na região colonial não ocorreu sem atritos, pois inúmeras disputas foram travadas com os maçons, liberais, carbonários e a todos que se opunham ao catolicismo romano como única forma autêntica de catolicismo. Cf. POSSAMAI, Paulo. *Dall'Italia siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)*. Passo Fundo: UPF Editora, 2005. p. 142-3.

catolicismo romanizado²⁷. Daí a iniciativa da revista em lançar luzes em torno de sua atividade missionária, divulgando a caminhada da Pia Sociedade ao passo que se transforma em instrumento para auxiliar na propagação dos ideais da Igreja junto aos seus leitores.

Além disso, podemos relacionar a aparição de *Regina Apostolorum* ao momento de intensificação das atividades de imprensa vivenciado pela Igreja a partir do final do século XIX, que se constitui numa verdadeira “explosão” de veículos confessionais ao redor do mundo. O incentivo às “obras da boa imprensa”, objeto de prática e discurso de papas e bispos, favorecia a proliferação de periódicos católicos, considerados “verdadeiros” desde que submetidos à autoridade eclesial.²⁸ A principal função desses veículos seria atuar em favor da Igreja num momento bastante delicado de sua história.

Segundo Ismar de Oliveira Soares, no Brasil esse crescimento foi impulsionado, entre outros motivos, pela consolidação do regime republicano; pelo incremento no número de católicos com o ingresso de imigrantes; pela questão religiosa; e pelos conflitos com a ideologia liberal, que ecoavam na imprensa leiga.²⁹ O autor cita um grande número de veículos que aparecem nesta fase, listagem que irá crescer ainda mais nas primeiras décadas do século seguinte. Datam deste período o surgimento de diversos diários e revistas católicas, além do Centro da Boa Imprensa (CBI), fundado pelos franciscanos em 1910, em Petrópolis, que se tornou o órgão de orientação e fornecimento de conteúdo aos periódicos católicos de todo o país.³⁰

Fato importante é que, a partir de 1900, a Igreja passa a articular-se cada vez mais em reuniões episcopais e congressos³¹, trabalhando para contornar em linhas mais nítidas suas políticas comunicacionais. A própria criação do CBI sinaliza esta mudança, amparada pela

²⁷ A romanização é um movimento de reeuropeização do cristianismo, de característica centralizadora, hierárquica e clerical, que ganha fôlego no Brasil no final do século XIX. Sua principal bandeira é o fortalecimento da autoridade papal. Cf.: ARAÚJO, José Carlos Souza. *Igreja Católica no Brasil: um estudo da mentalidade ideológica*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 22.

²⁸ SOARES, Ismar de O. *Do santo ofício à libertação*. Op.Cit. p. 66-7.

²⁹ Ibid. p. 182.

³⁰ Ibid. p. 188.

³¹ Ibid. p. 185.

realização do primeiro congresso de jornalistas católicos no país e pela implantação, nas dioceses, da Liga da Boa Imprensa³², com o principal intuito de difundir o ponto de vista católico. O esforço conjunto transparece claramente na percepção da imprensa “como um instrumento importante na reorganização da vida da Igreja e um recurso capaz de viabilizar sua influência na sociedade”.³³ Através de cartas pastorais, os bispos brasileiros vão repercutindo um ideário sobre a comunicação, formulado a partir da situação europeia e transposto para uma pauta de ação nacional, fundamentado basicamente em estratégias reativas.³⁴

Contudo, todo esse crescimento era de fraca repercussão no cenário da imprensa brasileira, considerando, em um lado, o incipiente mercado de jornais e revistas no país, e no outro, a pulverização do discurso católico em um grande número de títulos com vendagem irrisória e restrita penetração nas diferentes camadas populacionais. O modo de produção dos periódicos confessionais nas primeiras décadas do século XX permanecia vinculado a um estado de constante improvisação; para circular, estes dependiam essencialmente da “boa vontade”³⁵ daqueles que a financiavam, produziam e consumiam.

Essa “boa vontade”, em *Rainha dos Apóstolos*, era justificada pela percepção das atividades de produção e consumo da revista como prática de “apostolado”, motivo que levava alguns leitores a pagarem quatro vezes mais o preço de assinatura para ter seu nome incluído no rol de “benfeitores”. Os próprios anúncios da revista tentavam difundir a idéia de que o simples fato de assinar e ler o mensário era um modo de se proteger ante os perigos do

³² DEISTER, Jorge. A imprensa católica no Brasil até 1925. *Op. Cit.* p. 1079.

³³ DELLA CAVA, Ralph & MONTERO, Paula. *Op. Cit.* p. 206.

³⁴ MARQUES DE MELO, José. *Comunicação eclesial: utopia e realidade*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 143. O ideário comunicacional divulgado através das cartas pastorais entre o final do século XIX e o início do século XX no Brasil é discutido na obra de LUSTOSA, Oscar de F. *Os bispos do Brasil e a imprensa*. São Paulo: Loyola, 1983.

³⁵ DELLA CAVA, Ralph & MONTERO, Paula. *Op. Cit.* p. 207.

“espírito moderno” e contribuir para com a causa da boa imprensa, recebendo em troca bênçãos e proteção divina.³⁶

Daí vê, caro leitor, que ter em casa a RAINHA DOS APÓSTOLOS é ter um baluarte poderoso que defenda tua distinta família contra o pernicioso espírito moderno, alertando de momento em momento contra as insidiosas ciladas dos modernos propagadores da virulenta chaga do divórcio – o destruidor de tôda paz e felicidade do teu lar. Não queira, pois, ceder à momentânea tentação de suspender a assinatura por causa do aumento do preço. Calcule quantos e quantos gastos inúteis se fazem numa casa. Assinar uma Revista católica é empregar òtimamente o teu dinheirinho, pois que ajudas uma santa causa – a propagação do Reino de Cristo por meio da BOA IMPRENSA – e atrais sobre ti e sobre tua família as bênçãos dos céus.³⁷

O reconhecimento da imprensa como forma de apostolado transparece através das páginas de *Rainha* ao longo das décadas que seguem sua fundação. As principais tarefas assumidas pela revista são dar visibilidade às atividades missionárias palotinas, travar oposição aos inimigos tradicionais do catolicismo, evangelizar e difundir modelos de conduta para o leitor católico.

Verificaremos, neste capítulo, como essa agenda é cumprida pelos padres que sucedem Rafael Iop na direção da revista. Contudo, mais tarde, na década de 60, um palotino recém ordenado irá operar uma transformação radical, não somente no modo como *Rainha* articula-se enquanto periódico, mas em sua própria concepção enquanto veículo de imprensa católico.

³⁶ Além disso, no expediente de todos os meses durante o período observado, a revista informava a realização de uma missa mensal na intenção de seus zeladores e assinantes.

³⁷ RAINHA DOS APÓSTOLOS, Pallotti: Santa Maria, jan 1952, p. 21-2.

2.1 A revista das famílias – *Rainha dos Apóstolos* na década de 50

No momento de sua transferência para Santa Maria, em 1934, Pe. Rafael Iop leva consigo a tipografia da revista *Rainha dos Apóstolos* (já com o título traduzido para o português), que migra do seminário de Vale Vêneto para um pequeno pavilhão de madeira, situado no complexo do Patronato Antônio Alves Ramos (ANEXO 1B).³⁸ O aspecto gráfico do mensário sinaliza a introdução de novas técnicas e uma constante melhoria de padrão ao longo dos anos, mas sua produção ainda se revela bastante artesanal e com tiragem limitada. Contudo, o conjunto do maquinário gráfico denota uma certa expansão, incluindo uma compositora linotipo, máquinas de impressão e corte, grampeadora e dobradeira. Pe. Iop inicia a construção de um pavilhão maior, mas não chega a utilizá-lo, falecendo em 1947. As novas instalações serão inauguradas no ano seguinte, pelo Pe. Artur Stefanello, que assume a diretoria da Editora Pallotti e da revista *Rainha dos Apóstolos*.

O novo diretor será pioneiro na tentativa de aumentar o raio de atuação do mensário palotino, particularmente voltado ao cenário local. Recém empossado, Stefanello lança a campanha das 5.000 assinaturas, a fim de ampliar os 1.500 assinantes então existentes. Em razão do êxito, alcançado em agosto de 1948, o padre reza missa de ação de graças no Santuário Mãe Rainha, em Santa Maria, “na intenção dos zeladores, assinantes e benfeitores.” Com o aumento das atividades, os palotinos vão adquirindo novas máquinas.³⁹ Mais adiante, em 1950, Pe. Stefanello lança nova campanha, desta vez, buscando atingir a marca das 10 mil

³⁸ Instituição fundada pelos palotinos para fornecer educação, especialmente a menores em situação de risco, e a eles oferecer treinamento no setor industrial, além de realizar atividades pastorais atendendo a comunidades vizinhas. Cf.: INFORMAÇÕES PALOTINAS, s/ data, 1973, nº 05, p. 26-9

³⁹ Em 1948, os padres adquirem nova impressora no valor de Cr\$ 55 mil. Na segunda campanha de assinaturas, em 1951, chega à gráfica palotina a impressora alemã Europa 11, que custou Cr\$ 400 mil e pesa 9 toneladas. No mesmo ano, compram uma nova dobradeira. No ano seguinte, pelo valor de Cr\$ 1.200 mil, é a vez da *Livraria Juventus*, que ganha o nome de *Livraria Editora Pallotti* e passa a comercializar as obras da Editora. Os palotinos também aproveitam para comprar mais uma impressora por 190 mil. Cf.: INFORMAÇÕES PALOTINAS, abr 1953 – nº 01, p. 12 a 14.

assinaturas. A campanha aproveita a celebração do primeiro centenário da morte de Vicente Pallotti, e premia os zeladores (responsáveis pelas assinaturas da revista), a cada 10 assinaturas renovadas, com uma cautela para concorrer a um sorteio de prêmios.⁴⁰ Outras duas campanhas serão lançadas no período: a de 15 mil assinaturas, em 1953, em celebração ao primeiro centenário do dogma da Imaculada Conceição⁴¹; e a de 20 mil assinaturas, em 1957.

Por outro lado, como toda a comercialização era feita através do sistema de assinaturas, a realização de concursos como este era crucial para provocar o aumento no número de leitores, o que ajudaria a reduzir custos e a aumentar a amplitude de fiéis atingidos pela revista. A justificativa expressa é a de fortalecer *Rainha dos Apóstolos* como instrumento da “boa imprensa”, ao passo que colaborar, renovando ou inscrevendo novas assinaturas, é definido também como uma forma de apostolado. A partir da edição de janeiro de 1950, em seção específica da revista, denominada “Menção Honrosa”, passam a ser publicados os nomes dos zeladores e o número de assinaturas vendidas respectivamente, no intuito de valorizar aqueles que mais se destacavam⁴². O incentivo à participação dos vendedores é uma característica constante ao longo da história do mensário, pois a realização de campanhas de estímulo aos responsáveis pelas assinaturas foi e continua sendo a principal estratégia de marketing de *Rainha* até os dias de hoje, embora a denominação e as responsabilidades destes tenham sofrido transformações no decorrer das décadas. Nos anos 60, por exemplo, uma das mudanças empenhadas por Pe. Lauro Trevisan é trocar a denominação “zeladores” pela de “representantes”, numa tentativa clara de neutralizar a caracterização da revista enquanto veículo religioso.⁴³

⁴⁰ RAINHA DOS APÓSTOLOS, Pallotti: Santa Maria, jan 1950 – nº 01, p. 31. Na edição seguinte, informa-se que também concorrerão com uma cautela os zeladores que renovarem cinco assinaturas.

⁴¹ RAINHA DOS APÓSTOLOS, Pallotti: Santa Maria, jul 1953 – nº 07, contracapa.

⁴² Os dois primeiros assinantes que doaram Cr\$ 1.000,00 para a campanha de aquisição da impressora tiveram seu nome publicado na edição de fevereiro de 1953, sendo por isso chamados de “Legionário da Boa Imprensa”.

⁴³ ENTREVISTA com Pe. Lauro Trevisan. Santa Maria, 1º nov. 2005.

A compra de novas máquinas e equipamentos vai lentamente se refletindo em melhorias no padrão estético da revista. Mesmo continuando tipográfica, com 36 páginas e formato pequeno (16x32), *Rainha dos Apóstolos* começa a renovar a sua diagramação, com maior aproveitamento dos elementos gráficos (linhas, tipos, ilustrações) e do espaço da página (melhor distribuição do branco e legibilidade). A partir de 1950, cresce sensivelmente o número de clichês, bem como estes passam a guardar maior grau de relação com o texto, ilustrando as matérias publicadas.⁴⁴

As capas também passam a ser impressas em duas ou três cores, com ilustrações variadas (ANEXO 2). Para se ter uma idéia, antes da década de 50 era comum a repetição da mesma capa ao longo de várias edições, o que num passado não muito distante era característica das revistas vendidas exclusivamente por assinaturas, que não dependiam de uma capa atrativa para se destacar dentre as demais na banca.⁴⁵ Notadamente tem início, em 1953, a publicação de imagens não-religiosas na capa, como crianças e paisagens, que passam a disputar espaço com as ilustrações sacras antes predominantes, como as representações de Vicente Pallotti, de santos, de Cristo e da Virgem Maria. Contudo, estas imagens, aparentemente de caráter secular, muitas vezes vinculavam mensagens religiosas, fazendo referências indiretas a princípios a serem valorizados pelos católicos, como a maternidade e a boa convivência familiar. Em algumas vezes, publicava-se a explicação sob o título “Nossa Capa”, que figurava junto ao índice e ao expediente na primeira página. A simples fotografia de um menino podia inclusive ser utilizada como pretexto para estimular as tendências religiosas nas crianças, como no caso da edição de fevereiro de 1954, que publica a foto de Rafael, filho de um assinante, e transcreve trechos da suposta carta “escrita” pelo menino de

⁴⁴ Anteriormente, era comum a publicação de fotografias sem relação com o texto publicado, na maioria, oriundas de agências internacionais. Os fatos ilustrados nos clichês eram explicados nas legendas, sem guardar alguma relação com o texto.

⁴⁵ BUITONI, Dulcília. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986. p. 58.

dois anos, sobre a qual comenta: “oxalá o saudoso Pe. Rafael encontre em Rafaelzinho um verdadeiro sucessor e continuador do Apostolado da Boa Imprensa.”⁴⁶

Uma característica importante deste período é a redação bastante reduzida. A documentação estudada nos forneceu poucas pistas para especificar em detalhe quem trabalhou em cada momento, uma vez que as participações são, em sua maioria, esparsas e variadas ao longo das edições, não raro indefinidas por pseudônimos. Os nomes elencados no expediente, publicado na primeira página de *Rainha dos Apóstolos*, resumem-se ao dos cargos de chefia, deixando entrever apenas quem comandou *Rainha* e por quanto tempo. Através dele, podemos saber que por lá passaram Pe. Artur Stefanello (diretor de janeiro de 1948 a outubro de 1952, diretor responsável de novembro de 1952 a fevereiro de 1953), Ir. Argemiro Stefani (gerente de fevereiro de 1949 a agosto de 1951), Pe. Francisco Roggia (redator de fevereiro de 1951 a janeiro de 1952, quando passa ao posto de diretor responsável, cargo que ocupa até 1960), Pio José Soldera (redator de janeiro a outubro de 1952 e diretor-redator de novembro de 1952 a 1957) e Pe. Olivo Cesca (diretor de redação de 1957 a 1960).

No contexto de uma redação abreviada, os pseudônimos poderiam ter sido utilizados para dar aos leitores uma idéia de “muita vozes”, ou seja, expressando a visão de diversos “pontos de vista” sob enfoques variados quando na verdade os textos eram escritos por apenas alguns autores. Pe. Gabriel Bolzan colaborou em *Rainha* por muitos anos, sendo responsável por várias colunas assinadas com pseudônimos.⁴⁷ Segundo o historiador Pe. Claudino Magro, seriam a ele atribuídos vários pseudônimos: Padre Catequista, Tio Gabriel, Xirú Manguá, Mafalda Lindóia, Coriolano Buscapé, Padre Amadeu Silva, entre outros, que diferiam entre si e dirigiam-se a públicos variados.

Como não havia praticamente redação fixa, destaca-se a presença dos colaboradores, leigos e religiosos, em sua maioria. Os padres da congregação participavam intensamente, uns

⁴⁶ RAINHA DOS APÓSTOLOS, Pallotti: Santa Maria, fev 1954, nº 01, p. 47.

⁴⁷ Cf.: MAGRO, Claudino. Um sonho, uma conquista. In.: RAINHA DOS APÓSTOLOS. Porto Alegre: Pallotti, nº 943, p. 4, abr. 2003.

redigindo matérias e assinando seções fixas, como no caso de Pe. Bolzan, e outros, participando em artigos esparsos, sempre defendendo as causas católicas. Os artigos da revista também dão voz a autoridades da Igreja, a bispos, cardeais e papas, religiosos seculares e de outras ordens e congregações, sobretudo jesuítas e franciscanos. Marcam presença personalidades como Frei Boaventura, Monsenhor Fulton Sheen e Monsenhor Ascânio Brandão, bem como escritores e jornalistas católicos leigos, alguns de renome na época, como é o caso de Soares D’Azevedo⁴⁸, Adair de Aguiar e Paulo Serrano, que assiduamente colaboravam com suas opiniões.

É bastante freqüente durante o período o aproveitamento de conteúdo fornecido por agências de notícias católicas, como a Agência São Paulo (ASP), Notícias Católicas (NC), entre outras. Provém destas praticamente todo o conteúdo noticioso, composto principalmente de notas informativas sobre o mundo católico. Outras fontes de conteúdo para as páginas de *Rainha* são matérias e artigos publicados em outros periódicos, na maior parte, transcrições de jornais e revistas católicas. Um exemplo é o texto “As torturas do Cardeal”, publicado em *Mensageiro da Fé* e transcrito na *Rainha dos Apóstolos* de fevereiro de 1951, relatando a agonia dos cardeais húngaros presos pelo regime comunista. Outra fonte de textos a ser considerada é o jornal *L’Osservatore Romano*, por fornecer o ponto de vista gerado diretamente do Vaticano. Além de textos, os periódicos e agências também cediam clichês para serem publicados pela revista.

A caracterização como “revista das famílias” vai permear todo o discurso auto-referencial de *Rainha dos Apóstolos* ao longo da década de 50. Ela declaradamente adota o slogan em 1953, quando a frase passa a ser impressa na capa, junto ao nome, sendo mais tarde, em 1957, deslocado para figurar na primeira página, ao lado do expediente. O slogan, de certa forma, é posto em prática com a materialização da idéia de que seu público leitor

⁴⁸ Soares D’Azevedo participa pela primeira vez na edição de maio de 1952, assinando o texto “As duas forças”, sendo apresentado pela redação como “um dos mais célebres e lidos escritores do Brasil” (p. 130). No texto, o autor opina sobre a situação da Igreja no mundo, analisando o impacto do avanço do comunismo e da Segunda Guerra Mundial. Cf.: RAINHA DOS APÓSTOLOS, Pallotti: Santa Maria, maio 1952, n° 05, p. 130-1.

seria formado pelo conjunto familiar. Em editorial de 1955, ela se diz “dirigida às famílias brasileiras”, expressando como sua principal finalidade de estimular a educação dos jovens e a formação de vocações sacerdotais. “O objetivo de nossa Revista é estimular as famílias à genuína educação cristã de seus filhos; batalhar para que elas repudiem os modernos inoculadores do indiferentismo e corrupção: a má imprensa, os programas de rádio, enfim todos os postulados do frívolo espírito moderno.”⁴⁹ Uma vez que o espírito moderno é considerado no texto como causa da diminuição das vocações sacerdotais, lutar contra essa tendência justifica-se como modo legítimo de atingir uma finalidade. “Quando nossa Revista tiver despertado êsse sentido de responsabilidade, de cumprimento de sua tarefa nos lares em que penetra, sentir-se-á satisfeita, pois cumpriu a maior das missões humanas – despertar vocações para o sacerdócio.”⁵⁰

Dirigindo-se, em princípio, a um leitor mais genérico, ela vai ao longo da década de 50 segmentando seu espaço dentro da revista, criando seções dirigidas a diferentes gêneros e faixas etárias, ensaiando aos poucos um processo que se verificará de forma mais intensa após a reforma editorial de Lauro Trevisan. Ainda em 1948, é criada a seção “Cartas Femininas” (ANEXO 3 B), assinada por Mafalda Lindóia⁵¹, dirigida a um público de jovens mulheres e de caráter fortemente moralista, que em abril de 1955 gera uma outra seção no mesmo tom, dedicada ao público jovem masculino, denominada “Carta aos Moços”, redigido pelo “irmão” de Mafalda, Mariano Lindóia. Em 1957, é a vez do “Bazar Infantil”, voltada às crianças, com curiosidades, frases, adivinhações, poesias, quadrinhos e, é claro, pequenas lições de catequese adaptadas à linguagem dos pequenos, carinhosamente assinadas por “Tio Cláudio”. A mulher adulta é alvo da seção “Mulher, Lar, Família”, de Ângela Teresa, mais adiante, transformada em “Conselhos de Dona Odete”, e passando a ser assinada por Odete D’Ávila. Nesta, apesar da mudança de nomes e de responsabilidade, continua abordando as mesmas

⁴⁹ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, jan. 1955, p. 01.

⁵⁰ *Ibid.*

⁵¹ Segundo Pe. Claudino Magro, há indícios de que Mafalda seria uma criação conjunta do Pe. Gabriel Bolzan e de uma sobrinha de um padre palotino.

temáticas, voltadas à dona-de-casa, destacando receitas, conselhos úteis para o lar, dicas de etiqueta, vestuário e decoração. Diferentemente da segmentação promovida por Lauro Trevisan, a estratégia de dirigir-se em separado para diversos públicos desempenha papel secundário dentro da proposta editorial da revista, pois as seções dirigidas são exceções, e não regra, no diagrama das páginas.

Além de expressar um certo grau de segmentação dentro de um público generalizado como familiar, as diferentes seções mantidas ao longo da década de 50 exprimem um caráter devocional, atuando de modo a assessorar o avivamento da fé católica. Nesse sentido, a postura da revista se assemelha muito a do padre, manifestando-se como condutora espiritual dos leitores e delineando seu espaço discursivo como palco para práticas religiosas. Algumas das sessões chegam a se identificar com funções pastorais, assumindo a tarefa de altar, ao expressar o louvor a Deus (seções de graças alcançadas); de confessionário, alertando os fiéis a respeito das práticas aceitas ou rejeitadas pela Igreja (“Resolva suas Dúvidas”); de púlpito, divulgando o pensamento católico em artigos apologéticos (“Cartas Femininas”, “Instantâneos”); e de catequese, orientando e ensinando a doutrina da Igreja (“O catecismo vivido”). No entanto, muitas das seções não têm periodicidade significativa, algumas aparecem somente ao longo de duas ou três edições.

O papel de cada componente familiar também é alvo de diversas matérias, que prescrevem depender da conduta correta, da observação das normas morais e da religiosidade para o sucesso do matrimônio e da harmonia em família. Figuras religiosas são muitas vezes associadas às idealizações, descrevendo a Sagrada Família como modelo a ser imitado, ou relacionando a imagem da mãe à de Nossa Senhora, “que é a um só tempo, Virgem e a melhor das Mães”.⁵² Por outro lado, bastante eloquente e interessante é a aproximação que o artigo “A Deusa do Lar”, do palotino Pe. Genésio Bonfada, faz entre uma deusa pagã e a Virgem

⁵² RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, mai-jun. 1959, p. 172.

Maria.⁵³ Ao contrário das demais religiões, descritas como desvios do rumo considerado certo traçado pelo catolicismo, o texto toma o paganismo antigo como exemplo, propondo como modelo de conduta a deusa romana Vesta, descrita como uma divindade pura e casta, que tem como base “o amor santo” e que propõe a família como de importância central. O autor sugere tomar o exemplo da devoção dos romanos, sacralizando cada elemento do cotidiano para assim “consagrar a Maria tôda a vida familiar.”⁵⁴

O mundo secular, ou seja, a realidade externa a da Igreja Católica enquanto instituição formada por seus componentes leigos e religiosos, raramente ganha foco na pauta de *Rainha dos Apóstolos*. A política, por exemplo, é normalmente retratada enquanto relacionada a questões católicas, como no caso de textos que repercutem fatos de dois governos marcantes no cenário latino-americano de meados do século XX, o de Getúlio Vargas, no Brasil, e o de Juan Domingo Perón, na Argentina. “A morte de Getúlio aos padres”⁵⁵ é um artigo que aponta a postura da Igreja, notadamente contrária ao suicídio, em relação ao fato que chocou o país. Conforme o texto, a publicação do artigo para esclarecer a postura eclesial foi motivada pelas diversas cartas encaminhadas à redação “contendo não poucas acusações injustas ao clero, por ter negado exéquias públicas ao ilustre morto.”⁵⁶ Em relação ao mandatário argentino, o artigo “Que e Quem se movimentam por trás de Perón”⁵⁷ refere-se à virada do peronismo contra a Igreja. A revista justifica a mudança de postura do governo em razão da situação geral adversa, atribuindo como causa desta a influência de “resquícios de eras maçônicas, liberais e socialistas, um vasto estrato de anticlericarismo popular.”⁵⁸

Outro exemplo de abordagem dos acontecimentos internacionais a partir de uma preocupação eclesial é a Guerra da Coréia, trabalhada a partir da exortação do papa aos

⁵³ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, ago. 1959, p. 239-241.

⁵⁴ Ibid. p. 241.

⁵⁵ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, out. 1954, p. 301-2.

⁵⁶ Ibid.

⁵⁷ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, jan. 1955, p. 47-8.

⁵⁸ Ibid. p. 47.

católicos, em 1951, para que dirigissem suas orações aos envolvidos nas lutas daquele país.⁵⁹ Fatos da realidade local também são relatados sob a ótica religiosa. A matéria “Salvo de uma espetacular capotagem” traz o acidente de um caminhão de arroz na localidade gaúcha de São Sepé, que por pouco não acaba em tragédia.⁶⁰ O assinante que guiava o caminhão escapa intacto, fato que é considerado um milagre: “para nós não há dúvida: a mão de Deus esteve no acidente”.⁶¹

No entanto, a revista também trabalha assuntos sem vinculação religiosa, tendência presente ao longo dos anos 1950, observando-se um leve aumento na frequência das matérias desta natureza ao final da década. As matérias informativas aparecem no formato de notícias (principalmente versando sobre política ou economia) ou matérias de enfoques tão variados como a construção de uma usina no Rio Jacuí, as avaliações dos resultados de censos populacionais do Estado, ou a discussão sobre os progressos da ciência. Já o entretenimento apresenta-se em curiosidades, poesias, passatempos, piadas e narrativas ficcionais, principalmente reportando ao universo regionalista ou em problemáticas humanas trabalhadas a partir de fábulas. Como seções pautadas por este enfoque, destacam-se, principalmente as seções femininas (“Mulher, Lar, Família”), de curiosidades e passatempos (“Sei Tudo) e de humor, que mudam de nome frequentemente mas praticamente sem apresentar alterações no formato. Sem localização definida no projeto gráfico estão as dicas de saúde e plantio, frases e pensamentos de personalidades e poesias. Estas parecem cumprir o papel de simplesmente “preencher” o espaço da página, ato condicionado pelas dificuldades de diagramação da página tipográfica. Contudo, fica difícil classificar até que ponto esses diferentes conteúdos deixam de expressar o ponto de vista católico/religioso. Ao examinarmos as seções voltadas para a mulher, por exemplo, podemos questionar até que ponto a publicação de receitas e

⁵⁹ Na edição de fevereiro, publica-se o mapa da “Corea”, “para que o leitor possa acompanhar mais facilmente as notícias”, mas sem esquecer de dirigir sua prece a Deus pela paz mundial. Cf.: RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, fev. 1951, p. 43.

⁶⁰ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, jul 1953, p. 213.

⁶¹ *Ibid.*

dicas para o lar não deixam de revelar condicionamentos e normatizações para a conduta feminina, enquadrando-a na perspectiva dos valores cristãos.

A visão do leitor também passa a ser considerada a partir da década de 50. Inicialmente, sua única forma de participar era através da seção de graças alcançadas ou encaminhando informações para as notas de falecimento. Em 1952, pela primeira vez durante o período observado, aparece uma espécie de coluna de cartas dos leitores, sob o título “Apreciações Encorajadoras”.⁶² Contudo, a coluna se restringe a uma única aparição, sem continuar nas edições seguintes. Em setembro do mesmo ano, a revista faz um apelo aos leitores para que encaminhem suas dúvidas sobre “qualquer assunto”, que iriam ser publicadas na página do leitor a ser criada. Nota-se que as respostas à solicitação foram atendidas, pois na edição seguinte aparece a seção “Resolva suas dúvidas”, assinada por Dr. Crisóstomo (ANEXO 3 A).⁶³ Desde então, a coluna se dedica a responder questões de natureza moral e religiosa dos leitores, tendo continuidade, com raras interrupções, mesmo após o ingresso de Lauro Trevisan. Em algumas edições, “Resolva suas Dúvidas” chega a ocupar mais de seis páginas de texto.

Por outro lado, em 1952, também é realizada uma pesquisa de opinião junto aos leitores da revista, através de questionário encaminhado pelo correio, que solicitava aos mesmos apontarem os defeitos e as qualidades de *Rainha dos Apóstolos*.⁶⁴ O apelo indica uma valoração da opinião dos receptores: “lembra-te, leitor, que quem faz a revista és tu mesmo. Depende de tua colaboração.”⁶⁵

⁶² RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, jan 1952, p. 20.

⁶³ A primeira aparição traz a resposta de três cartas, publicadas sem identificar o nome do autor, definidos por pseudônimos ou simplesmente por “anônimos”: 1) uma jovem normalista de Cruz Alta –RS pergunta por que a Igreja exige trajes especiais para suas cerimônias; 2) o “Amigo Velho”, de Santana do Livramento – RS, queixa-se do comportamento de sua esposa e pede conselhos sobre como deve se portar diante do problema, e 3) um leitor de Santa Maria questiona sobre o Movimento de Schoenstatt. Cf.: RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, out. 1952, p. 296-7.

⁶⁴ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, fev 1952, p. 55-6.

⁶⁵ *Ibid.* Perguntas do questionário: “É útil a tua família? Porque? Quais os artigos e páginas que mais te agradam? O que não achas bom? Que julgas que se poderia acrescentar? Que sugeres para torná-la melhor? Como poderás ajudar-nos? Na propaganda: adquirindo novos assinantes? Entusiasmando os zeladores? Colaborando com eles?”

2.2 Um cenário de combate

Rainha, enquanto permanecia *dos Apóstolos*, mantinha como característica comum a praticamente todas as suas matérias o discurso fortemente alinhado ao da Igreja Católica. Da nota simples ao artigo mais opinativo, a revista expressava sua missão de propagar os ideais católicos e incentivar a prática da fé, ao mesmo tempo em que combatia os tradicionais “inimigos da igreja”, levando a cabo o ideal proposto por Leão XIII, no final do século XIX, de “opor escrito a escrito”, “publicação a publicação”.⁶⁶ Predomina a concepção do periódico como “arma”, caracterizando em todas as letras aquilo que a Igreja preconizava como “boa imprensa”, empenhada na eterna luta contra a “má imprensa”. Quando a lógica pressupõe que os “bons” veículos travem oposição aos considerados “maus”, *Rainha dos Apóstolos* constrói seu discurso como alternativa à imprensa avaliada como nociva, de cunho liberal, ofensiva aos costumes cristãos ou em oposição à Igreja. Nas palavras do colaborador Mons. Tomás Gorman: “uma imprensa alerta ilumina aos católicos, desperta-os diante dos perigos e defende suas instituições contra os assaltos dos inimigos”.⁶⁷

Até a primeira metade do século XX, a postura do catolicismo perante os meios de comunicação expressa a continuidade de uma perspectiva fortemente moralista e restritiva, amalgamada ao longo de toda a história da Igreja.⁶⁸ Contudo, é no final do século XIX que se ensaiam as primeiras iniciativas do discurso pontifício em rever sua posição meramente condenatória face à problemática. O pontificado de Leão XIII (1878-1903), ao fortalecer o

Passando-a a amigos e conhecidos que não podem assina-la? Escrevendo artigos? Mandando notícias da paróquia? Do lugar? Fornecendo anúncios comerciais e em geral? Enviando fotografias para clichês?”

⁶⁶ SOARES, Ismar de O. *Op. Cit.* p. 65.

⁶⁷ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, jun 1956, p. 164.

⁶⁸ De Pio VI (1775-1799) a Pio IX (1846-1878), sucedem-se papas que propõem a contra-revolução, condenando a imprensa como a “inimiga número um da humanidade” (Pio VII – 1800-1823), fundamentalmente enquanto principal panfletária dos ideais racionalistas, socialistas, comunistas e liberais em geral. Esse pensamento só irá mudar no momento em que os papas percebem que é possível utilizar a mesma arma para combater seus inimigos. Cf.: SOARES, Ismar de O. *Op. Cit.*, p.55.

papel a ser desempenhado pela “boa imprensa” católica e sinalizar alguns gestos de abertura⁶⁹, marca o início de uma segunda fase no que se refere à postura da Igreja face aos meios de comunicação. Para Marques de Melo, essa segunda fase, que perdura até a convocação do Vaticano II pelo papa João XXIII, se traduz em uma “aceitação desconfiada dos meios”, na qual a instituição católica passa a fazer uso da comunicação massiva ao mesmo tempo em que exercita um controle sobre a imprensa, o cinema e o rádio.⁷⁰

Contudo, essa “abertura” estaria condicionada a dar voz às estratégias de combate adotadas após o Concílio Vaticano I, responsável pela reação da Igreja às ideologias liberalizantes que vigoravam na Europa no final do século XIX. A própria atuação da Pia Sociedade das Missões faz parte do contexto de resposta caracterizado pela reação ultramontana⁷¹, transportando para a região da colonização italiana do RS as preocupações do cenário europeu, no qual a Igreja respondia à ameaça de seus inimigos através da reafirmação do poder papal e da hierarquia da Igreja. Essas questões foram trabalhadas na zona de imigração, uma vez que uma das principais pautas missionárias era a reafirmação do poder do catolicismo em todas as cores.⁷² A utilização daquela que era a “porta-voz” da congregação junto às famílias católicas como difusora desse ideário representava um poderoso sustentáculo dentre as práticas combativas, conforme a visão da Igreja – e dos palotinos, em particular – a respeito dos meios de comunicação.

No plano nacional, a Igreja também buscava nas inspirações ultramontanas o fortalecimento para recuperar o terreno perdido desde a separação com o Estado, na primeira constituição da República. A multiplicação de dioceses, a rearticulação das lideranças católicas

⁶⁹ DALE, Romeu. *Apud*. SOARES, Ismar de O. *Op. Cit*, p. 61.

⁷⁰ MARQUES DE MELO, José. *Op. Cit*. p. 25.

⁷¹ “Esse movimento conservador também se disseminou pelo mundo cristão e chegou ao Brasil Imperial (...), se deu tanto através da renovação ou criação de seminários, formação de um novo clero, quanto pela chegada de novas ordens religiosas no Brasil, como foi o caso da Pia Sociedade das Missões, em 1886.” Cf.: BIASOLI, Vitor O. F. *O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria da Boca do Monte – RS (1870-1920)*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2005. p. 41.

⁷² A reação ultramontana na Quarta Colônia de Imigração Italiana através da ação dos padres palotinos é detalhadamente explicada em BIASOLI, Vitor O. F. *Op. Cit*; e VÉSCIO, Luiz Eugênio. *O crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul - 1893-1928*. Santa Maria: Editora UFSM; Porto Alegre: Editora UFRGS, 2001.

e o avivamento do espírito missionário constituem parte das estratégias de reconquista da Igreja Católica brasileira⁷³, explanadas em *Rainha dos Apóstolos* ao longo de matérias e artigos que versam sobre a materialização destas políticas um plano local, dando visibilidade ao empenho dos palotinos em promover a realização de retiros espirituais para leigos, empreender missões para arrebanhar novos fiéis em aldeias indígenas e promover as práticas religiosas nas comunidades mais isoladas.

Para além da defesa de um determinado modelo de cristandade, os ecos da revitalização ultramontana podem ser melhor compreendidos através de seus discursos de ataque, na voz de veículos como *Rainha*, que se empenhavam na defesa da Igreja perante seus inimigos. No mensário palotino, o grau da crítica aparece diluído ao longo de séries, seções, artigos e matérias diversas, em textos combativos às ideologias e práticas condenadas pela Igreja, além de reafirmar a suposta supremacia dos preceitos católicos perante as demais religiões e seitas.

Podemos citar como os alvos mais freqüentes da crítica o comunismo, o protestantismo (dos luteranos às Testemunhas de Jeová), o divórcio, o rotarismo, a “má imprensa”, o espiritismo, a “pornografia”, a maçonaria, o espírito moderno, a vaidade, as religiões afro-brasileiras (umbanda e candomblé), as superstições e crendices populares. Alguns recebem enfoque sistemático, como o caso do divórcio, que contabiliza considerável número de artigos destinados a discutir a questão em 1954, quando a revista declara engajar-se à “Campanha Nacional em favor do matrimônio indissolúvel”.⁷⁴ A partir de 1957, também são publicadas diversas matérias destinadas a alertar os católicos contra a Legião da Boa Vontade, obra de caridade fundada por Alziro Zarur, de orientação espírita.⁷⁵

⁷³ SOARES, Ismar de O. *Op. Cit.* p.198.

⁷⁴ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, fev. 1954, p. 48-9.

⁷⁵ O artigo “Estranha Boa Vontade”, de Pe. Olivo Cesca faz uso da ironia para expressar sua reprovação sobre a LBV. O texto é acompanhado da ilustração de uma figura satânica, acompanhada pela legenda “O capeta, todo gostosão, parece dizer lá com sua barbicha: - ‘Que beleza! A gente nem precisa mais se incomodar. Maçonaria, espiritismo, umbanda, L.V.B. (sic.) e companhia bela, se encarregam de tudo. E assim os homens – pobres dêles, - vêm vindo de montão pro meu papo.’” Cf.: RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, mar. 1957, p. 75.

Muitos dos textos agrupam mais de um “inimigo” na mesma matéria. É o caso do texto “A batalha contra a Família Brasileira”, de Pe. J. Busato, sobre a necessidade de combater o divórcio e a má imprensa, representada pelas revistas consideradas “pornográficas”.⁷⁶ Ou da nota “História de um cassino”, que combate o suicídio e o vício do jogo ao destacar o fechamento do Cassino de Nice, que registrou mais de 20 mil suicídios em seus 50 anos de existência.⁷⁷ Já o artigo “Deus proíbe”, dedica-se a criticar nos mesmos parâmetros tanto as práticas espíritas quanto as do candomblé.⁷⁸

Na guerra pela moralidade, até mesmo uma distração infantil podia representar um “estímulo moderno às velhas tendências da natureza humana decaída.”⁷⁹ O artigo denominado “O bambolê” condena o uso do brinquedo, alegando que sua utilização poderia provocar repercussões negativas na psicologia e até mesmo na fisiologia das crianças, causando “influências graves no comportamento futuro de quem o usa habitualmente.”⁸⁰

A prática da Igreja de reunir, sob a égide de um mesmo discurso, perspectivas religiosas e ideológicas tão diferentes, está prescrita na gênese da própria reação ultramontana, no contexto da Europa sacudida pelas revoluções no século XIX.

(...) desde o início dos tempos modernos, a Igreja associou, num só bloco, para condená-lo, o ideário protestante, as guerras de religião, os panfletos e livros liberais, o crescimento da imoralidade pública, as conspirações contra o Antigo Regime. A ruptura com o mundo moderno tornou-se inevitável a partir do momento em que os interesses temporais do papa foram feridos com a queda dos Estados Pontifícios nas mãos dos patriotas de Cavour, em 1870. O papa, tornando-se prisioneiro no Vaticano, passou a ser o símbolo do “bem”, amordaçado por tudo o que representava o “mal”. Foi como se a religião tivesse sido encurralada por todos os demônios do mundo.⁸¹

⁷⁶ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, set 1952, p. 281.

⁷⁷ _____. Santa Maria: Pallotti, jul 1953, p. 214.

⁷⁸ _____. Santa Maria: Pallotti, set 1953, p. 261.

⁷⁹ _____. Santa Maria: Pallotti, mai-jun. 1959, p. 158.

⁸⁰ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, mai-jun. 1959, p. 158. Segue o texto: “Não é conveniente nem possível falar claro nesta coluna; basta que verifiquemos bem a ordem e o ritmo dos movimentos musculares executados com esse brinquedo, para traçarmos logo o quadro de estímulos e reações psicossomáticas, virtualmente incorporadas à personalidade de quem faz do bambolê o seu brinquedo. Além disso, há o escândalo que seu uso provoca; muito grave, gravíssimo. Aos senhores pais interessados em maiores esclarecimento (sic) sobre o assunto, se é que têm esse problema em casa, aconselhamos uma conversa com o médico da família, com o diretor espiritual com um psicólogo, dos quais poderão obter todos os esclarecimentos que aqui apenas sugerimos (...).”

⁸¹ SOARES, Ismar de O. *Op. Cit.* p.62-3.

E se há um principal “demônio” alvo dos textos apologéticos da revista, ele é representado, certamente, pelo comunismo. *Rainha dos Apóstolos* relata, dentre outros enfoques, o alerta contra a “ameaça comunista” no Brasil⁸² e as exortações da cúria contra os católicos que aderem ao partido vermelho⁸³, bem como destaca o testemunho de ex-comunistas, que demonstram seu arrependimento e a conseguinte conversão ao catolicismo, um deles inclusive se tornando padre palotino.⁸⁴ A insistência em combater a ideologia talvez esteja relacionada ao contexto da época de reação do Ocidente à “ameaça vermelha”, representada pelo clima de “caça as bruxas” que pairava sobre a sociedade e pelo desenrolar da cortina de ferro na Europa, que motivou intensas perseguições aos católicos desses países. Contudo, a visibilização do conflito entre Igreja e comunismo na imprensa remonta à encíclica *Nostis et Nobiscum*, de dezembro de 1849, na qual Pio IX exorta os bispos para que respondam, com armas iguais, às idéias socialistas que veiculavam em Roma naquele momento e provocavam a organização de manifestações de massa.⁸⁵

Podemos caracterizar a *Rainha dos Apóstolos* dos anos 50 como uma revista marcadamente apologética e confessional, dedicada a evangelizar e a defender com unhas e dentes a causa católica na cruzada contra seus inimigos. Ao longo da década, ela segue à risca essa orientação, mas já antecipa sinais de mudanças. Mesmo tímida, a revista ensaia uma aproximação de seu público, segmentando o conteúdo para adequar-se à ampla gama de leitores e cedendo espaço para a voz deles em suas páginas, principalmente para expressar agradecimento a Deus, tirar dúvidas sobre questões de fé e homenagear seus falecidos. Tenta cativar o leitor com a publicação de outras temáticas, divertindo-o com curiosidades,

⁸² “E a onça roncou”, texto de Mons. Ascânio Brandão que utiliza um apólogo comparando a ação do comunismo na política brasileira à atitude do animal que finge dormir, mas está á espreita. Cf.: RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, set 1950, p. 265-268.

⁸³ “A bomba do Vaticano”, artigo assinado por Pe. Caetano de Monte Belo, sobre o decreto do Santo Ofício condenando o comunismo, relatando a excomunhão de todos “os fiéis cristãos que fizeram profissão da doutrina anti-cristã e materialista dos comunistas”. Cf.: RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, out 1949, p. 313.

⁸⁴ “De Marx a Cristo – um velho comunista se converte e se torna sacerdote palotino”, texto que relata a história de E. H. Kronkowski, na Rússia. Cf.: RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, nov. 1953, p. 347-9.

⁸⁵ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, nov. 1953, p. 58.

passatempos e piadas, mas sem descuidar de divulgar a doutrina cristã e propor modelos de conduta ao relatar a trajetória de santos da Igreja, mártires, religiosos e leigos católicos cujo testemunho é descrito como exemplo para todos os fiéis. A revista cresce, sua tiragem praticamente dobra ao longo da década, mas ela ainda está longe de atingir todo o crescimento verificado após as reformas de Lauro Trevisan.

Contudo, percebe-se a formação de um terreno propício para que a revista adotasse uma abordagem mais próxima à realidade vivenciada por seus leitores, contudo sem abandonar a percepção instrumental da imprensa, cuja concepção se revelava limitada e fortemente apologética. Mesmo com os sinais dessa tendência ainda bastante anêmicos, cria-se uma certa “base” que revela indícios de uma verdadeira reestruturação, que não se refletirá somente no caso da reforma editorial de *Rainha dos Apóstolos* na década de 60, mas no plano mais amplo da própria relação entre mídia e Igreja Católica a partir da segunda metade do século.

Segundo Paula Montero, a completa transformação na natureza da imprensa, que ocorre a partir do final da Segunda Guerra Mundial, também irá condicionar um quadro de modificações no âmbito do jornalismo católico. O surgimento dos grandes conglomerados de imprensa e as transformações tecnológicas põem em xeque o modelo de periódico confessional em seu modo de produção precário e abrangência restrita.⁸⁶ Diante desta realidade, os veículos conformam-se ao imperativo de adaptar-se aos novos rumos do jornalismo moderno, ditados pela instantaneidade das informações e por uma constante profissionalização das atividades, ou, caso contrário, desaparecem como a maior parte dos periódicos contemporâneos a *Rainha*, que surgiram “num momento em que a estrutura de um jornal não era ainda tão complexa e onerosa e em que a Igreja dava seus primeiros passos no sentido de organizar mais profissionalmente o campo do jornalismo católico”.⁸⁷

⁸⁶ DELLA CAVA, Ralph & MONTERO, Paula. *Op. Cit.* p. 208.

⁸⁷ *Ibid.*

Além da completa transformação na estrutura produtiva do campo da imprensa, associa-se a esta conjuntura a ocorrência de um grande passo da Igreja Católica no sentido de reorientar-se aos novos tempos. Se até então a Igreja articulava seus esforços no campo comunicacional em torno da evangelização e na promoção de cruzadas contra seus inimigos, a partir dos avanços promovidos pelo Concílio Vaticano II ela irá adotar uma visão mais tolerante e ecumênica, ao passo que estrutura um outro modo de interagir com a sociedade através dos meios de comunicação. No pequeno mensário palotino, as implicações provocadas pelos ventos reformuladores deste *aggiornamento* irão se traduzir no nome de um jovem padre recém ordenado, que assume a direção do periódico em 1961: Lauro Trevisan.

3 RAINHA NO CONTEXTO DAS REFORMAS: A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PROJETO EDITORIAL (1961-1969)

A revista *Rainha dos Apóstolos* enfrentou, a partir do início da década de 60, um período de mudanças que revolucionaram seu modo de se inserir no mundo enquanto veículo midiático. Estas são motivadas por Pe. Lauro Trevisan⁸⁸, um palotino recém ordenado que assume a direção da revista, em 1961, com a pretensão de transformar o pequeno mensário de Santa Maria numa “revista de projeção”. O alcance da reforma acompanha uma profunda reestruturação tanto na postura editorial, na diagramação e na distribuição das matérias, como na equipe redacional e na própria organização produtiva. Na iniciativa de romper com o que estava sendo feito, Pe. Lauro irá consolidar um perfil editorial próprio, introduzindo transformações que repercutem no crescimento da tiragem e na conseqüente ampliação do público leitor.

Este negócio de ir levando na base do feijão com arroz não era comigo. Por isso, nada ou pouco me agradava da *Rainha*. Achava-a parada no tempo e no espaço. Uma ilustre desconhecida.⁸⁹

⁸⁸ Nascido em Santa Maria, Lauro Trevisan foi ordenado sacerdote em abril de 1959, após concluir seus estudos no Colégio Máximo Palotino, na mesma cidade. Como padre, atuou brevemente no Hospital Dom Vicente, em Cruz Alta-RS, e atendeu, em caráter temporário, a catedral de Uruguaiana-RS. Logo após, Lauro Trevisan foi designado para trabalhar na gráfica palotina, e em 1961, assume *Rainha dos Apóstolos* como o sexto palotino na direção da revista, lá permanecendo até a transferência para Porto Alegre, em 1978. O sacerdote passa então a dedicar-se, até os dias de hoje, ao estudo e divulgação do poder da mente, prestando assistência espiritual e realizando palestras em todo o Brasil, tendo publicado mais de 50 obras e um *best seller* sobre o assunto com mais de 1 milhão de cópias. Cf.: ENTREVISTA com Pe. Lauro Trevisan. Santa Maria, 1º nov. 2005.

⁸⁹ RAINHA. n.º 500. Santa Maria: Pallotti, abr. 1973. p.52.

O depoimento de Trevisan durante a comemoração do cinquentenário de *Rainha* traz algo mais do que o caráter “visionário” de um jovem sacerdote de 26 anos que deseja transformar uma revista de circulação restrita, a qual ele define como “uma ilustre desconhecida”, numa “revista de projeção”. O crescimento guarda consigo as sementes da mutação que ocorre na sociedade do ponto de vista político, econômico, religioso e cultural, e que se materializa com a introdução de novos estilos de linguagem na redação dos textos e na tentativa de trabalhar assuntos que refletissem os interesses dos leitores e da nova realidade sócio-cultural. A propaganda do ideário católico-palotino cede espaço para a ampla gama de personagens e temáticas da cultura da mídia, cujo raio de atuação ganha força com a expansão do consumo. Trata-se, portanto, da tentativa de sintonizar *Rainha* aos padrões e estilos difundidos pela mídia brasileira, que vai muito além da concepção de uma revista, segundo o editor, “parada no tempo e no espaço” e restrita a difundir a perspectiva de uma congregação, presa a um ideário que remonta ao século XIX. Essa posição, considerada estática por Lauro Trevisan, não corresponde aos anseios do mercado consumidor, além de se encontrar em xeque quanto à sua finalidade missionária em razão das transformações que ocorrem na Igreja Católica daquela época.

3.1 A família na revista – *Rainha* na década de 60

Ao observarmos as primeiras edições de *Rainha* no comando de Trevisan, percebemos no aspecto gráfico sinais do rompimento com a proposta editorial anterior. Da capa à estruturação das matérias, percebe-se claramente um redirecionamento em torno de linhas mais “modernas”, em sintonia com os periódicos de seu tempo (ANEXO 4).

Num primeiro momento, especificamente entre 1961 e 1968, a reforma é mais tímida, ainda bastante limitada pelos poucos recursos técnicos. O primeiro grande impacto se dá na primeira edição de *Rainha dos Apóstolos* sob o comando do novo diretor, em março de 1961, com a mudança do formato pequeno (16x32) para o grande (23x32) – tamanho padrão de revistas de informação da época, como *O Cruzeiro* e *Manchete*. Até 1967, *Rainha* permanece tipográfica, impressa em P&B, com algumas páginas em duas cores. Depois ela passa a ser impressa pelo sistema off-set, com capa em quadricromia e miolo P&B. A diagramação assume tonalidades mais atrativas, dando maior destaque à fotografia conforme os recursos técnicos iam avançando. Neste sentido, também se introduz um projeto gráfico mais consistente, com a pluralização dos elementos visuais (fios, ilustrações, quadros, destaques, retículas, etc.).

Uma das ações mais marcantes neste primeiro momento é a retirada do termo “dos Apóstolos” do título da revista, que passa a se chamar simplesmente *Rainha*. A redução do nome condiz com a nova política editorial, que tenta afastar-se da caracterização tipicamente religiosa para atrair, além de seu público alvo tradicional, os leitores não-católicos.⁹⁰ Por outro lado, a iniciativa também pode significar uma estratégia de simplificação da marca, para assim fixar mais facilmente seu nome na memória do consumidor, bem como possivelmente relaciona-se a uma tentativa de aproximação com o público feminino⁹¹, conforme sugere o

⁹⁰ A iniciativa de eliminar a vinculação religiosa no título de uma revista também será tomada, em 1969, pelo Frei Clarêncio Neotti, editor da *Revista Católica de Cultura Vozes*, que retira o termo “Católica” desta, transformando-na *Revista de Cultura Vozes*. Nesse período, tanto a revista como a editora franciscana passam por uma reestruturação em seus propósitos de veículo confessional, a exemplo da reforma em *Rainha*. Sobre as mudanças em *Vozes*: DELLA CAVA, Ralph & MONTERO, Paula. *Op. Cit.*; ANDRADES, Marcelo F. de. *Do claustro à universidade: as estratégias editoriais da Editora Vozes na gestão de Frei Ludovico Gomes de Castro (1964-1986)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Fabico/UFRGS, 2001.

⁹¹ A especificação do público no título das revistas femininas é uma constante verificada desde a primeira publicação dedicada às mulheres, o *Lady's Mercury*, no final do século XVII. Cf. BUITONI, Dulcília S. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986. p. 7. Obviamente seria leviandade afirmar, a partir desta simples inferência associada ao nome, que *Rainha* caracteriza-se enquanto revista feminina, se não fosse verificada ao longo das décadas de 60 e 70 uma série de especificidades que aproximam o periódico desse gênero, tais como a publicação de fotonovelas, correio sentimental, moda, testes, receitas, entre outras. Este aspecto será observado com maior grau de detalhe no capítulo 3.

amplo quadro de sentidos fornecidos pela palavra “rainha” – normalmente relacionados à figura da mulher, a exemplo da expressão “rainha do lar”.

A vinculação da revista a Sociedade do Apostolado Católico também é disfarçada nos primeiros anos da reforma, notadamente pela eliminação, no espaço do expediente, dos dizeres “publicação dos padres palotinos”. Entre 1964 e 1968, ela volta a declarar-se ligada aos “palotinos do sul do Brasil”, para abandonar, entre o final dos 60 e o início dos anos 70, uma referência formal no expediente e nas demais páginas da revista a sua filiação a Igreja Católica.

As capas das primeiras edições sob a direção de Lauro Trevisan já sinalizavam a tendência de reduzir o apelo religioso da publicação, o que iria caracterizar *Rainha* nos anos 60 e 70, ao introduzir manchetes, substituir as imagens religiosas por fotografias que ilustrassem a matéria em destaque e ocultar o termo “dos Apóstolos” do nome da revista⁹². As imagens sacras praticamente desaparecem, em lugar delas surgem desenhos de paisagens, fotos de crianças, mulheres, famílias. Como as demais ilustrações, os recursos expressivos e a qualidade da imagem da capa são condicionados pelas limitações técnicas: não podemos esquecer que o sistema de impressão ainda era a tipografia, com as imagens reproduzidas através de clichês. Contudo, a proposta já não é mais a mesma, passando a serem ressaltadas as finalidades estéticas e informativas das fotografias.

Ganham espaço novas temáticas – atualidades, educação, psicologia, entretenimento – e novos modos de abordagem, afastando-se dos artigos apologéticos e doutrinadores para passar a apresentar a informação em matérias jornalísticas – notas, reportagens, entrevistas – dedicando seções específicas para passatempos, piadas, dicas para donas-de-casa, fotos de leitores, correio sentimental e poesias. Outras novidades que vão sendo introduzidas são os concursos e promoções, que visam fidelizar o leitor e ampliar as assinaturas, bem como

⁹² Contudo, o antigo e o novo nome aparecem alternadamente ao longo de várias edições. Em junho de 1962, por exemplo, o título é *Rainha*, enquanto no mês seguinte, reaparece a denominação *Rainha dos Apóstolos*. O termo “dos Apóstolos” cai em desuso em meados de 1964, sendo retomado apenas no final da década de 90.

destacar a crescente participação destes através das seções de cartas, que buscam publicizar a procura por um par ideal ou a resolução de dúvidas e problemas pessoais.

A maioria das seções fixas na *Rainha dos Apóstolos* pré-reforma desaparece logo nas primeiras edições, caso da seção Cartas Femininas, que sobrevive apenas por alguns meses de 1961. Outras perduram por mais tempo, como as seções de graças alcançadas, obituário e notícias católicas, mas estas vão passando por mudanças significativas ao longo dos anos, principalmente abrindo seu espaço para temáticas diversas (caso da página de notícias) e para abordagens não-católicas. A transformação pela qual passa a seção Resolva suas Dúvidas é ilustrativa. Em 1961 ela passa a ser responsabilidade de Dr. Gentil, que vai substituir Dr. Crisóstomo para responder às cartas dos leitores (ambos pseudônimos). A partir de então ela assumirá uma roupagem diferenciada, dividindo seu espaço entre a resolução de dúvidas espirituais e o esclarecimento da doutrina da Igreja (como a pergunta da leitora que deseja saber se é possível mudar o dia do jejum caso equivocadamente se coma carne em dias de abstinência), e a resolução de problemas sentimentais (moça que tem dúvidas se deve ou não casar, etc.). À medida que se aproxima o final da década, a seção apresenta-se cada vez mais voltada a esta última tendência, para passar a se dedicar exclusivamente à resolução de conflitos pessoais na entrada da década de 70, mudando novamente de responsável, que responde pelo pseudônimo de Dr. Lousannes. Pe. Lauro também experimenta criar uma outra seção de aconselhamento, o “Escritório Geral do Povo”, segundo a qual um médico, um advogado, um sacerdote, um engenheiro agrônomo e um psicólogo se debruçariam a resolver as dúvidas dos leitores em suas respectivas especialidades. Contudo, a proposta dura pouco tempo: a nova seção figura em apenas algumas edições entre 1963 e 1964.

Observa-se, ao longo da década de 60, uma clara mudança de perfil, segundo a qual *Rainha* deixa para trás a postura “de combate” na defesa da ideologia católica para consolidar uma visão mais “ponderada” a respeito dos acontecimentos. É possível verificar a diferença entre os modos de tratamento antes e depois de Lauro Trevisan no exemplo das matérias que

trabalham o carnaval. No antigo modelo, a revista tendia a condenar tacitamente os festejos de Momo, como demonstra a matéria “50.000 pessoas fogem do carnaval porto-alegrense”,⁹³ que aborda o êxodo pré-carnaval na capital do Estado. *Rainha dos Apóstolos* atribui como causa do fato a suposta renúncia de boa parte da população em participar da folia, o que significaria, na opinião da revista, uma fuga à “imoralidade” do carnaval.⁹⁴ Após as reformas, a matéria “Ei você aí, o carnaval vem aí”⁹⁵ trabalha com uma argumentação bem mais amena, não chegando, em nenhum momento, a condenar explicitamente o carnaval ou denunciá-lo como prejudicial à “moralidade”. O texto resume-se apenas a pedir “moderação” nos festejos, sugerindo que a data seja comemorada como uma festa familiar, “com um churrasco apetitoso, temperado com sanfona e violão (...)”⁹⁶ A proposta é ilustrada, na matéria, com fotografias de locais bucólicos, lagos e rios, dando a idéia de “cenários” para a celebração.

Se o combate ao espiritismo, às religiões protestantes, à umbanda, à maçonaria, ao divórcio e ao espírito modernizador constituíam as principais pautas da revista pré-reforma, essas temáticas praticamente desaparecem das páginas de *Rainha* após 1961. A partir de então, os artigos apologéticos vão reduzindo cada vez mais suas aparições para perder totalmente o seu espaço, outrora prioridade, nas páginas do mensário em meados da década de 60.

Somente um dos inimigos continuará a ser abordado pela revista, ao menos até 1964, o comunismo. Após as reformas editoriais, a oposição à ideologia move-se por princípios diferentes daqueles que motivavam as dezenas de notas e artigos da década de 50, incumbidos essencialmente em denunciar a perseguição dos comunistas aos católicos, sobretudo padres,

⁹³ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Nº 02. Santa Maria, fevereiro de 1959. p. 36.

⁹⁴ A matéria vai mais além, chegando a dizer que a tendência dos porto-alegrenses em sair da cidade durante o feriado representa que “há muita gente que ainda deseja viver como entes racionais, para não dizer como filhos de Deus”. *Ibid.*

⁹⁵ RAINHA. Santa Maria, fevereiro de 1961, p. 44.

⁹⁶ Segue o texto: “ou com um passeio com a família ou amigos e vizinhos à beira de um rio, de um açude, à sombra de um poético bosque; ou com uma pescaria divertida; ou reunindo-se os pais com os filhos todos, solteiros e casados, para uma janta de confraternização (onde as galinhas paguem o pato)... Para ser mais divertido, ponham as sobrinhas e os garotinhos a declamarem ou cantarem, misturem tudo com sanfona, com brincadeiras, anedotas, comédias, cantos, duplas, poesias e coisa semelhante”. *Ibid.*

bispos e cardeais, nos países submetidos ao regime. A oposição ao comunismo, neste momento, passa a fazer parte de um contexto de mobilização da imprensa contra o “perigo vermelho”, sobretudo nos anos que sucedem a Revolução Cubana, como reflexo ao desenvolvimento da doutrina de segurança nacional no Brasil. Esse conceito ganha força durante a Guerra Fria, quando a noção de guerra total e do conflito inevitável entre as duas potências infiltra-se de forma específica na América Latina, enfatizando a necessidade de se fortalecer a “segurança interna” em reação às forças indiretas do comunismo, percebidas no crescimento dos movimentos sociais populares.⁹⁷

Dentro deste quadro, a grande imprensa brasileira toma parte ativa na conscientização do “perigo vermelho”, ajudando a moldar a conjuntura que culmina na instalação do regime militar no país. *Rainha* associa-se a este discurso, passando a defender, enquanto revista católica, os “ideais democráticos” em resposta à ameaça.

E enquanto existirem êsses benfeitores amigos em grande número – a revista *Rainha* continuará firme na sua luta pelo bem das famílias, pela Religião, pela formação de jovens e dos casais e pela defesa da democracia contra o regime comunista. Quando nos faltarem os benfeitores talvez teremos que silenciar e isso será um grande passo para a desgraça total das famílias. Pois é isso o que quer o comunismo.”⁹⁸

Outro exemplo é a publicação em *Rainha* da tradução de uma matéria da revista *Time* sobre a fome na região nordestina.⁹⁹ O texto alerta a respeito do perigo vermelho que paira sobre a região em virtude do “crescente descontentamento” popular e da mobilização das Ligas Camponesas nos Estados.¹⁰⁰ Mesmo divulgada originalmente em revista estrangeira, a matéria ilustra bem a repercussão na imprensa da Doutrina de Segurança Nacional, que

⁹⁷ ALVES, Maria Helena M. *Estado e oposição no Brasil 1964-1984*. Bauru: Edusc, 2005. p. 39-40.

⁹⁸ RAINHA. Santa Maria, maio de 1963, p. 17.

⁹⁹ _____, julho de 1962, p. 04-5; 18.

¹⁰⁰ *Ibid.* p. 05.

identifica com clareza o inimigo “alojado internamente”, que visa “corroer os ideais democráticos e instaurar o socialismo”.¹⁰¹

Dessa forma, o alerta contra o comunismo em *Rainha* deixa de ser pautado por motivações religiosas e baseado em orientações eclesiais, conforme explicitamos no primeiro capítulo, para compor o contexto sócio-político ao qual a revista tenta oferecer seu discurso em resposta. O conteúdo de atualidades, por outro lado, representado principalmente pela seção de notícias, passa a dividir seu espaço tradicionalmente voltado apenas a assuntos católicos com a divulgação de acontecimentos relativos à sociedade como um todo.

O apagamento da caracterização puramente religiosa expressa uma tentativa de atingir um público maior, viabilizar a revista economicamente e ampliar seu raio de abrangência. “Ela teria que ser uma revista que alcançasse o ‘geral’ da população e, através da sua mensagem, fazer o bem às pessoas, criando um mundo mais positivo, um mundo mais agradável”,¹⁰² diz o editor. Segundo Lauro Trevisan, o predomínio de assuntos católicos afastaria o grande público, além de abranger o mesmo conjunto de pessoas que já eram atingidas pelos sermões dos padres na Igreja. Para ele, era preciso alcançar outros indivíduos, inclusive os que não praticavam religião, gerando um ambiente propício a fomentar atitudes cristãs para mais tarde incuti-los do ideário católico. Só seria possível alçar este público desvinculando a revista de sua imagem religiosa e associando-se a estratégias de segmentação para captar os diferentes públicos.

Contudo, mesmo ensaiando movimento expressivo para desfazer sua imagem de revista estritamente católica, o discurso de *Rainha* reflete a existência de um constante tensionamento entre a necessidade de adaptar-se ao espírito de seu tempo e a de representar uma finalidade institucional. Em virtude disso, ela irá construir, ao longo da década de 60,

¹⁰¹ AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa, Estado Autoritário* (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999. p. 57.

¹⁰² ENTREVISTA com Pe. Lauro Trevisan. Santa Maria, 1º nov. 2005.

uma nova forma de trabalhar seus propósitos em relação ao que vinha sendo desenvolvido antes das reformas.

A citação do discurso de Lauro Trevisan na primeira reunião geral dos representantes da revista, em outubro de 1963, afirma a importância das revistas católicas oferecerem-se como referencial para as famílias, tanto enquanto suporte psicológico ou na sustentação dos “ideais cristãos e democráticos”. Mesmo trabalhando sob uma perspectiva diversa daquela anterior às reformas, a revista não nega seu caráter “orientador”.

(Pe. Lauro) Enalteceu a importância extraordinária que assume a imprensa católica atualmente no Brasil, uma vez que é tão necessária para levar a orientação cristã aos homens, às famílias, às classes sociais, ao povo, onde este se encontra, já que é mínima a porcentagem dos que buscam o ensinamento de Deus nas igrejas. Nesta época em que parece dominar uma confusão de idéias e de ideologias – é necessário que as famílias tenham, ao menos pelas páginas de uma revista, a orientação segura para se conduzirem no caminho certo. É necessário que mantenham a existência das revistas e jornais católicos, pois estes serão sempre o baluarte da defesa dos ideais cristãos e democráticos e serão o clarim de alerta nas horas de perigo. Quanto bem não fará a revista *Rainha* às famílias, ajudando os pais, encaminhando os filhos, oferecendo aos jovens uma solução para seus problemas e ansiedades.¹⁰³

A nova concepção mantém a preocupação com a unidade familiar, levando *Rainha* a reestruturar sua fórmula de “revista das famílias”. A diferença é que agora o periódico não visa prioritariamente inculcar nestas o ideário católico, mobilizando-as para o combate aos inimigos da Igreja, mas sim, fomentar a harmonia no lar e a convivência entre os componentes da unidade familiar. O argumento de Lauro Trevisan, por outro lado, reflete bem as idéias que se materializam no contexto do Vaticano II, que reafirma o imperativo dos católicos promoverem e sustentarem os meios de comunicação social guiados pelos bons valores. A proposta repercute o tom do documento conciliar *Inter Mirifica*, de 1963, que prescreve a necessidade de se garantir a formação pessoal do receptor e a evangelização através dos instrumentos de comunicação social.¹⁰⁴

¹⁰³ RAINHA. Santa Maria, dezembro de 1963, contracapa.

¹⁰⁴ SOARES, Ismar de O. *Op. Cit.* p. 105.

Serve de orientação, em vez da doutrina da Igreja, imposta verticalmente aos leitores como verdade última, as “modernas” tendências da psicologia e da educação, que pregam o diálogo entre pais e filhos, a necessidade de conhecer e respeitar as diferentes personalidades e a busca por uma vivência mais harmoniosa e feliz, perspectiva considerada pelo discurso auto-promocional da revista como a verdadeira missão da imprensa católica. Quantitativamente, esta postura é reproduzida na maioria dos artigos e matérias publicadas em *Rainha* ao longo da década.

A religião continua a desempenhar argumento importante, mas relacionada a um certo patamar do discurso. Longe do papel de instituição normativa, esta é convocada enquanto permite orientar os fiéis em torno de uma espiritualidade que serve como apoio ao cotidiano, centrada na figura de Cristo como exemplo e modelo a ser seguido¹⁰⁵ (ANEXO 5A). Uma característica fundamental é que, após as reformas, a abordagem religiosa dos acontecimentos deixa de ser o fio condutor das matérias da revista para afunilar-se como pauta predominante de apenas uma seção específica, denominada “Religião”.

A este título, *Rainha* trabalha, ao longo da década de 60, diversas matérias voltadas a resolver os problemas familiares mais comuns, discutir as vicissitudes dos relacionamentos entre pais e filhos e trazer orientações sobre como cuidar das crianças, da troca de fraldas à orientação vocacional. Estes conteúdos são abordados, sobretudo, em seções específicas, cujos títulos não permitem dúvidas quanto a sua destinação – “Página do Pai” (ANEXO 6), “Página da Mãe”, “Página da Jovem” e “Página do Rapaz”. Além disso, destaca-se a seção assinada pelo pedagogo Vitor Trevisan, “A família mais perto de si”, que aparece pela

¹⁰⁵ Exemplo dessa “visão espiritualizada” é a que traz o texto de Mário Manrich falando sobre a necessidade de interpretar os acontecimentos à luz dos ensinamentos do evangelho. “Cristão é o que procura entender o mundo com suas esperanças e aspirações para descobrir o Deus vivo que nêle opera”. MANRICH, Mário. *Entender os sinais dos tempos*. In.: RAINHA. Santa Maria, agosto de 1968, p. 11.

primeira vez em 1962, autodenominando-se “uma página a serviço de pais e filhos, de educadores e educandos”.¹⁰⁶

O editor trabalha tendo como foco a família como um todo. Para atender a um público generalista, a revista precisava chamar a atenção de todos os membros, devendo veicular assuntos que interessassem aos pais, às mães, aos idosos e às crianças. Segundo Trevisan, o público adulto seria atingido com o conteúdo informativo, em matérias de comportamento e aconselhamento (psicologia, pedagogia, medicina, religião, etc.), entrevistas com personalidades e entretenimento. As mulheres, especificamente, ganhavam seções de moda, beleza, receitas e dicas para o lar. Os jovens eram abordados em seções específicas que tentavam atingir os interesses da faixa etária e de cada gênero, proporcionando às moças testes de personalidade e histórias sentimentais e aos moços, textos sobre orientação vocacional e de psicologia. Já as crianças contavam com seções de passatempos, histórias em quadrinhos, fábulas, peças de teatro e até fotonovelas infantis.

Outro diferencial está na redação da nova *Rainha*. No lugar dos padres e irmãos, sobretudo palotinos, que assinavam a maior parte das matérias antes das reformas, entram em cena os especialistas. Ao longo da década de 60, figuram com maior frequência nas páginas do mensário os psicólogos Yeda Roesch da Silva, com seus textos sobre a psicologia de crianças e adolescentes; a decoradora Myriam Herbert Caldas, com sua coluna de decoração e cuidados com o lar; a mãe e professora Eloy de Oliveira Fardo, responsável pela “Página da Mãe”; o psicólogo e orientador educacional Theobaldo Frantz, em artigos que abordam a vida escolar dos filhos; e o psiquiatra Antonio Fardo, que assina a “Página do Pai”. Neste sentido, mesmo os padres e irmãos que participam da revista são denominados por sua profissão, não por seu título religioso, como no caso de Vítor Trevisan, irmão do Instituto de Schoenstatt, que assina seus artigos como pedagogo, e o próprio editor, que se denomina simplesmente Lauro Trevisan nas matérias de sua autoria. Mesmo quando os religiosos aparecem

¹⁰⁶ RAINHA. Santa Maria, julho de 1962, p. 8.

especificados, suas respectivas ordens e congregações religiosas não são mais mencionadas.¹⁰⁷

A linguagem era também um fator importante, que variava conforme a segmentação dentro diagramação da revista. No conteúdo informativo, adotava-se uma linguagem jornalística, enquanto nos setores voltados ao público jovem, buscava-se um texto mais coloquial e munido de gírias. Adequando-se a cada leitor imaginado dentro do veículo, os mecanismos de linguagem tentam travar um diálogo com o usuário, configurando um ambiente propício à assimilação de idéias. A nova forma de expressar o conteúdo também representa um afastamento do discurso religioso e de seu campo semântico, adotando uma linguagem mais apropriada a um veículo que pretende atingir um público mais generalista. A audiência é interpelada pela linguagem, que passa a abarcar aspectos do cotidiano do leitor e a apresentar novas abordagens destes elementos.

Essa proximidade também é buscada nos espaços específicos do leitor, bem como no contato direto com os representantes da revista, responsáveis pela distribuição das assinaturas. A interface com o usuário alça gradativo destaque, ao passo que demonstra a iniciativa da revista em vincular e fidelizar o leitor. Em praticamente todas as edições, ela reserva espaço para esta interação, com seções específicas de correio sentimental e na publicação de reclamações, sugestões, poesias e fotos de leitores.

Nas matérias e seções voltadas à família, *Rainha* adota uma postura pedagógica, preferindo divulgar conteúdo de auto-ajuda em vez de tentar impor a doutrina cristã. Neste contexto, o conceito “revista das famílias” ganha nova significação, e torna-se imperativo não apenas por segmentar o seu público-alvo em torno do eixo pais e filhos, mas por passar a estruturar discursivamente a revista enquanto fornecedora de subsídios para os integrantes do núcleo familiar viverem de forma mais harmoniosa, auxiliando-os a atingir o equilíbrio físico

¹⁰⁷ O novo projeto editorial aboliu a assinatura das iniciais após o nome do religioso (por exemplo, S.A.C., no caso dos palotinos ou S.J. para os jesuítas).

e emocional. O leitor passa a ser levado a orientar-se pela idéia de que a partir das informações e esclarecimentos obtidos na leitura da revista é possível não só formar um novo modo de encarar os acontecimentos, mais otimista e confiante, mas também alcançar a tão sonhada felicidade.

Reforçam este ponto de vista as idéias de Pe. Lauro sobre a promoção da espiritualidade através da visão de um “mundo mais positivo”. Essa perspectiva de Lauro Trevisan, refletida nas páginas de *Rainha*, irá se desenvolver melhor na trajetória que o editor irá seguir após deixar a revista, como escritor de livros de auto-ajuda e divulgador da “ciência do poder da mente”.¹⁰⁸

3.2 Um cenário em transição: O Concílio Vaticano II e os novos rumos da imprensa católica

As transformações em *Rainha* acompanham uma significativa mudança na postura dos palotinos face aos meios de comunicação. O fato de o novo modelo ter perdurado ao longo de tanto tempo (Lauro Trevisan permanece por mais de 16 anos no comando da revista) comprova que o redirecionamento das linhas editoriais era permitido pelos padres, ao menos por aqueles que determinavam os rumos da congregação. Segundo Trevisan, o comando provincial da época lhe dava “carta branca” para promover as reformas e seguir livremente seu faro editorial.¹⁰⁹

Mesmo assim, não podemos ignorar a existência de conflitos entre os padres que participavam do projeto e os confrades que não concordavam com a linha adotada, preferindo

¹⁰⁸ A visão de Pe. Lauro sobre a ciência da mente pode ser conferida na reedição de seu *best seller*: TREVISAN, Lauro. *O poder infinito da sua mente 2*. 4 ed. Santa Maria: Mente, 2003.

¹⁰⁹ ENTREVISTA com Pe. Lauro Trevisan. Santa Maria, 1º nov. 2005.

a esta aquela consagrada pelo antigo modelo. O depoimento do editor acrescenta que alguns padres até forçavam a publicação de matérias referentes a assuntos da congregação, mesmo sabendo que estas não se encaixariam dentro do projeto editorial.¹¹⁰ Também prova a existência dessa crítica o conjunto de artigos publicados em *Informações Palotinas*,¹¹¹ órgão interno da congregação, e assinados pelos padres Lauro Trevisan e Clementino Marcuzzo, este responsável pelo setor de divulgação de *Rainha*. Os artigos têm como principais funções destacar a expansão da revista, informando os palotinos sobre a compra de máquinas e o lançamento de novas publicações, além de referendar um posicionamento sobre a postura religiosa de *Rainha*, caracterizando-a como ligada à causa católica, porém sintonizada ao seu tempo. Outra função importante é estimular os palotinos a divulgar a revista em constantes anúncios e artigos a eles voltados. Ao pedir a colaboração dos padres na campanha de assinaturas, o editor de *Rainha* diz: “A caridade começa em casa. Confio nos confrades”.¹¹²

As mudanças verificadas na congregação em relação as suas políticas comunicacionais e a sua própria visão de imprensa expressam também os ecos de um movimento mais amplo de renovação da Igreja Católica Apostólica Romana, ilustrado no Concílio Vaticano II. O evento possibilita a Igreja lançar um olhar renovado ao mundo, caracterizado pelo reconhecimento do leigo como centro da missão cristã e por uma eloqüente abertura do catolicismo às demais religiões, temáticas e causas sociais, além do reconhecimento da função social da imprensa. Essa perspectiva ganha particular contorno no Brasil, especialmente quando tendências mais radicalmente inovadoras, como as inspiradas pela Teologia da

¹¹⁰ “L - Às vezes, os padres também mandavam alguma coisa do Mato Grosso, mais forçando pra publicar (risos). A - E o senhor publicava? L - Publicava, não dava pra facilitar muito neste campo. Mas eles já sabiam que tinha esse tipo de mentalidade”. ENTREVISTA com Pe. Lauro Trevisan. Santa Maria, 1º nov. 2005.

¹¹¹ O periódico *Informações Palotinas* nasceu em abril de 1943 no Seminário Maior Palotino de Polêsine, como publicação voltada aos padres da ordem. Seu primeiro expediente estampa: “Publicação dos alunos do Seminário Maior para os Palotinos da Província Brasileira”. INFORMAÇÕES PALOTINAS, janeiro de 1945. O boletim era mimeografado, com circulação bimestral, embora apresente constantes interrupções em sua periodicidade. Os próprios redatores ironizam o fato, chamando o boletim de “ocasionário”, em razão da falta de periodicidade de sua publicação. INFORMAÇÕES PALOTINAS, novembro de 1949 – nº 03.

¹¹² INFORMAÇÕES PALOTINAS, abril de 1971, p. 33.

Libertação, florescem nas Comunidades Eclesiais de Base, mobilizando uma outra forma de fazer Igreja no seio do tradicional catolicismo do país.

Os documentos oficiais do Vaticano desenvolvidos no período confirmam uma nova percepção da Igreja sobre o fenômeno da comunicação, que recusa a postura centralizadora e repressora face aos meios consolidada ao longo de séculos desde o surgimento da imprensa. Essa postura começa a mostrar sinais de enfraquecimento ainda no pontificado de Leão XIII (1878-1903), efetivando-se definitivamente a partir do *aggiornamento*¹¹³ proposto pelos documentos oficiais produzidos a partir do Concílio Ecumênico, que reconhecem o papel dos meios na sociedade, confirmam o direito universal à informação e estipulam como leigos e religiosos devem fazer uso correto dos meios de comunicação social, quer nos papéis de produtores ou de receptores.

Um desses documentos é o decreto *Inter Mirifica*¹¹⁴, segundo dos dezesseis documentos do Vaticano II, aprovado no dia 4 de dezembro de 1963. Nele, a Igreja reconhece a função social da informação, dando preferência à escolha livre e pessoal em vez incentivar a censura praticada ao longo da história do catolicismo.¹¹⁵ Mesmo polêmico e alvo de duras críticas, caracterizando-se como documento do Concílio aprovado com o maior número de votos contrários, o decreto traz alguns avanços importantes, segundo a perspectiva de Soares, ao empregar o termo “instrumentos de comunicação social” (e não “comunicação de massa” ou “mass media”, deixando margem para os meios não massivos) e reconhecer o papel do leigo para vivificar a mensagem da Igreja.¹¹⁶

Um passo adiante é dado com o documento *Communio et Progressio*.¹¹⁷ A instrução pastoral, promulgada em 23 de maio de 1971, durante o pontificado de Paulo VI, representa

¹¹³ MARQUES DE MELO, José. *Op. Cit.* p. 26.

¹¹⁴ CONCÍLIO Vaticano II. *Inter Mirifica*: decreto do Concílio Vaticano II sobre os meios de comunicação social. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

¹¹⁵ SOARES, Ismar de O. *Op. Cit.* p. 98.

¹¹⁶ *Ibid.*

¹¹⁷ COMISSÃO Pontifícia dos Meios de Comunicação Social. *Instrução Pastoral Communio et Progressio sobre os meios de comunicação social*. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

uma ampliação das conquistas conciliares, considerando a modernização e as especificidades da atuação social dos meios, bem como inserindo a Comunicação Social como elemento articulador de qualquer pastoral e reconhecendo o papel da opinião pública na Igreja¹¹⁸. No entendimento de Soares sobre este documento, a função dos meios passa por uma transformação em relação aos preceitos do *Inter Mirifica*, que pregava que os meios deviam servir para propagar e firmar o reino de Deus. Em *Communio et Progressio*, os meios técnicos são como que “secularizados”, assumindo a função de contribuir para “estreitar os laços de união entre os homens”, criando “harmonia e unidade entre os povos”.¹¹⁹ Contudo, o autor caracteriza essa visão como um tanto incipiente, afirmando que os sete anos em que foi elaborado o documento não foram suficientes para que a Igreja percebesse a totalidade da relação comunicacional. “Se, de uma parte, liberou-se do moralismo rançoso, por outro lado permaneceu em sua visão instrumentalista da comunicação, dentro de uma perspectiva ingênua de desenvolvimentismo (...)”.¹²⁰

Os diretores de *Rainha* lançam mão destes argumentos nos artigos de Informações Palotinas que tratam sobre o papel da imprensa religiosa. Em seus textos, Lauro Trevisan e Clementino Marcuzzo fazem diversas referências aos documentos pontifícios, bem como citam frases dos papas Pio X, Pio XI e Paulo VI sobre a temática da comunicação.¹²¹ Os religiosos insistem na fórmula do “apostolado da boa imprensa”, lançando mão dos argumentos eclesiásticos para justificar o apoio a esta através do incentivo a *Rainha*.¹²² Na

¹¹⁸ SOARES, Ismar de O. *Op. Cit.* p. 108.

¹¹⁹ *Ibid.* p. 109.

¹²⁰ *Ibid.* p. 111.

¹²¹ Cf.: TREVISAN, Lauro. “Sejamos inteligentes”. In.: *Informações Palotinas*, maio de 1971 – nº 02, p. 36. e MARCUZZO, Clementino. “A revolução do século XX”. In.: *Informações Palotinas*, setembro de 1971 – nº 04, p. 30-1.

¹²² Lauro Trevisan afirma que “os esquemas de apostolado de outros anos hoje em dia já não funcionam mais”, e que a palavra do padre já não chega a todos pois a população cresce e diminuem os padres. Lauro oferece como possibilidade a fórmula do “apostolado pela imprensa”, fórmula insistida pelos papas e consagrada pela Igreja, especialmente por Pio XI e Paulo VI, na *Inter Mirifica*, referências as quais ele cita no texto. Trevisan salienta que a fórmula é de fácil aplicação, necessitando “um mínimo de capacidade e de seu tempo”, sem precisar trabalhar “80 horas por dia, fundindo a cuca e a máquina.” Trata-se de uma forma de o padre se multiplicar em

equação dos padres, o poderio dos meios de comunicação é valorizado, e sua força, considerada de influência direta na população.¹²³ Os métodos tradicionais, como o púlpito e o trabalho pastoral são considerados dignos de respeito, mas foram superados “diante da avalanche de idéias e que emanam diariamente da Imprensa escrita, falada e televisionada”, segundo Marcuzzo.¹²⁴

Dessa forma, os diretores tentam desviar a crítica de palotinos que acreditavam que a revista estivesse desvirtuando seus valores originais, associando sua proposta editorial ao ideário das novas políticas comunicacionais divulgadas pelos documentos pontifícios da época. Segundo esta concepção, importava menos suprir os católicos com um conteúdo religioso específico do que atingir o maior número possível de pessoas através da expressão midiática, tarefa levada a cabo por *Rainha* “na sublime missão de instruir, educar e formar mensalmente mais de 500 milhões de leitores em todo o Brasil”.¹²⁵ O interesse religioso do leitor seria desenvolvido num segundo momento, numa leitura mais interessada e atenta, motivada pelo interesse propiciado por algum assunto de cunho “mais geral”.¹²⁶

A perspectiva de massificar o discurso religioso para atingir um público maior, levada em prática pela revista e justificada pelo ponto de vista eclesial, implica uma “brusca mudança de rota” se considerarmos o percurso histórico da Igreja.¹²⁷ Notadamente, ao longo de seus séculos de existência, ela alimentou uma postura que recusava a dimensão universalizadora do processo comunicacional, permitindo-se somente no final do século XIX

sua paróquia “sem sair de casa, sem deixar de tomar seu chimarrão”. TREVISAN, Lauro. “Sejamos inteligentes”. In.: *Informações Palotinas*, maio de 1971 – nº 02, p. 36.

¹²³ Afirma Marcuzzo: “o esforço de tantos Padres, se fosse canalizado segundo os desejos dos Papas, através da Imprensa, teríamos um mundo melhor.” No mesmo texto, o autor afirma que os padres ainda preferem investir em obras materiais (construções, obras de caridade) e confiar na força do púlpito, em vez de investir na comunicação midiática. MARCUZZO, Clementino. “A revolução do século XX”. In.: *Informações Palotinas*, setembro de 1971 – nº 04, p. 31.

¹²⁴ *Ibid.*

¹²⁵ *Ibid.*

¹²⁶ ENTREVISTA com Pe. Lauro Trevisan. Santa Maria, 1º nov. 2005.

¹²⁷ MARQUES DE MELO, José. *Comunicação eclesial: utopia e realidade*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 26.

a substituir o exercício da censura e repressão pela aceitação desconfiada dos meios.¹²⁸ Em meados do século XX, ela se vê impelida pela necessidade do *aggiornamento* a alimentar a posição de que é preciso evangelizar, multiplicando a palavra de Cristo pelo imperativo midiático.¹²⁹ Contudo, essa massificação só é possível a partir do fortalecimento dos meios, provendo sua participação no mercado cultural.

Estes ecos de renovação do discurso religioso também se fizeram sentir no Brasil por grande parte dos veículos de comunicação dirigidos pela Igreja Católica. A coincidência da ruptura promovida pelo Vaticano II com a mais recente “revolução industrial” brasileira precipita tentativas de renovação ideológica e modernização institucional por parte dos veículos confessionais.¹³⁰ A modernização da imprensa e os redirecionamentos eclesiais foram as linhas mestras que impulsionaram editoras como a Vozes e a Paulinas a repensarem sua produção, passando a competir no mercado leigo e publicar temáticas não-religiosas, além de integrarem-se à onda modernizadora.¹³¹

A partir da década de 60, a presença de editoras católicas ganha impulso no mercado nacional, sobretudo no rentável campo da publicação de livros didáticos e educacionais. É o caso de editoras como FDT, Salesiana Dom Bosco, Loyola, Vozes e Paulinas.¹³² Contudo, o grande salto das editoras católicas só se dá com a incorporação de um referencial importante: a diversificação temática. Ou seja, as editoras precisam deixar de lado seu caráter especificamente confessional para publicar, ao lado das obras religiosas, títulos advindos de outras áreas de interesse. Um exemplo bastante eloqüente é o da Editora Vozes, que durante a gestão de Frei Ludovico Gomes de Castro (1964-1986) passou a publicar títulos

¹²⁸ *Ibid.* p. 25.

¹²⁹ *Ibid.* p. 26.

¹³⁰ DELLA CAVA, Ralph &. MONTERO, Paula. *Op. Cit.* p. 169.

¹³¹ *Ibid.*

¹³² *Ibid.* p. 166.

universitários, ganhando destaque e consolidando-se até hoje como referência para este público.¹³³

Contudo, essa mudança não se dá sem problemas. Ao produzirem bens culturais em escala industrial, as editoras enfrentam dificuldades tanto de origem interna, inerentes ao processo de modernização de qualquer empresa (racionalização do trabalho, estandardização da produção, exigência das margens de rendimento, etc.), como externa, advindas das pressões de setores conservadores da Igreja e do próprio público, acostumado a identificar nas obras publicadas a voz da sacristia. “Esses problemas obrigam as congregações a repensarem seu papel no seio da cultura, a definirem os limites éticos de sua produção em contraposição às exigências do mercado e a adequar o sentido de vocação à nova divisão social do trabalho.”¹³⁴

O discurso progressista de Lauro Trevisan em *Infomações Palotinas* faz sentido ao compararmos as estratégias modernizadoras de *Rainha* ao rumo tomado por outras revistas religiosas na época. Se as editoras católicas alcançaram considerável sucesso, colocando algumas delas em posição de destaque no mercado nacional tanto pela vendagem como pela repercussão social de alguns de seus títulos, o mesmo não se pode dizer do conjunto de jornais, revistas e demais periódicos católicos. Paula Montero chama a atenção para o fato de que a imprensa católica, de uma forma geral, não conseguiu acompanhar o processo de modernização do campo jornalístico, uma vez que sua expressão se dava a partir de pequenos mensários e semanários de circulação restrita. Ela cita o exemplo de periódicos como *Pulsando* e *O São Paulo*, que operavam atrelados à estrutura diocesana, com restrita autonomia, falta de recursos financeiros e equipe reduzida.¹³⁵ A exceção à regra parece ser dos veículos regidos por ordens e congregações, os quais, segundo a autora, ainda não tiveram

¹³³ A mudança de rumos da política editorial dos franciscanos é analisada em detalhe em ANDRADES, Marcelo F. de. *Op. Cit.*

¹³⁴ DELLA CAVA, Ralph &. MONTERO, Paula. *Op. Cit.* p. 181.

¹³⁵ DELLA CAVA, Ralph &. MONTERO, Paula. *Op. Cit.* p. 215.

sua participação suficientemente dimensionada no quadro da imprensa católica do período por estudos que se aprofundassem na questão. Daí a importância de se estudar casos como o de *Rainha*, periódico palotino que monta uma estratégia alternativa àquela partilhada pela imprensa católica de maneira geral para engajar-se ao compasso modernizador do restante dos veículos do país.

3.3 A modernização da imprensa no Brasil

O fato de as reformas em *Rainha* ocorrerem justamente entre as décadas de 1960 e 1970 não se explica somente pelas mudanças ocorridas no âmbito da Igreja, tanto no nível mais amplo das políticas comunicacionais católicas quanto no âmbito específico da congregação palotina, tampouco deriva unicamente da entrada de Lauro Trevisan em sua redação. A amplitude das modificações e a caracterização de *Rainha* consolidadas na época só foram possibilitadas pelas condições sociais, políticas e econômicas daquele momento histórico. *Rainha*, enquanto meio de comunicação inserido em seu tempo, vai responder de modo bastante peculiar a este contexto, dentro de suas condições específicas de revista católica produzida no interior do Estado do Rio Grande do Sul e inserida num contexto mais amplo da imprensa brasileira dos anos 1960 e 1970, que passava por um momento de transformação estrutural. Ao considerarmos a caracterização desta resposta como o ponto fulcral de nossa investigação, nos vemos impelidos a observarmos melhor a inserção da revista no quadro da época, buscando entender como se dá o processo das reformas editoriais em *Rainha* à luz do contexto de modernização da imprensa brasileira.

Os anos 60 e 70 representam um momento de efervescência da cultura no país. Se por um lado o cenário político foi fortemente condicionado pelo caráter repressor da ditadura

militar e seu recrudescimento a partir do AI-5, no plano econômico observa-se a continuidade da tendência de forte crescimento já iniciada nas décadas anteriores, que influencia de forma decisiva para o incremento da oferta e demanda dos bens culturais no Brasil. Percebem-se, neste momento, as conseqüências de um processo de forte criatividade e expansão do plano cultural, iniciado ainda nas décadas de 40 e 50, que sofre o impacto do Estado autoritário e busca diferentes estratégias para adaptar-se às condições permitidas pela censura.¹³⁶ Na mídia, essa atitude varia da postura favorável ao regime adotada por parte da grande imprensa à contraposição levantada pelo jornalismo alternativo, passando pela atitude de conformismo e evasão propagada pelo chamado consumo de massa. Por outro lado, um bom número de veículos toma parte deste momento, unindo a criatividade de seus redatores, repórteres e corpo técnico à gradativa incorporação das inovações tecnológicas do setor para expandir-se e ganhar novas formas dentro de um mercado em consolidação. Um exemplo é o da revista *Realidade*, veículo inserido no *establishment*, que alcançou grande sucesso entre os anos 60 e 70 ao tratar de temas polêmicos na área de comportamento. *Realidade* representa o espírito de seu tempo, polemizando diversos assuntos sem tocar no tema política, ponto problemático em tempos de ditadura.¹³⁷

A atuação neste cenário contraditório de repressão e crescimento de forma alguma se restringe aos jornais e revistas de maior circulação no país, a chamada grande imprensa. Embora um tanto esquecidos pelos pesquisadores do período, os veículos regionais e de tiragens menos ambiciosas como *Rainha* também refletem a caracterização deste momento, respondendo ao espírito de uma época.

¹³⁶ Sobre o impacto do regime militar na cultura e na imprensa brasileira, conferir: RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000; BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70*. Brasília: Ed. UNB, 1991; MOTA, Carlos G. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977; AQUINO, Maria A. de. *Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978)*. Bauru: Edusc, 1999.

¹³⁷ MOREIRA, Roberto S. C. *A revista Realidade e o processo cultural brasileiro dos anos 60*. p. 422. In.: MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio D. (org.) *O jornal – da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

No Brasil, a emergência do consumo na cultura midiática é bastante recente. Como todo país subdesenvolvido, parte de dificuldades substanciais hauridas na estruturação de sua economia capitalista para desenvolver um mercado de bens culturais. Para Ortiz, a consolidação deste mercado no Brasil se dá entre as décadas de 60 e 70. São mudanças na ordem política e econômica que possibilitam a emergência do fenômeno, fazendo com que o mercado de bens simbólicos cresça e ganhe importância ao mesmo tempo em que floresce o parque industrial e o mercado de bens materiais.¹³⁸

Em ampla análise da produção midiática brasileira do período, o autor mostra que todos os dados por ele estudados confirmam a tendência de expansão cultural, seja em nível de produção, de distribuição ou de consumo.¹³⁹ Em dez anos, a produção de livros quase triplicou, de 43,6 milhões de exemplares, em 1966; para 112,5, em 1976¹⁴⁰. O mercado fonográfico ingressa nos anos 70 em curva exponencial de crescimento, sacudindo a poeira do crescimento vegetativo verificado nas décadas anteriores, impulsionado pela venda de eletrodomésticos, com a venda de toca-discos crescendo 813% entre 1967 e 1980¹⁴¹. A produção nacional de filmes e a frequência às salas de cinemas também acompanham a tendência, mesmo com o fenômeno mundial de retração do mercado no final dos anos 70, provocada pela emergência da cultura televisiva.

No entanto, esse crescimento exponencial só foi possível em razão de um processo que inicia antes, entre as décadas de 40 e 50. A partir desse momento é que podemos falar de uma cultura popular massificada no Brasil. Claro que se nos remetermos ao passado sempre encontraremos exemplos que atestem o contrário, como na música, na literatura e no jornalismo, mas não podemos esquecer que estamos, na década de 40, diante de um país que aboliu a escravidão há pouco mais de meio século e com esmagadora parcela da população

¹³⁸ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 113-4.

¹³⁹ ORTIZ, Renato. *Op. Cit.* p.121.

¹⁴⁰ *Ibid.* p.122. Apud. HALLEWEL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: T/A Queiroz/ Edusp, 1985.

¹⁴¹ *Ibid.* p. 127. Apud. "O Mercado de Discos no Brasil", *Mercado Global*, nº 34, ano 4, 3.4.1977.

analfabeta. Contudo, é no momento do pós-guerra que se ensaia o início da modernização da sociedade brasileira de acordo com os padrões urbano-industriais, possibilitando o nascimento da sociedade de massa.

Na década de 40, temos a expansão da radiofonia e a formação de um sistema nacional de emissões com a Rádio Nacional. Além disso, é o momento do auge do cinema norte-americano, quando Hollywood conquista corações e mentes em torno do globo, inclusive em terras tupiniquins. A expansão do número de produtos culturais em circulação possibilita a instalação de agências de publicidade, principalmente as multinacionais, que ingressam no país na década de 30.¹⁴²

No que tange à imprensa, há um considerável crescimento em número e tiragem de publicações no mercado. O jornalismo de caráter empresarial, mesmo tendo suas origens relacionadas ao final do século XIX, só se consolida propriamente no século XX, mais notadamente na década de 1960 quando revelam-se os primeiros sinais do fordismo na mídia impressa nacional.¹⁴³

A implantação de grupos nacionais para a produção de papel (anteriormente esse insumo era importado) é um dos fatores que contribuem para que em 1948, *O Cruzeiro* bata o recorde de 300 mil exemplares.¹⁴⁴ Nesse momento também inicia a profissionalização do jornalismo, com a presença de grandes diários no eixo Rio-São Paulo, que passam a disputar anunciantes e a promover constantes reformas na finalidade de atrair um público cada vez mais ávido por notícias. Na década de 50, nascem os grandes jornais políticos, como a *Última Hora*, a *Tribuna da Imprensa* e o *Jornal do Brasil*, marcando a profunda transformação no modelo jornalístico brasileiro, que deixa de lado o modelo francês para dar lugar ao padrão norte-

¹⁴² ORTIZ, Renato. *Op. Cit.* p. 41-3.

¹⁴³ FONSECA, Virgínia. *O declínio da notícia no jornalismo pós-fordista dos conglomerados multimídia*. In.: Revista E-Compós, n. 07, dez 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos>. Acesso em 14 jan 2007, p. 05.

¹⁴⁴ ORTIZ, Renato. *Op. Cit.* p. 41-3.

americano de produção de notícias¹⁴⁵, passando a privilegiar a informação e a objetividade em substituição a um jornalismo de influências literárias e pretensões subjetivas.

Embora comece a dar os primeiros passos no Brasil, o padrão capitalista de produção e consumo cultural, nos anos 1950, ainda está longe de se concretizar efetivamente. O ápice da implantação da Indústria Cultural se dá apenas nos anos 1970, momento em que ocorre um fato inédito e determinante para o desenvolvimento da sociedade brasileira: a população urbana supera, em números absolutos, a população rural, índice que pressupõe a consolidação de um mercado consumidor de bens materiais e culturais. O dado demográfico é apenas um indicativo dentro do quadro mais amplo do acirramento das transformações político-econômicas que irão definir essa tendência. As reformas promovidas pelo governo Juscelino Kubitschek são aprofundadas pelo Estado após o golpe de 64, promovendo uma espécie de “Segunda Revolução Industrial” no Brasil,¹⁴⁶ que possibilita as condições para a expansão do consumo.

É nessa fase que a produção e o consumo de bens culturais se torna de fato de massa, num volume e dimensão nunca antes visto no país. Se nos anos 50 há uma forte modernização da produção midiática, os frutos só serão colhidos décadas depois, quando a exceção por fim se tornar regra. Nos anos 70, a cultura deixa de ser produzida para um público restrito – redutos de população alfabetizada, com suficiente poder aquisitivo e inserida em ambientes urbanizados – para ser direcionada à grande massa, alvo dos conglomerados de comunicação que passam a deter a hegemonia do sistema.

Verifica-se um crescimento no bolo salarial do proletariado, mas o aumento não se reproduz em melhoria no padrão de vida das classes menos favorecidas. Maria Arminda Arruda identifica o acirramento das diferenças sociais com o enriquecimento dos níveis mais abastados da sociedade e o contínuo achatamento do poder aquisitivo dos estratos inferiores,

¹⁴⁵ ABREU, Alzira A. *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 11-2.

¹⁴⁶ ORTIZ, Renato. *Op. cit.* p. 114.

tendência verificada até os dias de hoje.¹⁴⁷ Contudo, o incremento absoluto no consumo é irrefutável, conforme atesta o percentual do crescimento da produtividade da indústria em 1964 – 34%.¹⁴⁸ A explosão dos números na Indústria Cultural também denota essa realidade: nunca se leu tanto, nunca se foi ao cinema ou se viu televisão com a mesma frequência dos anos 70. O consumismo se instaura em definitivo na cultura nacional, não importando se essa atitude implicasse as colossais dívidas que financiaram a explosão de nossa economia.

A partir dos anos 60, o florescimento da racionalidade empresarial nas redações, que passa a perceber o jornal como empresa voltada ao mercado e financiada via publicidade, desencadeia um ciclo de mudanças estruturais na maioria dos veículos do país, que tem como exemplo clássico a reforma no Jornal do Brasil (1961), além de intensificar o surgimento de novos títulos no mercado e provocar o fechamento de empresas que não conseguem se adaptar aos novos rumos.¹⁴⁹ As revistas femininas, segmento de destaque desde o aparecimento dos primeiros magazines no Brasil, ganham novo fôlego no mercado entre as décadas de 50 e 60 com a publicação das fotonovelas,¹⁵⁰ que possibilitam a representantes do segmento como *Capricho*, da Editora Abril, ultrapassarem a tiragem de meio milhão de exemplares.¹⁵¹ Destaca-se também, neste período, o surgimento dos grandes conglomerados da comunicação, que tiveram seu crescimento facilitado e até financiado pelo governo, com o apoio de bancos e instituições estatais para a compra de máquinas e equipamentos, o que evidentemente representava mais uma forma de controle dos meios em tempos de repressão.¹⁵²

¹⁴⁷ ARRUDA, Maria A. *A embalagem do sistema: a publicidade no capitalismo brasileiro*. Bauru: Edusc, 2004. p. 145.

¹⁴⁸ *Ibid.* p.146.

¹⁴⁹ ABREU, Alzira A. de. (org.) *Op. Cit.*

¹⁵⁰ Na década de 70, *Rainha* também passa a publicar as histórias de amor fotografadas, com o intuito de fidelizar ainda mais o público feminino/jovem. Nos deteremos melhor neste aspecto no capítulo 3.

¹⁵¹ SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 32.

¹⁵² ABREU, Alzira A. de. (org.) *Op. Cit.* p. 21.

Na década seguinte, assiste-se ao deslocamento do eixo da produção de jornais e revistas do Rio de Janeiro para São Paulo. Sinal disso é o ocaso da carioca *O Cruzeiro*, que após atingir seu apogeu nos anos 60, deixa vago o posto de principal revista de informação do país para ser ocupado mais adiante pela paulistana *Veja*, criada pela Abril em 1968 como um novo modelo de revista semanal, que deveria complementar com um ponto de vista interpretativo as informações do jornalismo diário. A concorrência com a televisão tornou imperativa uma completa reestruturação do gênero, no sentido de reorientar a linguagem, o formato e o estilo do veículo e aumentar da velocidade na transmissão das informações¹⁵³. Em virtude disso, o mercado nacional de revistas sofre uma guinada em direção a um acirramento da segmentação. Os veículos passam a pulverizar cada vez mais seu raio de atuação, na busca por abranger públicos cada vez mais diversificados. O fim de *O Cruzeiro* é sinal da derrocada de um modelo, o da revista destinada a um público generalista, que cede espaço à imprensa especializada.¹⁵⁴

Mas as condições possibilitadas aos grandes veículos também permitem aos pequenos aproveitarem a onda de crescimento. As editoras católicas, cuja atividade se dá de forma subsidiária desde o princípio de sua presença no país junto às congregações que aqui se instalam, só vêm a ganhar algum relevo a partir da década de 50.¹⁵⁵ Contudo, é nas décadas de 60 e 70, que as letras católicas irão conquistar posição expressiva no campo editorial brasileiro, beneficiando-se com a inserção definitiva da imprensa na era de produção de massa.¹⁵⁶

Nenhuma das mudanças expressivas que ocorrem na produção e no consumo dos meios impressos seria possível sem o amplo quadro de modernização do parque gráfico brasileiro que segue nos anos 60-70. Os meios tradicionais de impressão, como a tipografia e

¹⁵³ *Ibid.* p. 19.

¹⁵⁴ MIRA, Maria C. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'água/Fapesp, 2001. p. 39.

¹⁵⁵ DELLA CAVA, Ralph & MONTERO, Paula. *Op. Cit.*

¹⁵⁶ *Ibid.*

a rotogravura, são gradativamente substituídos pelo processo em off-set, possibilitando altas tiragens e melhor qualidade gráfica. A impressão por fotolito conquista também o veículo palotino em 1967,¹⁵⁷ substituindo a antiga impressão por linotipo. Um ano antes, o Governo Federal criava uma política de expansão do parque gráfico através do GEIPAG, favorecendo a importação de impressoras.¹⁵⁸ Porém, a implantação dos parques gráficos de grande porte e o financiamento da atividade através de empréstimos por bancos e instituições governamentais significavam mais uma forma de controle estatal da atividade de imprensa durante os áspersos anos da ditadura.¹⁵⁹ Além disso, o Estado gerou lucros diretos para as empresas midiáticas enquanto cliente de vultosas campanhas publicitárias, investiu na infra-estrutura de telecomunicações e cuidou da área da educação, contribuindo indiretamente com o mercado editorial ao diminuir os índices de analfabetismo.¹⁶⁰

O regime militar representou um caráter ambivalente para a mídia nacional. Se por um lado o Governo impulsionava o desenvolvimento econômico e ajudava a compor a conjuntura que propiciou a estabilização da Indústria Cultural, por outro significava uma forte repressão do ponto de vista político. Vários jornais tiveram as redações invadidas e fechadas pelos órgãos militares e sofreram as sanções da censura, sendo forçadas a publicar matérias inócuas como poemas e receitas em lugar dos temas e angulações proibidas pela ditadura, ou até mesmo, a interromper suas atividades.¹⁶¹ O jornalismo econômico ganha força neste momento enquanto se apresenta como uma espécie de válvula de escape para a censura política,¹⁶² publicando indicadores econômicos favoráveis, que serviam em última instância para

¹⁵⁷ RAINHA. Santa Maria: Pallotti, abril de 1973. p.54.

¹⁵⁸ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira*. Op. Cit. p. 122. O Grupo Executivo da Indústria de Papel e Artes Gráficas (GEIPAG) possibilitou à indústria gráfica dobrar sua capacidade instalada entre os anos de 1966 e 1970. Sua política de favorecimento, inicialmente estendida a uma ampla gama de empresas do ramo, vai se tornando mais seletiva ao final do período, contribuindo para a concentração do mercado e a consolidação dos conglomerados de imprensa. Cf.: TASCHNER, Gisela. *Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 114.

¹⁵⁹ ABREU, Alzira A. *Op. cit.* p. 21.

¹⁶⁰ TASCHNER, Gisela. *Op. cit.* p. 115.

¹⁶¹ ABREU, Alzira A. *Op. cit.* p. 15.

¹⁶² *Ibid.* p. 21.

legitimar o Estado sob o pretexto de que a economia andava a pleno vapor. Contudo, o maior preço a pagar pela associação entre da imprensa com o regime foi a constante restrição à liberdade de imprensa, que se tornava cada vez mais rígida ao passo que eram decretados novas leis e atos institucionais em nome da “segurança nacional”.

Mas como toda repressão pressupõe resistência, o período militar representou o auge da imprensa alternativa no país. Publicações como *O Pasquim*, *Opinião e Movimento*¹⁶³ representaram uma forte tendência dentro do espectro da censura, sendo o humor a fórmula encontrada para escapar da dura realidade de perseguição e cerceamento dos direitos civis. Muitos outros impressos menores circularam fora do círculo da mídia de massa, nos ambientes universitários ou simplesmente passando de mão em mão, alguns até mesmo mimeografados com equipamentos caseiros.

No entanto, a mídia alternativa constitui uma exceção. A regra da imprensa brasileira no período foi continuar publicando, sacrificando seu compromisso com a liberdade de expressão, ou tangenciando a censura com a adoção de posturas que não se opusessem ao sistema. Se para o jornalismo diário uma das saídas foi a criação da editoria de economia, para a revista de variedades algumas das alternativas encontradas foram a diversificação do entretenimento e a informação de impacto, que chegavam até a desafiar os tabus sociais, desde que não contrariassem os militares.¹⁶⁴ A proposta de *Rainha* parte de um princípio semelhante, levando informação e entretenimento sob uma perspectiva politicamente neutra aos lares de seus assinantes.

Os anos 1960 também marcam de forma definitiva a substituição da visão político-romântica, anteriormente predominante no jornalismo brasileiro, para a visão mercadológica, que se desenvolve até os dias de hoje. O aperfeiçoamento dos padrões gráficos, a

¹⁶³ Sobre imprensa alternativa, ver BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70. Op. Cit.* e KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

¹⁶⁴ A revista *Realidade* alcança notoriedade na época ao explorar temas polêmicos como o aborto e a liberdade feminina. Sobre *Realidade* ver FARO, J. S. *Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas: Ed. Da Ulbra/ Porto Alegre: AGE, 1999.

profissionalização dos jornalistas e a objetivação da linguagem são alguns dos sinais que simbolizam o surgimento de um novo empresário da comunicação, que tem como meta final o objetivo de vender seu produto num mercado cada vez mais competitivo. Incorporando a lógica capitalista, esse empresário da mídia deve elaborar as mais diversificadas estratégias para expandir o consumo de seu produto, viabilizando-o economicamente e garantindo a reprodução do sistema *ad infinitum*.

O editor-chefe de Rainha, Padre Lauro Trevisan, exemplifica perfeitamente algumas das características essenciais desse novo perfil de liderança. Seu discurso e prática demonstram que o objetivo final da revista é vender, motivo pelo qual os ideais confessionais são relativizados. Trevisan acaba alcançando o êxito que desejava, pois o veículo se consolida como um sucesso de vendagem.

4 DE MAIOR REVISTA DO SUL DO BRASIL AO FIM DA “ERA TREVISAN” (1969-1980)

Entre o final da década de 60 e o começo da década de 70, *Rainha* consolida seu novo projeto gráfico e editorial. A partir de 1969, as transformações empreendidas por Lauro Trevisan irão se intensificar, com a implantação de melhorias no padrão gráfico, tanto na diagramação quanto na qualidade de impressão, a modernização do processo produtivo e comercial, a estruturação de estratégias de segmentação e a definição do binômio informação e entretenimento como enfoque preferencial da revista.

Embora o aperfeiçoamento do padrão de apresentação visual atingido na década anterior permaneça uma constante nos anos 1970, com o aprimoramento do projeto gráfico e a aquisição de novas máquinas de impressão e acabamento, podemos observar nuances no que se refere ao novo perfil editorial da revista. Se o início da década representa a consolidação das reformas editoriais de Lauro Trevisan, culminando na obtenção da tiragem histórica de 130.000 exemplares no “ano de ouro” de 1973, os anos que o seguem são marcados pelo gradativo declínio da tiragem, o reengajamento às questões católicas e a reconfiguração de um perfil missionário, principalmente após a saída de Pe. Lauro, no final da década de 1970.

O período entre 1969 e 1974 pode ser considerado o ponto alto das reformas, uma vez que elas repercutem o acirramento das tendências modernizadoras iniciadas na década anterior. A qualidade gráfica e a consolidação do novo paradigma editorial permitem a *Rainha*

obter os recordes de tiragem que levam-na a intitular-se como “a maior revista do Sul do Brasil”. O momento representa também um maior grau de afastamento da configuração tradicional de “revista católica”, enquanto voltada a ideais missionários e evangelizadores. As iniciativas editoriais praticadas respondem claramente à meta de corresponder a um padrão presente nas revistas de informação e entretenimento do mercado editorial brasileiro daquela época,¹⁶⁵ tanto em relação à forma como ao conteúdo, nos diversos segmentos que buscavam ser atingidos através das páginas do mensário palotino. Ao percebermos as referências que norteiam a proposta da revista, podemos compreender como se fundamentam as decisões de incluir conteúdos nada característicos da chamada “imprensa católica”, como fotonovelas e entrevistas com artistas. A este quadro soma-se o fortalecimento do foco na percepção e no atendimento dos interesses dos leitores e a prática de estratégias mercadológicas, permitindo a *Rainha* crescer e projetar-se além das fronteiras regionais.

Já o momento imediatamente posterior a este, que engloba o período de 1975 ao final de 1977, associa uma leve mudança do perfil cristalizado nos anos anteriores. Ainda sob o comando de Trevisan, a revista incrementa sua caracterização com enfoques mais espiritualizados, dando maior atenção em seus artigos e matérias a assuntos como a parapsicologia e a auto-ajuda. O entretenimento “puro” representado pelos gêneros e abordagens comuns na cultura de massa perdem seu espaço nas páginas de *Rainha*: as entrevistas com celebridades dão lugar a matérias com personalidades de menor evidência e maior engajamento social, enquanto as fotonovelas simplesmente desaparecem.

Em verdade, essas transformações repercutem o esgotamento do modelo editorial consolidado ao longo das décadas de 1960 e 1970. Com a saída de Lauro Trevisan, no final de 1977, já não há mais interesse por parte da mantenedora em insistir no projeto que

¹⁶⁵ Uma das iniciativas mais sensíveis que ilustram a repercussão em *Rainha* das tendências do mercado editorial do centro do país é a mudança de tamanho da revista, em 1972. Ela muda do formato grande (23 x 32 cm), similar às revistas *Cruzeiro* e *Manchete*, para se apresentar num tamanho menor (20,5 x 27,5 cm), enquadrando-se ao formato similar ao de *Veja* (20,2 x 26,6 cm), que se torna o novo paradigma do mercado a partir de 1968. Segundo Scalzo, a medida é a que representa maior economia em termos de melhor utilização do papel. Cf.: SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 40.

possibilitou a revista a atingir seu auge em 1973, com altas tiragens, intensa divulgação e grandes investimentos em maquinário. Rainha continua a ser publicada numa linha bastante similar ao formato definido no final da “era Trevisan”, mas retoma uma postura notadamente relacionada com a perspectiva católica, a exemplo do projeto editorial anterior às reformas, mas agora repercutindo o contexto de uma Igreja renovada e socialmente comprometida. O periódico entra nos anos 1980 com estrutura enxuta, tiragem modesta e, sobretudo, ambições menores das que consagraram-na como “a maior revista do Sul do Brasil”.

4.1. O ano de ouro e a consolidação das reformas

O projeto gráfico da revista nos anos 1970 amplia ainda mais as inovações alcançadas durante a primeira fase da reforma. As capas das edições de Rainha desse momento, sobretudo entre 1969 e 1973, representam o esforço de chamar a atenção do leitor através de uma roupagem moderna, em linhas atrativas e design arrojado. Na dupla função da primeira página da revista, de chamar a atenção do leitor e exibir uma espécie de “síntese” da edição, *Rainha* busca adaptar-se às tendências e à cultura de sua época. Há todo um esforço de transparecer descontração, clareza e modernidade, tentando capturar seu público alvo ao implementar estratégias que vinculavam o produto aos desejos e valores em voga.

A diagramação também é um importante recurso de captura do leitor. Na primeira metade dos anos 70, quando há um acirramento do modelo de mídia de massa, a revista explora padrões psicodélicos de design, com linhas arrojadas, cores fortes e tipologias diferenciadas. Já quando a revista busca um caráter mais sério e respeitável, abandonando o modelo massivo e iniciando o movimento que culminaria nos anos 80 com um redirecionamento ao papel evangelizador de mídia católica, ela adota linhas mais sóbrias,

abrindo a foto de capa em toda a página e utilizando famílias de letras clássicas e suaves, inclusive na redação do nome da revista. Da fonte maiúscula serifada da fase anterior, incontestavelmente inspirada na tipologia de *O Cruzeiro*, a capa passa a exibir o nome “Rainha” em fontes minúsculas com a primeira maiúscula, de estrutura mais espessa.

Além da caracterização de uma perspectiva editorial favorável a mudanças na apresentação do produto e a criatividade de sua equipe de arte, a constante melhoria dos recursos técnicos representou um dos fatores essenciais para o aprimoramento do padrão gráfico da revista ao longo dos anos 1970. A impressão das fotografias tornou-se mais nítida graças à aquisição de modernas impressoras, à melhoria na qualidade do papel, e sobretudo, à conquista de um conhecimento técnico especializado.¹⁶⁶ A principal novidade do padrão visual da revista na época, a introdução da quadricromia no miolo, alcançada totalmente em 1973, só foi possível a partir da aquisição da impressora Planeta Variant, importada da Alemanha Oriental naquele ano.

A introdução do sistema de impressão em off-set, em 1969, a ampliação do parque gráfico e a contratação de um profissional para o planejamento da diagramação possibilitaram novas conquistas rumo a um padrão de apresentação visual. Lauro Trevisan buscou em São Paulo, na Editora Abril, o apoio profissional que proporcionou a equiparação de *Rainha* ao nível de produção gráfica das revistas do eixo econômico do país, com o trabalho de Benedito Veloso, na época diagramador de *Capricho* e *Contigo*. O talento de Veloso foi fundamental para a melhor organização do material publicado, criando uma aparência moderna com o uso de linhas, cores e muita fotografia, e consolidando na diagramação um forte atrativo para os leitores (ANEXO 12).

As reformas promovidas por Lauro Trevisan pressupõem uma remodelação no processo produtivo da revista, afastando-a ainda mais do caráter “artesanal” de seus

¹⁶⁶ Este padrão reflete-se nos trabalhos realizados pela Gráfica Pallotti, até hoje referência de qualidade no Sul do Brasil.

primórdios e do grau de improviso demonstrado no início da reforma. A exemplo de editoras católicas que ampliaram sua abrangência a partir da década de 60 com a diversificação temática, *Rainha* também partiu para uma constante profissionalização de sua equipe e aperfeiçoamento de sua produção. Para concorrer com as demais publicações leigas e dar conta da expansão da demanda, editoras como Salesiana Dom Bosco, Vozes e Paulinas são obrigadas a seguir o ritmo do mercado, investindo pesado na modernização do maquinário e dos recursos humanos.¹⁶⁷ A revista *Família Cristã*, referência em periódico católico no país, caminha no sentido de buscar um maior grau de aperfeiçoamento do processo produtivo, com a impressão confiada a Editora Abril, a diagramação entregue nas mãos de um profissional, a gradativa qualificação das irmãs paulinas, que a partir de 1973 passam a cursar faculdades de jornalismo, bem como o ingresso de jornalistas profissionais leigos na redação.¹⁶⁸

Rainha também profissionaliza sua equipe, passando a contar com pessoal específico para cada etapa do processo produtivo – edição, redação, diagramação, impressão e comercialização (ANEXO 13). Ao contrário dos primeiros tempos da reforma, quando o editor era o “faz tudo”, e do final da década de 1960, momento em que a maior parte do conteúdo da revista era provisionado pelos colaboradores, os anos 1970 caracterizam-se pela relação empresarial da produção. A presença do leigo era dominante tanto na redação quanto na gráfica: em janeiro de 1973, a revista mantinha em seu quadro 66 funcionários registrados.¹⁶⁹ Ainda se configura a presença de colaboradores, na maioria especialistas em assuntos trabalhados nas colunas, bem como a participação de alguns religiosos da congregação, principalmente os padres Lauro Trevisan, editor, Clementino Marcuzzo, responsável pelo setor de divulgação, e Júlio Della Vale, que trabalhava nas oficinas gráficas. Destaca-se também o trabalho de Manoel Damásio, o “repórter das estrelas”, correspondente

¹⁶⁷ DELLA CAVA, Ralph & MONTERO, Paula. *E o verbo se fez imagem*. Op. Cit. p.182.

¹⁶⁸ *Ibid*, p. 191.

¹⁶⁹ INFORMAÇÕES PALOTINAS. Santa Maria: Pallotti, nº 06, dez 1973.

de *Rainha* no Rio de Janeiro, que era responsável pela produção das matérias com artistas e personalidades nacionais.

Bastante ilustrativa neste aspecto é a reportagem da edição especial dos 50 anos da revista, na qual o leitor Geraldo Antonio Testi narra, em primeira pessoa, as impressões coletadas em uma visita a Editora Rainha.¹⁷⁰ Ele descreve pormenorizadamente as instalações da redação, localizada na Rua do Acampamento, no centro de Santa Maria, e da gráfica, situada no bairro Patronato. O texto traz também a divisão setorial da equipe, informando que a mesma era composta por funcionários bastante jovens, em idade universitária.

Embora fosse composta por vários profissionais formados, o setor de redação enfrentava o problema da baixa qualificação da equipe, fator que derivava provavelmente da escassez de jornalistas profissionais na cidade (a primeira turma de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria só irá se formar em 1976). Conforme anúncio publicado na época, as exigências para contratar um redator se resumiam ao domínio da datilografia, título de curso secundário e disponibilidade de tempo integral.¹⁷¹

Quanto à gráfica, a Editora Rainha adquire modernos maquinários de composição, dobradeiras, impressoras e grampeadoras. Em 1971 a revista atualiza o sistema de geração de fotolitos, com a instalação de uma nova máquina de fotomecânica, a Agfa-Gevaert, da marca Repromaster, adquirida mediante empréstimo financiado pelo Banco do Brasil. O

¹⁷⁰ A redação chamou a atenção do leitor logo pela impressão da entrada do prédio. “Senti um impacto de imediato, porque praticamente toda a frente do prédio é de vidro. Lá dentro, vasta iluminação, tapete azul forrando todo o piso, diversos birôs de atendimento, um balcão elegante e duas funcionárias jovens, bonitas e bem dispostas atendem todo mundo.” Ele narra que o expediente começava às 7h 45min., quando “o relógio-ponto não pára de bater”. No segundo piso, funcionavam os setores de contabilidade e de correspondência, que atendia de 30 a 40 mil cartas por ano. No primeiro piso ficava o escritório do diretor, com duas salas contíguas, descrito como “repleto de papelada, revistas e tal, como se fosse um campo de batalha”. Ao lado, ficava a sala da secretária e sua assistente. O subsolo era espaço da redação e biblioteca, do departamento de arte, e do laboratório de revelação de fotolitos, além da “toca da onça”, como era conhecido o refeitório pela algazarra que dominava nos momentos de descontração da equipe. O leitor fala que a equipe de redação, composta por “um rapaz e três moças” se esmerava para garantir “um estilo jornalístico, leve, atraente, ao texto, conforme as exigências do diretor”, voltado a conquistar um perfil de leitor “que vive agitado, apressado, atropelado, engolfado no dia-a-dia e por isso só pára um pouquinho para ler o que lhe interessa, o que for fácil, rápido e de impacto.”. Testi conclui o texto dizendo que ficou muito impressionado com a existência de “uma editora de revistas desse tamanho” numa cidade de apenas 160.000 habitantes. Cf.: RAINHA vista por gente de fora. In.: RAINHA. Santa Maria: Pallotti, nº 04, abr. 1973, p. 44-50.

¹⁷¹ SANTA MARIA. Santa Maria: Pallotti, jun. 1973.

equipamento fotográfico para fotolitos a traços, reticulados e com seleção de cores substitui o antigo sistema de reprodução de clichês.¹⁷² No quesito impressão, destaca-se a off-set a quatro cores Planeta Variant, adquirida através do financiamento de instituições da Igreja alemã. Quando esta chega a Santa Maria, em 1974, é anunciada como “a maior impressora do Sul do Brasil”, uma vez que só existiam na época duas máquinas similares no país, uma em Salvador e outra, no Rio de Janeiro (ANEXO 14).¹⁷³ Em matéria publicada na revista Santa Maria, Trevisan realça o feito:

De fato, fazia-se necessário este passo avançado, porquanto estamos plenamente conscientizados de que precisamos estar à altura das demais revistas no Brasil, na verdade cada vez mais sofisticadas. Mas não é sem sacrifícios que modernizamos este parque gráfico, que hoje leva bem longe o nome desta terra.¹⁷⁴

As editoras católicas também expandem sua capacidade de produção com a modernização de seu aparato tecnológico, que incorpora, com defasagem de alguns anos em relação ao setor empresarial leigo, as facilidades à importação de maquinário garantidas pelo governo. Da mesma forma que *Rainha*, em 1973, as edições salesianas renovam seu equipamento gráfico, ainda na década de 60, também com ajuda de instituições católicas estrangeiras.¹⁷⁵

Para rentabilizar o setor editorial e garantir retorno aos investimentos, muitas das casas editoriais aproveitam o alto desempenho do maquinário e o desenvolvimento de pessoal especializado para prestar serviços gráficos a outras empresas e clientes,¹⁷⁶ exemplo que *Rainha* também segue. Os palotinos aproveitam o nicho existente no mercado regional e a

¹⁷² Com ironia e bom humor, Pe. Lauro refere-se à precariedade do equipamento substituído, caracterizando as mudanças ocorridas na revista como componentes de um processo evolutivo. “Parece-me que êste aparelho foi usado para fotografar Adão e Eva, naquela vez que êles notaram, através da foto, que estavam nus e foram se cobrir com fôlhas de trevo. (...) Com o evento da ‘era mezzo-zóica’ os terráqueos estavam cansados de escrever nas pedras, nas rochas, nas grutas, e foi então que surgiu a revista Regina Apostolorum, que evoluiu para Rainha dos Apóstolos, que evoluiu para RAINHA.” TREVISAN, Lauro. “O Piaziito tem recomendação do Cardeal Scherer. In.: *Informações Palotinas*, abril de 1971, nº 01, p. 33.

¹⁷³ SANTA MARIA. Santa Maria: Pallotti, nº 17, mai.1974. p. 04.

¹⁷⁴ Ibid.

¹⁷⁵ DELLA CAVA, Ralph &. MONTERO, Paula. *E o verbo se fez imagem*. Op. Cit. p.182.

¹⁷⁶ Ibid. p.182.

capacidade de realizar mais de 200 mil impressões/dia em off set¹⁷⁷ para direcionar suas forças à confecção de panfletos, cartazes, polígrafos e demais impressos, alcançando consideráveis lucros. A partir de 1975, registra-se um sensível crescimento na prestação de serviços, com as receitas oriundas da produção de trabalhos comerciais alcançando uma expansão de quase 250% em dois anos. Em 1974, a receita dos serviços gráficos prestados pelos palotinos em Santa Maria é de cerca de Cr\$ 216.143,00, ultrapassando a casa de Cr\$ 1 milhão¹⁷⁸ em 1976 (ANEXO 15)¹⁷⁹.

A venda por correspondência de livros de outras editoras, anunciados nas páginas da revista, também representava uma fonte de recursos para a Editora Rainha, embora não disponhamos de dados referentes às receitas. Vários anúncios publicados em *Rainha* e na revista Santa Maria ao longo da década de 70 divulgam a venda de enciclopédias, livros culinários, atlas, bíblias, dicionários, cursos de línguas, livros escolares e de literatura compilada, em listagem que ultrapassa os mais de cem títulos disponíveis à comercialização.

No momento em que amplia seu processo de produção, a gráfica que se estrutura em torno da revista Rainha se diversifica em outras publicações, com o intuito de financiá-la. A ampliação do número de títulos para atingir as mais diversificadas fatias do mercado é uma tendência verificada em editoras de revistas nacionais, como o caso da Editora Abril, que na década de 70 expande o processo de segmentação em revistas especializadas. O número de periódicos produzidos demonstra um bom aumento ao longo das décadas: dos 27 títulos publicados na década de 60 a Abril passa a editar 121 nos anos 70,¹⁸⁰ num crescimento de quase 450%.

O gênero infantil representa uma boa parcela desse esforço, sendo que os palotinos lançam, em 1970, a revista em quadrinhos *Piazito*, totalmente colorida, com 32 páginas e

¹⁷⁷ SANTA MARIA. Santa Maria: Pallotti, nº 27, mar. 1975.

¹⁷⁸ Só para se ter uma idéia do montante, cada edição da revista *Rainha* era vendida na época por Cr\$ 6,00.

¹⁷⁹ EVOLUÇÃO de receitas com publicidade e trabalhos comerciais. Relatório administrativo, 1977. Arquivo Histórico Provincial Nossa Senhora Conquistadora, Santa Maria-RS.

¹⁸⁰ ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira..* op. cit. p. 123.

tiragem inicial de 22 mil exemplares.¹⁸¹ Os gibis, que narram as aventuras do personagem-título, representaram um grande sucesso junto aos leitores, atingindo a marca de 70 mil assinaturas em abril de 1973.¹⁸² Em 1977, *Piazito* passa a veicular encartado em *Rainha*, como “suplemento infantil”, ocupando as quatro páginas centrais do miolo.

No final de 1973, os palotinos publicam outro gibi – *Aventuras de Frik-Frok* –, na tentativa de capturar também o público adolescente.¹⁸³ A revista infanto-juvenil traz as histórias de “dois personagens aventureiros, bastante *afarwestados*”, criados por Lauro Trevisan.¹⁸⁴ Apesar de não ter atingido a mesma repercussão de *Piazito*, *Frik e Frok* arranca com tiragem inicial de 40 mil exemplares, quase o dobro da tiragem da primeira edição de *Piazito*, em 1970.¹⁸⁵

Além de serem comercializadas através das assinaturas, as revistas em quadrinhos também eram vendidas na forma de almanaques, reunindo em edição encadernada os gibis publicados ao longo de cada ano. As compilações também eram distribuídas como brindes aos assinantes na ocasião da renovação das assinaturas ou como prêmios, nas diversas promoções e concursos de *Rainha*.

A revista também experimenta o desenvolvimento de um espaço segmentado dentro de sua própria edição; neste sentido são criados os suplementos *Rainha Jovem* (1973) e *Colégio* (1974), ambas versões do mesmo formato, composto por testes de vestibular, matérias de comportamento voltadas à faixa etária, letras de música e as famosas fotonovelas. A publicação dos suplementos não representava basicamente a introdução de novos conteúdos ou seções, apenas a reorganização destes no projeto gráfico da revista, em espaço segmentado para o público jovem, separando-o do restante do conteúdo, direcionado à família de um modo geral.

¹⁸¹ Informações Palotinas, abril de 1971, n 01, p. 32.

¹⁸² Santa Maria, no 06, abril de 1973.

¹⁸³ ENTREVISTA com Pe. Lauro Trevisan. Santa Maria, 1º nov. 2005.

¹⁸⁴ Santa Maria, no 10, outubro de 1973.

¹⁸⁵ *Ibid.*

Outra publicação da Editora Rainha é a revista *Santa Maria* (1973), que circula entre 1973 e 1977, com conteúdo informativo voltado especificamente à cidade e tiragem de 20.000 exemplares. Ao contrário das revistas de história em quadrinhos, comercializadas pelo sistema de assinaturas, *Santa Maria* era distribuída gratuitamente junto a edição mensal de *Rainha*, apenas para a cidade de Santa Maria e arredores. Uma característica interessante é que, além de circular como suplemento, *Santa Maria* também era distribuída diretamente por dois de seus patrocinadores: uma empresa de comercialização de gás e uma rede de supermercados, de propriedade da família de Pe. Lauro Trevisan.¹⁸⁶ O principal foco da revista era dar visibilidade aos acontecimentos e personalidades regionais, assumindo o papel de marcar presença comunitária, denominando-se como “a revista que mostra o que é Santa Maria” ao destacar potencialidades e realçar a necessidade de desenvolvimento econômico e social da região.

O lançamento de outras revistas e suplementos representa uma estratégia de buscar novos públicos com a segmentação dos interesses e a diversificação dos conteúdos. Além disso, configurava-se numa forma de financiar o próprio investimento em máquinas e funcionários com a renda da comercialização dos produtos e da venda de espaços publicitários, otimizando, desse modo, a estrutura produtiva de *Rainha*.

Freqüentemente eram produzidos encartes, como calendários e pôsteres, distribuídos gratuitamente aos assinantes junto ao exemplar do mês ou como brinde pela renovação da assinatura. Tudo isso exigia um grande esforço de auto-promoção, fazendo com que as páginas da revista também servissem de mídia para divulgar os demais produtos da editora, bem como realizando concursos e distribuindo prêmios, em estratégias de marketing típicas da cultura de massa. Brindes, promoções, encartes e calendários fortaleciam os vínculos com o leitor, ao lado das novas seções e das constantes mudanças na diagramação. As novidades

¹⁸⁶ Devido a sua distribuição gratuita, *Santa Maria* dependia exclusivamente da publicidade como fonte de financiamento, o que fazia com que o número de anúncios veiculados em *Santa Maria* fosse bem maior que o de *Rainha*. Além disso, a circulação restrita ao município condicionava a proeminência de anunciantes locais.

geralmente apareciam nas edições de janeiro, no início da campanha de assinaturas de cada ano.

Desde a fundação de *Rainha*, a venda das revistas era feita totalmente pelo sistema de assinaturas, intermediada através dos “zeladores”. Estes tinham como missão oferecer a revista ao maior número de pessoas, tarefa que era exercida como um apostolado, sem receber remuneração para isso. Ainda em meados da década de 60, Lauro seculariza este sistema, transformando o que antes representava missão religiosa em relação comercial, inclusive mudando a denominação “zelador”, termo com forte conotação católica, para “representante”. Os representantes passam a receber comissão por número de assinaturas vendidas, ganham brindes da Editora e participam de congressos de motivação promovidos por Pe. Lauro. O grande salto na tiragem só se torna possível graças a estes incentivos. Em apenas um ano, de 1972 para 1973, o número de representantes em todo o Brasil salta de 1.092 para de 4.573, fazendo com que a tiragem da revista alcance o recorde de 130.000 exemplares. Além dos representantes, outros personagens deram apoio importante para que a revista atingisse os saltos na tiragem: os divulgadores. Em 1973, sete veículos Kombi foram entregues a estes novos funcionários, especialmente treinados em vendas, para percorrerem o Sul do Brasil promovendo assinaturas para as revistas *Rainha e Piaçito*.¹⁸⁷

O processo produtivo da revista enfrentava várias dificuldades, a maioria delas intrínsecas ao posicionamento espacial da revista na região Sul do Brasil, até hoje sem grande tradição na produção de revistas de informação. Para se ter uma idéia do isolamento da região em relação ao centro cultural e financeiro do país, o eixo Rio-São Paulo, era mais prático e econômico imprimir os folhetos da revista em Buenos Aires do que em São Paulo, conforme revela o editor.¹⁸⁸

¹⁸⁷ INFORMAÇÕES PALOTINAS. Santa Maria: Pallotti, nº 06, dez 1973. p. 28.

¹⁸⁸ ENTREVISTA com Pe. Lauro Trevisan. Santa Maria, 1º nov. 2005.

Mas a principal dificuldade enfrentada devido à localização relacionava-se à necessidade de abranger assuntos de interesse nacional a partir de uma realidade local bastante específica, uma vez que a revista circulava praticamente em todos os Estados do país. Com exceção de Manoel Damásio, correspondente de *Rainha* no Rio de Janeiro, não havia profissionais na equipe com possibilidade de cobrir os acontecimentos que ganhavam destaque nos demais veículos de imprensa no país, e assim acompanhar as principais notícias geradas a partir do eixo Rio-São Paulo. Segundo Pe. Trevisan, essa impossibilidade deixava a *Rainha* uma única forma de contornar o problema: abordar assuntos de interesse geral através da opinião de fontes locais.¹⁸⁹ Exemplo disso são reportagens e artigos sobre psicologia, educação, saúde, comportamento, abordados a partir da ótica de especialistas de Santa Maria e da região, bem como as páginas de moda, que figuram modelos e estilistas locais.

Do mesmo modo, o problema do isolamento geográfico complicava a obtenção de financiamento publicitário. Durante algum tempo a Editora manteve uma representação comercial em São Paulo, viabilizando o estabelecimento de contratos de anúncios com empresas do porte da Varig e do Instituto Universal Brasileiro, além de empresas locais e regionais que contatavam o setor comercial da revista, em Santa Maria, como a Expresso Mercúrio – empresa santa-mariense de destaque nacional no setor de transportes. Apesar do esforço em inserir publicidade em suas páginas, a presença de anúncios em *Rainha* era pequena se comparada ao espaço publicitário total de outras revistas. A maior parte dos anúncios publicados era de vendas por reembolso (relógios, produtos de beleza, livros e até perucas) e de cursos por correspondência (Instituto Universal, Instituto Monitor, Dom Bosco Escolas Reunidas). Além disso, predominavam anúncios da própria revista, sobretudo relativos à renovação de assinaturas e promoções, e da Editora Rainha, divulgando a venda de livros por reembolso.

¹⁸⁹ ENTREVISTA com Pe. Lauro Trevisan. Santa Maria, 1º nov. 2005.

4.2 Artistas, fotonovelas, consultório sentimental e auto-ajuda: elementos de cultura de massa

A continuidade das reformas ao longo da década de 70 era justificada pelo “interesse do leitor”. O sucesso da fórmula modernizadora, que consistia em expandir os investimentos no processo produtivo e comercial enquanto promoviam-se graduais aumentos na tiragem, pode ser percebido através das matérias, anúncios e editoriais que manifestam-se a respeito do próprio crescimento da revista e do interesse de travar relações com o pólo receptor, seja em concursos de perguntas e respostas ou seções específicas de cartas dos leitores.

Justificado pela constante busca de atender a este interesse é que se dá, no período entre 1969 e 1974, o ponto mais alto do afastamento de *Rainha* do padrão comum de imprensa confessional, enquanto voltada a divulgar notícias religiosas e expor comentários sob o ponto de vista da Igreja. Os interesses religiosos e evangelizadores parecem passar muito longe das fotonovelas, das seções de correio sentimental e das matérias com artistas e personalidades que pipocam nas páginas do mensário ao longo do período. Por outro lado, as freqüentes manifestações dos leitores nas seções de cartas, favoráveis ao conteúdo abordado, e o próprio sucesso da revista, nos levam a concluir que o pólo receptor aprovava aquele formato, levando a direção a continuar apostando na proposta.

Atores e atrizes da telinha, cantores de sucesso, músicos da jovem guarda e artistas em geral são os personagens preferenciais retratados nas capas entre 1969 e 1974, guardando evidente contraste com as figuras religiosas veiculadas antes das reformas (ANEXO 8). Agnaldo Rayol (janeiro de 1969) inaugura a presença de artistas na capa, seguido por Silvinha (março de 1970), Altemar Dutra (dezembro de 1971), Marília Pêra (agosto de 1972), Clara Nunes (novembro de 1972), Ronnie Von (julho de 1969 – ANEXO 8 – e novembro de 1974), além de muitos outros rostos famosos que adornam as páginas de *Rainha* nas edições do final

da década de 60 e início da de 70, auge da tiragem da revista. Eventualmente, neste período, o veículo também exibia na capa fotografias referentes às comemorações do mês, como o rosto em close de uma menina exibido na edição do mês de outubro de 1973, em alusão ao dia das crianças, ou a ilustração de Dom Pedro I na edição comemorativa da Independência do Brasil (setembro de 1972), e até mesmo notícias religiosas, caso da imagem de Paulo VI publicada na capa de junho de 1971.

Em verdade, *Rainha* se aproxima, naquele momento, do padrão de mídia massiva que perpetua modelos como o culto aos famosos, ou olímpianos,¹⁹⁰ um dos elementos fundamentais da cultura de massa. Em *Rainha*, a presença das personalidades insere a revista nesta perspectiva, afastando-a ainda mais dos ideais católico-evangelizadores e aproximando-a da mídia em consolidação no Brasil. Os famosos, quando representados na capa, eram quase sempre pauta de entrevistas exclusivas para a edição, cedidas ao repórter Manoel Damásio, e sua aparição estava vinculada à perspectiva de atrair o leitor pelo apelo estético e imaginário das celebridades.

Nas entrevistas, os artistas eram frequentemente fotografados lendo *Rainha* ou expressando comentários a respeito dela. Há, inclusive, uma matéria totalmente dedicada a repercutir a divulgação da revista feita no Programa Flávio Cavalcanti, show de calouros da TV brasileira da época.¹⁹¹ O texto e as fotografias da matéria destacam a atenção dos jurados e artistas apreciando o mensário gaúcho, inclusive do cantor Roberto Carlos, que por acaso se apresentou no programa naquele momento. “O Rei do iê-iê-iê recebeu uma *Rainha* e passou a folheá-la muito curiosamente. Até as fãs de Roberto Carlos desviaram sua atenção para aquela revista do Sul, que nunca tinham visto.”¹⁹² Segundo a matéria, a iniciativa de levar a revista ao programa partiu do correspondente de *Rainha* no Rio de Janeiro: “Talvez RAINHA não

¹⁹⁰ MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: Op. Cit.*

¹⁹¹ “Uma *Rainha* em julgamento” In.: RAINHA, Santa Maria: Pallotti, jan. 1972, p. 26-7.

¹⁹² Ibid. p. 27.

tenha sido julgada ‘Fora de Série’, mas que agradou aos jurados, agradou mesmo, conforme as notícias de Manoel Damásio.”¹⁹³

A aprovação dos artistas era utilizada, neste caso, como fator de legitimação para a existência da revista e prova de seu grau de qualidade, através da identificação do público com seu astro favorito. Esse mecanismo que leva o público a se identificar com o retratado, pautando suas condutas e pensamentos baseado no comportamento dos astros midiáticos, opera graças à dupla natureza dos olímpianos. Estes caracterizam-se “como ideais inimitáveis e modelos imitáveis”,¹⁹⁴ pois, ao mesmo tempo, se oferecem como deuses inatingíveis, habitantes do Olimpo das celebridades, e como cidadãos reais, que lêem revistas de informação e inclusive se “interessam” por revistas do porte de *Rainha*.

Nota-se, nas capas, a constante presença de figuras femininas sorridentes, em imagens belas e joviais enquadradas pelas manchetes e pelo nome da revista – as *cover girls*, que no dizer de Morin, representam a preponderância da feminilidade como valor fundamental da mídia moderna¹⁹⁵. Em oposição, os homens aparecem exibindo expressões sérias quando fotografados para a capa, caso do governador paranaense Paulo Pimentel (março 1970) e do cantor Antonio Marcos (agosto de 1974).

Outro elemento que contribui para o sucesso de *Rainha* nos anos 1970 e, do mesmo modo que as entrevistas com os artistas, aproxima-a de um fenômeno da cultura de massa, são as fotonovelas. As histórias de amor seriadas começam a ser publicadas no mensário palotino em 1969, com a fotonovela “Um anjo na tormenta”.¹⁹⁶ No início, as histórias eram narradas em capítulos, ao longo de duas ou três edições. A partir de 1972, passam a ser publicadas fotonovelas completas,¹⁹⁷ sempre em P&B. Seja publicada em versão integral ou seriada, as

¹⁹³ “Uma Rainha em julgamento” In.: RAINHA, Santa Maria: Pallotti, jan. 1972, p. 27.

¹⁹⁴ MORIN, Edgar. Op. Cit. p.106.

¹⁹⁵ MORIN, Edgar. Op. Cit. p.144.

¹⁹⁶ RAINHA, Santa Maria: Pallotti, jan. 1969.

¹⁹⁷ Exemplos de fotonovelas completas: “A angústia de um pequeno coração” (RAINHA, janeiro de 1972, p. 49-59;62-5) e “O segredo de Juliana” (RAINHA, agosto de 1972, p. 48-65).

narrativas consistiam geralmente na matéria com maior número de páginas na edição, aparecendo no final da revista. Suas páginas eram espaço preferencial para veiculação publicitária, com anúncios publicados geralmente no rodapé ou na lateral das histórias. Em outros momentos, as páginas das fotonovelas também abrigavam o box do expediente ou as soluções dos passatempos publicados na edição.

Com a exceção do primeiro ano de publicação das histórias (em 1969 as fotonovelas eram fornecidas pelo Estúdio LT, de São Paulo) as fotonovelas de *Rainha* eram de origem estrangeira, como a maior parte das fotonovelas publicadas no país. A revista comprava suas histórias da Argentina, numa época em que o mercado do produto era dominado pelos países latinos, com penetração quase nula no mundo anglo-saxão.¹⁹⁸ A produção de fotonovelas era dominada por grupos italianos,¹⁹⁹ que se caracterizavam como uma verdadeira indústria exportadora das narrativas seriadas, também responsável por fornecer grande parte do material publicado no Brasil.

Conforme conta Pe. Lauro Trevisan, os direitos para a publicação das histórias eram adquiridos em suas viagens à capital portenha para imprimir os fotolitos (antes da revista introduzir seu próprio sistema de confecção do material).²⁰⁰ Um aspecto curioso é que o editor fazia a tradução dos textos diretamente no fotolito, admitindo, em muitos dos casos, até mudar os rumos da história conforme seu próprio gosto.²⁰¹

As histórias seguiam a linha das demais fotonovelas publicadas no país, em narrativas de caráter extremamente sentimental e não raro demasiado ingênuas. Nelas, predomina a matriz do universo romanescos, no qual a personagem principal retratada é normalmente a do “herói bonzinho”, vítima e sofredor das perplexidades da vida, em geral solucionadas no

¹⁹⁸ HABERT, Angeluccia B. *Fotonovela e Indústria Cultural: Estudo de uma forma de literatura fabricada para milhões*. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 65.

¹⁹⁹ Ibid.

²⁰⁰ ENTREVISTA com Pe. Lauro Trevisan. Santa Maria, 1º nov. 2005.

²⁰¹ Ibid.

clímax da história por alguma “solução mágica”²⁰²: a amiga que surge do nada e conserta a problemática relação entre uma mãe e sua filha²⁰³ ou o reencontro, que “milagrosamente” provoca o amor entre dois velhos amigos.²⁰⁴

A fotonovela é um produto da indústria cultural por excelência, pois embora possamos considerar sua pré-história no momento da invenção da imprensa ou no surgimento do cinema, por exemplo, ela só passa a existir de fato no contexto de produção e consumo de bens culturais em larga escala.²⁰⁵ Portanto, o produto nasce e se desenvolve no seio dessa cultura, confeccionado a partir dos princípios de padronização industrial e regido pela lógica da técnica. Responde, portanto, ao conceito de cultura de massa definido por Morin: produzida segundo as normas maciças de fabricação industrial, divulgada pelas técnicas de difusão e destinada a um aglomerado gigantesco de indivíduos.²⁰⁶

Tanto as fotonovelas como as entrevistas com artistas são exemplos do sincretismo entre o mundo real e o imaginário promovido pela cultura de massa, segundo o qual setores informativos são constantemente associados ao “romanesco”. Dessa forma, a presença das vedetes em *Rainha* é utilizada, não só para conferir a aparência de real através da exposição do cotidiano destas na revista – o foco das matérias é quase sempre o de “revelar” os gostos pessoais, perspectivas e vida privada dos artistas retratados – mas ao mesmo tempo, revestir a informação com elementos que buscam envolver a experiência dos retratados numa aura de sonho. “A cultura de massa é animada por esse duplo movimento do imaginário arremedando o real e do real pegando as cores do imaginário.”²⁰⁷

Esse mesmo mecanismo de troca entre real e imaginário parece ser posto em prática também nas diversas participações do leitor nas páginas da revista. *Rainha* publica um grande

²⁰² HABERT, Angeluccia B. Op. Cit. p. 38-40.

²⁰³ “A angústia de um pequeno coração” In.: RAINHA, Santa Maria: Pallotti, jan. 1972, p. 48-65.

²⁰⁴ “Nunca é tarde demais”. In.: RAINHA, Santa Maria: Pallotti, ago. 1974, p. 53-66.

²⁰⁵ HABERT, Angeluccia B. Op. Cit. p. 18.

²⁰⁶ MORIN, Edgar. Op. Cit, p. 14.

²⁰⁷ Ibid. p. 37.

número de seções, ao longo da década de 70, intimamente relacionada a divulgar a participação dos leitores. A busca pelo par ideal, os conflitos interiores e dúvidas pessoais são alguns dos elementos que pautam a co-existência entre a realidade testemunhada pelos próprios leitores da revista e dos elementos romanescos que não raro podem ser encontrados nesses relatos e que estruturam sua configuração.

Entre as décadas de 50 e 60, a coluna “Resolva suas Dúvidas” representou um grande sucesso da revista, tanto no volume de participações como em relação à sua continuidade – trata-se da seção mais duradoura nas páginas de *Rainha*. Em 1973, ela é incorporada à seção “Os leitores”, que reúne em nova formulação seções de participação do leitor, com conteúdo dividido nas colunas “Querem casar” – antiga “Agência de Casamentos”, “Cantam” - antiga “Cante com Rainha”, “Comentam” – parte da antiga seção “Mesa redonda”, “Escrevem” – antigo “Álbum dos Leitores”, com poesias e textos encaminhados, “Sugerem” – também compunha a antiga seção “Mesa Redonda”, “Querem cartas” – antigo “Correio da Amizade”, “Pedem conselho” – novo nome da seção “Padre, dê-me um conselho”, “Querem resolver seus problemas” – antigo “Resolva suas dúvidas”.²⁰⁸

A exemplo das mudanças de 1973, ao longo da década de 1960 e 1970 as seções de participação dos leitores são constantemente reformuladas, mas as temáticas abordadas parecem sempre as mesmas: consultório sentimental, espiritual e profissional, correio da amizade e de casamentos e críticas de leitores. O consultório sentimental é uma constante ao longo do tempo, enquanto as cartas com questões de cunho espiritual pipocam no decorrer dos anos – caso específico é a seção “Padre, dê-me um conselho”, de responsabilidade de Pe. Fernando, que circulou entre 1969 e 1972. A experiência de seções voltadas exclusivamente a aconselhamento profissional, similares ao modelo perpetuado pelo “Escritório Geral do Povo”, na década de 1960, só será retomada em 1974, com a criação de “Os leitores

²⁰⁸ RAINHA, Santa Maria: Pallotti, abr. 1973 p. 72-5.

consultam”, reunindo dúvidas dirigidas a um advogado, a um psicólogo, a um pediatra, e a um padre.²⁰⁹

As reportagens representam um outro destaque da revista entre os anos de 1969 e 1974. Estas abordam prioritariamente aspectos comportamentais, sobretudo questões referentes ao desenvolvimento de crianças e adolescentes, bem como o relacionamento entre familiares e cônjuges. Várias matérias ganham o formato de “debates”, reunindo a opinião de leigos e especialistas sobre uma temática específica.²¹⁰

Quanto às matérias de cunho geral, nota-se um leve predomínio de textos com o intuito de “descobrir o Brasil” no início da década de 1970: reportagens sobre pontos turísticos em vários Estados e relatos de “exploradores” de regiões ainda pouco conhecidas na época, como a Amazônia e a região centro-oeste. Um interessante exemplo é o especial “Amazônia”,²¹¹ que ressalta o caráter “desbravador”, do repórter assumindo a tarefa de “descobrir o Brasil” aos olhos dos leitores. O relato, descrito em primeira pessoa, expressa a admiração do autor com a natureza e a força do homem na ocupação do espaço geográfico.²¹² Essa vontade de “descobrir o Brasil”, expressa nas páginas de *Rainha* e nas de outros periódicos da época, como *Claudia*, *Quatro Rodas*, e sobretudo, *Realidade*, representa uma matriz comum também ao cinema e à telenovela no país, que começa a superar a fórmula do melodrama e adaptar-se à abordagem de problemáticas nacionais.²¹³

²⁰⁹ RAINHA, Santa Maria: Pallotti, ago. 1974 p. 4-6.

²¹⁰ A matéria “Porque acontecem os desquites?” (RAINHA, Santa Maria: Pallotti, abr. 1971, p. 12-3), traz a opinião de quatro especialistas sobre a questão: professor de psiquiatria, juiz, advogado e presidente do Movimento Familiar Cristão. Outra matéria, “Quem deve dar a educação sexual?” (RAINHA, Santa Maria: Pallotti, ago 1971, p. 9) traz quatro tópicos com a opinião de Paul-Eugène Charbonneau, “psicólogo, escritor, padre”; Tânia Catarina Prates Aita, professora do curso de Pedagogia da UFSM; Mery Niederauer Bohrer Fonseca, secretária municipal de Educação; e Wilson Roberto Crivellaro Jucham, pediatra. Os participantes depõem sobre a quem compete fornecer esclarecimentos sobre educação sexual a jovens e crianças, dividindo a opinião de que esta cabe primordialmente aos pais, de modo exclusivo (pai e pediatra) ou dividindo a responsabilidade com os educadores (opinião de ambas as professoras).

²¹¹ RAINHA, Santa Maria: Pallotti, jan. 1972, p. 3-7.

²¹² “Nosso correspondente Berlindo Iop percorreu 22.000 quilômetros de avião, de ônibus, de navio, de lancha e até de bote no meio dos igapós e igarapés da Amazônia. Atingiu as zonas mais avançadas da Transamazônica e visitou os núcleos dos primeiros colonos. Acompanhe esta série sensacional de reportagens.” Ibid. p. 3.

²¹³ MIRA, Maria C. Op. Cit. p. 71.

Mas o conteúdo de viés mais “informativo” dessas reportagens certamente não representa a base que estrutura a configuração de Rainha no início dos anos 1970. O destaque maior dado às matérias que envolviam a perspectiva de auto-ajuda, orientando os leitores a enfrentar as vicissitudes familiares e da própria vida, certamente representavam o fator que norteava a concepção editorial da revista naquele momento. Além das reportagens, o conteúdo de auto-ajuda permeava testes, artigos, e principalmente, editoriais assinados por Lauro Trevisan. É sob esse aspecto que a revista construía seu discurso de fomentadora de uma “visão cristã da realidade”, ao passo que proporcionava subsídios para guiar o leitor nas mais variadas experiências, buscando cumprir o papel de imprensa católica designado na instrução pastoral *Communio et progressio* através da metáfora do espelho: refletir as imagens do mundo e ao mesmo tempo servir de “luz que o ilumine”.²¹⁴

A perspectiva de auto-ajuda será melhor trabalhada a partir de 1975, quando as entrevistas com artistas e as fotonovelas deixam de ser publicadas. Sobre a relação entre Rainha e sua proposição enquanto mídia religiosa nos deteremos mais no próximo capítulo.

4.3 A saída de Lauro Trevisan

Após alcançar um desenvolvimento acelerado no início da década de 70, *Rainha* estabiliza sua tiragem a partir de 1974, fixando-a em aproximadamente 70.000 exemplares mensais. A queda no número de assinaturas é acompanhado por um redirecionamento que se converte em modificações sensíveis na proposta editorial da revista que, embora não representem uma descaracterização do projeto consolidado nos anos 60 e 70, contribuíram no

²¹⁴ INSTRUÇÃO Pastoral *Communio et progressio*. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 79.

sentido de recuperar um perfil editorial mais comprometido com os ideais institucionais de uma revista católica.

O primeiro sinal desta mudança é o desaparecimento das fotonovelas e das capas e matérias com artistas e personalidades. Desprovida dessa modalidade de conteúdo, a revista provavelmente desagradou a muitos leitores que buscavam na revista momentos de evasão e entretenimento, proporcionados pelos conflitos emocionais narrados pelas fotonovelas ou pelas curiosidades sobre os astros do momento, mas certamente passou a satisfazer melhor o público interessado em informação e nos valores religiosos que perpassassem a abordagem. Reportagens sobre comportamento e matérias de auto-ajuda passam a desempenhar o papel de destaque em *Rainha*, que retoma um perfil mais formativo, com conteúdo educacional e de fundo religioso. Os textos de Lauro Trevisan ganham evidência, destacando tópicos como o pensamento positivo, a importância da boa convivência pessoal, familiar e profissional, e o cultivo da espiritualidade.

Em vez dos artistas, elementos principais das capas da revista entre 1969 e 1974, a primeira página passa a destacar as matérias da edição. O padrão da capa a partir de 1975 torna-se uma imagem ilustrativa da reportagem principal aberta em toda a página, acompanhada do nome da revista e das manchetes em destaque.²¹⁵ Mudam a tipologia dos títulos e as cores utilizadas na capa, que ganham linhas mais discretas, enquanto registra-se o desaparecimento do slogan que caracterizou o momento do auge da revista, entre 1969 e 1974. A edição de dezembro de 1975 não traz mais a frase “A maior revista do Sul do Brasil”, o que provavelmente indicava que, a partir daquele momento, a tiragem e as pretensões

²¹⁵ Exemplo desse aspecto é a capa que traz a imagem em close de um coração sendo operado, destacando a matéria que acompanha a realização de uma cirurgia cardíaca para a troca de válvula mitral em um jovem de 24 anos no Hospital Universitário de Santa Maria. TREVISAN, Lauro. “Coração: a luta entre a vida e a morte”. In.: *Rainha*, Santa Maria: Pallotti, março 1975, p. 4-9.

editoriais já não eram mais as mesmas.²¹⁶ Em 1976, *Rainha* ganha novo slogan – “A revista que deseja você mais feliz”, que irá perdurar até os anos 1990.

A substituição do slogan repercute a redução de tiragem, uma vez que o novo título exige a revista da responsabilidade de apresentar-se como “a maior do Sul do Brasil”, mas não inviabiliza o caráter assumido pela revista após as reformas editoriais de Lauro Trevisan. Uma das principais propostas de *Rainha* estabelecida ainda nos anos 1960 continua ao longo da década seguinte, que é a de oferecer-se enquanto “educadora” e “conselheira”, vendendo a imagem de que, a partir da apropriação de seus conteúdos, o leitor tenha a possibilidade de uma vivência mais harmoniosa, tanto física quanto psicologicamente. Enfim, continua a apresentar-se como “um guia de felicidade”, em conformidade com a proposta do novo slogan.

Nesse sentido, as reportagens de aconselhamento ganham fôlego a partir da segunda metade da década de 1970, com matérias dedicadas a auto-ajuda e textos que refletem o início da aproximação de Pe. Lauro Trevisan com a “ciência do poder da mente”, temática a qual ele se dedicará de forma integral após sua saída da revista.²¹⁷ Essa característica permeia não só os textos de cunho psicológico, mas reflete-se também em matérias sobre pedagogia,²¹⁸ saúde²¹⁹ (ANEXO 16) e comportamento.²²⁰ Além de informar a respeito das temáticas

²¹⁶ RAINHA, Santa Maria: Pallotti, dezembro 1975.

²¹⁷ Um exemplo disso é a matéria “Você é aquilo que pensa”, texto no qual Lauro Trevisan ensina o leitor a aproveitar melhor as potencialidades do pensamento positivo, instruindo-o a alimentar o cérebro com idéias construtivas. In.: RAINHA, Santa Maria: Pallotti, junho 1976, p. 8-11. Segundo o editor de *Rainha*, é a partir de 1975 que ele desperta seu interesse sobre o tema da auto-ajuda, sendo considerado um dos pioneiros dessa abordagem no país. Cf.: ENTREVISTA com Pe. Lauro Trevisan. Santa Maria, 1o nov. 2005.

²¹⁸ Após as reformas, a presença de matérias de pedagogia é uma constante, tendo sua participação incrementada a partir de 1975 pelo redirecionamento do perfil da revista ao papel educacional. Um exemplo claro é o da matéria “Como educar crianças felizes hoje?”, que estimula os pais a lidarem corretamente com seus filhos, evitando bater, castigar e expressar-se com sarcasmo. Afirma que a melhor solução é ajudar as crianças e jovens a compreenderem as verdades morais e os valores essenciais à vida, “a fim de se tornarem úteis à sociedade, adultos felizes e realizados” RAINHA, Santa Maria: Pallotti, outubro 1976, p. 8-11.

²¹⁹ Um exemplo de matéria sobre saúde é a entrevista com a presidente da Liga Feminina de Combate ao Câncer de Porto Alegre, Lygia Pratini de Moraes, que informa sobre o trabalho da Liga e explica como o câncer pode ser detectado. “O câncer do pulmão não é mais privilégio do homem” In.: *Rainha*, Santa Maria: Pallotti, fevereiro de 1977, p. 3-6.

abordadas, seja a educação infantil ou o câncer pulmonar, as matérias também se propõem a sugerir ao leitor normas de conduta, tanto alertando aos pais sobre como ensinar corretamente as crianças a viverem em sociedade, como orientando o leitor a evitar os malefícios do cigarro.

As seções de cartas dos leitores também continuam a desempenhar essa tarefa orientadora, em colunas de consultório sentimental e de tira dúvidas sobre questões diversas. Estas mudam de nome diversas vezes,²²¹ mas sua função essencial permanece a mesma: visibilizar os problemas pessoais dos leitores e propor-lhe soluções. A questão do autoconhecimento também ganha evidência nesse sentido, através de textos para reflexão, que ensinam o leitor a aprofundar o olhar para dentro de si a fim de entender melhor seu próprio temperamento e inclinações pessoais.²²² Os testes do tipo “você é ansioso?” ou “como os outros vêem sua personalidade?”, predominantes no período anterior, diminuem sua frequência nas páginas da revista, passando a aparecer preferencialmente na forma de testes sobre conhecimentos gerais. Em alguns momentos, estes caracterizam-se como jogo, ao propor uma comparação dos resultados obtidos pelo homem e pela mulher, a fim de “testar” o nível de esclarecimento sobre atualidades de cada sexo, numa proposta lúdica de identificar quem está “mais por dentro do mundo”.²²³

Duas temáticas ganham especial contorno no período, uma vez que salientam-se dentre as demais pela frequência relativa em que figuram nas páginas do mensário palotino.

²²⁰ Um artigo que explora o aspecto comportamental da vida em família é o texto de Loeci Pagano Galli sobre a importância da troca de afeto no convívio familiar. “Você sabe dar e receber carícias?” In.: Rainha, Santa Maria: Pallotti, março 1979, p. 16-21.

²²¹ Em 1975, a seção de aconselhamento integra a seção *Jornal da Rainha*, sob o tópico intitulado “*Jornal da Vida*”, exibindo as cartas separadamente das respostas, fornecidas por um psicólogo algumas páginas adiante (Rainha, março 1975, p. 47-57). No ano seguinte, o conteúdo de consultório sentimental muda o nome, e a coluna passa a intitular-se “*Coração pergunta*” (Rainha, junho 1976, p. 54). Já em 1977 e em 1978, a seção divide-se nas colunas “*Dilemas do Coração*”, “*Dramas do Casamento*” - voltada exclusivamente aos problemas dos casados, e “*Seu destino*” - direcionada ao esclarecimento de dúvidas espirituais dos leitores (Rainha, fevereiro, 1977, p. 8-10). A seção “*Rainha Confidencial*” novamente reúne sob o mesmo nome, a partir de 1979, as seções de cartas de tira dúvidas e consultório sentimental, assim continuando até 1980, final do período observado (Rainha, março 1979, p. 9-13).

²²² TREVISAN, Lauro. “*Afinal, quem é você?*”. In: Rainha, Santa Maria: Pallotti, fevereiro 1977, p. 16-9.

²²³ ESTRAZULAS, Antonio P. “*Quem sabe mais: ele ou ela?*”. In: Rainha, Santa Maria: Pallotti, outubro de 1976, p. 52-3.

Várias reportagens, notícias e entrevistas são publicadas sobre o tema da educação sexual e sobre parapsicologia, notadamente representando um reflexo das questões discutidas no contexto daquele momento.

Aparecem com bastante frequência a partir de 1975 reportagens relativas ao universo do “sobrenatural”, procurando desvendar o que está por trás dos fenômenos mais intrigantes e esclarecer um ponto de vista sobre o assunto, condizente à perspectiva da Igreja. Um dos temas dessas matérias é Uri Geller, parapsicólogo que causou *frisson* no final dos anos 1970 ao aparecer na TV entortando colheres e promovendo certa repercussão na mídia da época. Geller chega a tematizar duas matérias na mesma edição de Rainha: uma na seção de humorismo²²⁴ e a outra, com a visão de Pe. Quevedo na qual ele dirige duras críticas ao paranormal.²²⁵ Pe. Quevedo é autor de grande parte dos textos, alguns publicados em série, que trabalham a parapsicologia naquele momento, incorporando a figura do especialista sobre o tema e buscando esclarecer os mitos e falsas crenças em torno dos fenômenos. A revista também publica duras críticas à astrologia, tentando derrubar a crença no poder dos astros no destino das pessoas pelo conhecimento científico. Em março de 1979, Rainha chega a publicar um especial de 15 páginas sobre o tema.²²⁶

As matérias sobre educação sexual já apareciam antes de 1975, mas ganham destaque a partir desse momento. São reportagens, entrevistas e debates, voltados principalmente à questionar a problemática da educação sexual de crianças. Do mesmo modo que no debate sobre parapsicologia, o conhecimento especializado também é trazido à tona para discutir o

²²⁴ TREVISAN, Lauro. “A noite em que o poder mental fez o diabo”. Rainha, outubro de 1976, p. 30-1. No texto, o autor ironiza os feitos paranormais de Uri Geller. “Sabe-se que Uri Geller está proibido de entrar na Rússia: eles têm medo que o homem entorte a cortina de ferro”.

²²⁵ QUEVEDO, Oscar G. “Uri Geller, verdade ou fraude”. Rainha, outubro de 1976, p. 38-42. O padre tenta explicar o que está por trás dos fenômenos mostrados, explicando-os detalhadamente ao leitor, e definindo Uri Geller como um fenômeno midiático – embora evidentemente não utilize esses termo específico – por ter provocado “um verdadeiro carnaval nacional” após sua aparição na Rede Globo.

²²⁶ “Por que não creio em astrologia”. RAINHA, março 1979, p. 42-57. Extensa matéria que tenta derrubar a crença em astrologia como infundada cientificamente, tentando esclarecer sua origem histórica. Cita o conhecimento agregado ao longo de séculos, da Grécia Clássica à Era Espacial, passando pelas descobertas de físicos e astrônomos como Newton, Galileu, Kepler e Copérnico na Idade Moderna. Esclarece que as figuras do zodíaco são meramente convenção, não havendo fundamento na crença de que estes possam exercer qualquer influência na vida terrena.

problema, através da opinião de psicólogos, educadores, pais e religiosos, exibindo sempre uma perspectiva em conformidade à Igreja. Bastante elucidativa é a matéria “Um bebê que uma vez era um anjo”,²²⁷ que relata as fases da libido infantil segundo Freud e tenta desmistificar crença de que as crianças são “anjos”, afirmando que o instinto sexual se manifesta nos primeiros anos de vida, muito antes da puberdade. O texto dá dicas aos pais sobre como evitar que haja estímulo excessivo nesta fase, como forma de evitar fixações e “perversões na vida adulta”.²²⁸

O período também marca o retorno de matérias sob enfoque religioso, voltadas principalmente a explicar sobre os novos rumos da Igreja Católica. O marco dessa mudança é o fato de que o assunto religião deixa de ser pautado somente por seções específicas, passando a ganhar destaque nas manchetes principais. Em apenas uma única edição, de junho de 1976, a revista trabalha tópicos como a vivência de religiosas em pequenas comunidades,²²⁹ os trabalhos assistenciais da Igreja²³⁰ e as dificuldades enfrentadas pelos sacerdotes no trabalho pastoral.²³¹ Outro destaque é o surgimento da seção “Domingo Litúrgico”, de Pe. Roque Schneider, inaugurando em 1976 uma seção específica de comentários sobre a liturgia dos quatro domingos do mês, explicando o significado dos textos bíblicos e fazendo referências com o cotidiano dos fiéis.²³² Os novos movimentos da Igreja, sobretudo as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), também passam a receber os olhares de Rainha. Destaca-se a

²²⁷ RAINHA, dezembro de 1975, p. 32-4; 36.

²²⁸ Ibid, p. 34.

²²⁹ “Para onde caminham as pequenas comunidades de irmãs”. Rainha, junho de 1976, p. 12-9. reportagem sobre a experiência das religiosas em pequenas comunidades, com o relato de quatro irmãs de diferentes congregações e regiões do país. Texto relaciona a aproximação das irmãs à vida comunitária com a idéia do Concílio Vaticano II de integrar a vida religiosa, antes voltada a si mesma, com o mundo.

²³⁰ CESCA, Olivo. “Os cegos também vêem” Rainha, junho de 1976, p. 20-4. O texto relata a experiência de um instituto de assistência a cegos, de Porto Alegre, o exemplo de jovens portadores de deficiência sobre como superar as dificuldades e viver normalmente.

²³¹ “Sermões: o difícil é sincronizar com o ouvinte” Rainha, junho de 1976, p. 32-7. Matéria sobre a dificuldade dos padres em adequar seus sermões aos ouvidos dos fiéis, que reúne as idéias de três padres sobre o assunto: o jesuíta Atílio Hartmann, o secular Ademar Sauthier e o palotino Pio José Soldera.

²³² A seção passou por diferentes reformulações e responsabilidades, mas permanece, em sua essência, até hoje em *Rainha*. Hoje, ela chama-se “A palavra de Deus em sua vida”, e é de autoria de Pe. Sérgio Engeroff, figurando como encarte da revista, em papel, formato e diagramação diferenciados. Cf. Rainha dos Apóstolos, ano 83, n 984, dezembro de 2006.

entrevista com Pe. Francisco Bianchin, que traz as “idéias renovacionistas” na voz do coordenador de um grupo de padres e seminaristas palotinos da região de Santa Maria que partilham as novas experiências das CEBs.²³³

No final da década de 1970, é sensível o redirecionamento provocado por aquele que representa “um marco eclesial” nas perspectivas da América Latina: a Conferência Episcopal realizada em Puebla, no México, em 1979.²³⁴ Seguindo as diretrizes deste, Rainha irá entrar na década de 1980 tentando cumprir a missão de “dar voz aos que não têm voz”, conforme recomendou Puebla. Exemplo disso é o especial “Operação Esperança: o desafio missionário da periferia”, entrevista de Olivo Cesca com o Padre Ângelo Costa, coordenador da Operação Esperança, trabalho social da Igreja junto a moradores de regiões de risco em várias cidades.²³⁵ Pe. Costa relata a influência de Puebla e Medellín²³⁶ para a criação do trabalho social, que associa a evangelização à promoção humana, “na convicção de que só um cristianismo criativo e de choque é capaz de evangelizar massas descristianizadas”.²³⁷

O redirecionamento da revista em meados dos anos 70 irá se intensificar mais ainda com a saída de Pe. Lauro Trevisan do comando de Rainha, e a mudança da redação da revista para Porto Alegre. A mudança foi justificada pela direção da revista como motivada por questões econômicas, uma vez que a revista não conseguia mais manter o ritmo de constante

²³³ “Tentando novo modelo de estrutura paroquial”. Rainha, outubro de 1976, p. 3-5. Entrevista destaca como ocorre e quais as repercussões dessa ação integrada, explicando sua ligação com o olhar renovado proporcionado pelo Concílio Vaticano II. A matéria é ilustrada com fotos do padre Francisco Bianchin e com a foto da carroceria de um ônibus abandonado, utilizada nos encontros do grupo de reflexão. Texto de estilo coloquial, busca registrar também as impressões do ambiente e o interesse do repórter em buscar esses elementos, descrevendo os objetos das prateleiras do escritório do padre: “Enquanto sobre a mesa o gravador vai registrando as experiências pastorais de Bianchin, com os olhos fazemos repetidas incursões pelas prateleiras da biblioteca, que lhe servem de pano-de-fundo. No meio dos livros, surpreendemos duas casas de joão-de-barro. Atocaiado numa delas, um ‘vitalino’, de chapéu e cachimbo, parece fitar-nos com seus olhos desconfiados de cangaceiro.” (p. 4)

²³⁴ MARQUES DE MELO, José. Comunicação Eclesial: utopia e realidade. Op. Cit. p. 54.

²³⁵ RAINHA, abril de 1980, p. 3-6.

²³⁶ A Conferência Episcopal de Medellín, realizada na Colômbia, em 1968, representou um chamamento dos bispos para a realidade latino-americana. No âmbito da comunicação social, os bispos salientaram a necessidade de incentivar o uso dos meios para a evangelização, tendo a consciência de que os mesmos vinham sendo utilizados pelos grupos econômicos e políticos como elemento de manutenção do status quo. Cf. MARQUES DE MELO, José. Comunicação Eclesial: utopia e realidade. Op. Cit. p. 154.

²³⁷ Ibid, p. 4.

expansão, necessário para cobrir os investimentos e a manutenção da infra-estrutura e acompanhar o ritmo do mercado nacional de revistas, que se tornava cada vez mais competitivo e avançava no sentido de uma segmentação extremamente especializada. Essa tendência determinava que o modelo de “revista da família”, proposta de Rainha e preponderante no mercado até os anos 70, fosse gradativamente substituído pelo de “revista personalizada”,²³⁸ inaugurando um novo ciclo no mercado de revistas brasileiras.

Além das questões econômicas e contextuais, outra motivação para a saída de Pe. Lauro certamente era o descontentamento de parte do clero palotino. É presumível que o rompimento radical promovido pelas reformas editoriais de Lauro Trevisan com o modelo anterior desagradava aqueles que não viam com bons olhos o fato de um veículo católico deixar de lado o conteúdo religioso por razões comerciais. Lauro Trevisan e Clementino Marcuzzo redigem freqüentes artigos no informativo da congregação, rebatendo críticas de seus confrades sobre a legitimidade do perfil editorial adotado. O editor declara, em 1974:

Sei que alguns vão dizer que a revista não apresenta muita religião. Acontece que nós aqui ficamos num dilema: ou fazemos uma revista tipicamente de religião e, nessa base, só poderemos atingir aos que freqüentam a igreja todos os domingos (e não são por isso os que mais precisam da palavra de Deus), ou sofisticamos a revista procurando, antes de fazer propaganda da religião, dar uma resposta cristã aos problemas da atualidade. A verdade é que as revistas religiosas ou morrem ou estão definhando.²³⁹

No momento em que a revista deixa de ser rentável e cumprir sua promessa de vender muito, já não havia sentido para manter sua pesada estrutura, na visão da direção palotina. Em julho de 1974, o superior provincial, Pe. João Baptista Quaini, já afirmava que a situação da Editora Rainha preocupava um pouco, pois sofria diminuição na tiragem e empenhava “um grande esforço para compensar os gastos da revista com outros trabalhos gráficos”.²⁴⁰

²³⁸ MIRA, Maria C. O leitor e a banca de revistas. Op. Cit, p. 9.

²³⁹ INFORMAÇÕES PALOTINAS. Santa Maria: Pallotti, nº 02, mai. 1974. p.29.

²⁴⁰ _____. Santa Maria: Pallotti, nº 03, jul. 1974. p.07.

Pe. Lauro admite que durante sua administração a revista passou por períodos de altos e baixos, registrando lucros em alguns meses e prejuízos em outros, especialmente quando ocorria inadimplência nas assinaturas ou quando era preciso fazer estoque de papel, comprando grande quantidade do insumo. Ele garante que a média anual das receitas era equilibrada, ou seja, se *Rainha* não proporcionava lucros, ao menos não representava prejuízo aos cofres da Província.²⁴¹

Mais tarde, em 1977, os padres chegam a uma decisão sobre o futuro do mensário. A solução encontrada foi transferir a impressão de *Rainha* para Porto Alegre, onde os palotinos mantinham gráfica comercial equipada e em pleno funcionamento, levando para lá parte das impressoras e deixando em Santa Maria apenas o maquinário suficiente para manter os trabalhos comerciais, cuja demanda crescia ano a ano. A leitura era de que na capital do RS havia demanda suficiente para aproveitar a alta capacidade de impressões por hora e qualidade gráfica das máquinas da Editora, em especial, da offset Planeta Variant. Em matéria no informativo da província, Pe. Quaini esclarece que a transferência justifica-se por motivos econômicos e não representa uma tentativa de acabar com a revista.

A transferência de *Rainha* a Porto Alegre de maneira alguma pode ser interpretada como uma velada ou manifesta vontade de terminar com a revista. Muito pelo contrário. Deve-se a ela a nossa preocupação de encontrar uma sólida base para que a mesma possa continuar sua caminhada cristã em favor da educação e animação cristã das famílias brasileiras.²⁴²

Os novos rumos promovidos pela eleição provincial de 1978 determinam que o próprio Pe. João Baptista Quaini assumia o posto de editor de *Rainha* em Porto Alegre, acompanhado por Pe. Isidoro Moro, diretor comercial; Ir. Reik Burin e Pe. Arnaldo Giuliani, diretores administrativos; e Olivo Cesca, diretor redator. Durante algum tempo a redação da revista continua a operar em Santa Maria, e mais tarde, instala-se em definitivo em Porto Alegre, onde permanece até hoje. Lá ela irá retomar um perfil evangelizador, mais

²⁴¹ ENTREVISTA com Pe. Lauro Trevisan. Santa Maria, 1o nov. 2005.

²⁴² RAINHA. Santa Maria: Pallotti, n° 05, out. 1977. p.05-06.

comprometido com a difusão do ideário católico-palotino e reenquadrado aos novos rumos da Igreja, do que com seu crescimento em tiragem e viabilização comercial (ANEXO 17), fato é que os religiosos da congregação reassumem a maioria dos postos de comando e de redação da revista antes delegados a leigos. Pe. Lauro Trevisan jamais voltaria a trabalhar em *Rainha*.²⁴³

²⁴³ Pe. Lauro Trevisan afirma que chegou a ser convidado para trabalhar na revista, em Porto Alegre, mas desistiu em função de seus projetos pessoais. Com a saída de *Rainha*, ele passa a realizar palestras em todo o Brasil e no exterior e a publicar livros de auto-ajuda sobre “o poder da mente”. Seu best-seller “O poder infinito da sua mente”, lançado em 1980, registra mais de um milhão de cópias vendidas, inclusive em países como Argentina, Paraguai, Portugal e Bulgária. Através da Editora e Distribuidora da Mente, criada por Lauro em 1981, ele já publicou 53 obras de sua autoria. Sobre os atuais trabalhos de Lauro Trevisan, cf.:SITE pessoal Lauro Trevisan. Biografia. Disponível em <http://www.laurotrevisan.com.br/biografia.htm>. Acesso em 13 fev. 06.

5. ENTRE O RELIGIOSO E O SECULAR: LÓGICAS DA TRANSFORMAÇÃO EM *RAINHA*

A presença de Pe. Lauro Trevisan em *Rainha*, entre os anos 1960 e 1970, representa um momento diferenciado na trajetória da revista, no qual ela passa por uma nítida transformação, que perpassa tanto sua estruturação discursiva como seu próprio modo de se inserir no mundo enquanto veículo midiático. Percebe-se, neste período, a configuração de uma “outra *Rainha*”, que embora continue sob o comando dos padres palotinos, muda completamente sua concepção de veículo confessional, vinculado a uma congregação católica, no intuito de atingir altas tiragens e projetar-se além de suas fronteiras.

Torna-se fundamental compreender como se dá essa mudança, que envolve a transformação de um modelo de mídia evangelizadora, centrada na defesa dos valores católicos, numa proposta fortemente ligada aos valores mercadológicos e à constante busca pela satisfação dos anseios do público consumidor. São transformações internas – relativas à estrutura da revista e da província palotina – e externas – relacionadas às mudanças na Igreja e na sociedade brasileira – os fatores que contribuem para o veículo efetivar as reformas que levam-no a atingir sucesso em projeção e vendagem no início da década de 70. O momento de transição coincide com os movimentos reformadores que têm início ou se acirram a partir dos anos 1960, tanto na Igreja Católica – Concílio Vaticano II, Teologia da Libertação, movimentos de renovação, ecumenismo – como na imprensa brasileira – reformas editoriais,

surgimento de novas publicações, concorrência com a televisão, intensificação das preocupações comerciais e consolidação do mercado de bens simbólicos. Em torno de *Rainha*, delinea-se um quadro de reestruturações de ordem social, cultural, religiosa, política e econômica que criam uma situação propícia para que Lauro Trevisan introduza as mudanças que progressivamente vão reconfigurando a revista.

Este capítulo observa as lógicas de *Rainha* sob três enfoques: a percepção do leitor, a questão da segmentação e a presença dos valores religiosos no discurso da revista. Cada aspecto será abordado de forma comparativa, realizando recortes transversais sob a perspectiva das diferentes décadas, antes (1950) e durante as reformas (1960 e 1970). Com isso, procurar-se-á interpretar, de forma abrangente, as mudanças verificadas no decorrer do tempo e das reformas editoriais sob o foco da produção e da recepção da revista.

5.1. De fiel a leitor: a construção do pólo da recepção

O indício mais sensível da transformação editorial de *Rainha*, o alcance de elevadas tiragens, está diretamente relacionado a uma mudança radical na concepção do leitor, que opera como elemento mobilizador das reformas. À medida que a revista trabalha seu público alvo e redireciona seu foco da perspectiva paroquial para a mercadológica, implantando estratégias de captura do leitorado, observa-se uma mudança no relacionamento do veículo com o pólo receptor. Esse novo modo de interação se reflete na relação direta dos leitores com a revista, em contato interpessoal ou mediado, e no discurso, estruturando-se na posição imaginária do leitor manifesta pelo texto.

Num movimento iniciado a partir dos anos 50 e intensificado nas décadas seguintes, os leitores passam a participar do eixo da produção, fornecendo conteúdo como poesias,

contos e fotografias, que ilustram as páginas do mensário e ajudam a definir os rumos das mudanças na revista, e expressando através de cartas posicionamentos e percepções a serem consideradas no planejamento editorial. Já a partir dos anos 60 a aproximação se intensifica, com a percepção da audiência através do contato direto, efetuado em reuniões com representantes, ocasião em que se afirmava recolher a opinião destes sobre “a planificação do conteúdo”²⁴⁴ de *Rainha*, ou de forma mediada, através de programas de rádio especialmente voltados a coletar opiniões da audiência sobre a revista.²⁴⁵ Diversas vezes *Rainha* admite pautar seus processos decisórios pelas demandas da audiência – no espaço das cartas, em certo momento se cogita lançar uma revista só de fotonovelas caso houvesse aceitação dos leitores. Esse contato era essencial, uma vez que não havia condições para realizar estudos específicos voltados a definir demandas de mercado,²⁴⁶ permitindo à coordenação editorial, mesmo que a partir de indícios esparsos coletados de forma impressionista, definir rumos e testar decisões a serem investidas em *Rainha*.

5.1.1 Cartas de leitores

As cartas de leitores representam o elemento de maior interatividade estrita nos produtos midiáticos, uma vez que se caracterizam como o espaço em que os leitores falam *no*

²⁴⁴ RAINHA, Santa Maria: Pallotti, dez 1963, contracapa.

²⁴⁵ A nota “Encerrado com Sucesso: Show Revista Rainha” (RAINHA, Santa Maria: Pallotti, jul 1962, contracapa) informa a realização de um programa de rádio especial para comemorar os 40 anos da revista (detalhe: os 40 anos de Rainha só seriam completados em 1963). O texto comenta o resultado de uma enquete com os ouvintes, que apontaram os artigos publicados na edição de maio que mais agradaram a eles. “Uma viagem de estudos até o monte das Oliveiras – Palestina”, ficou em primeiro lugar, com 16 pontos. Em segundo, com 13 pontos, ficou o artigo “Para onde vai o Brasil?”. As demais matérias e seções obtiveram 12, 11 e 10 pontos.

²⁴⁶ ENTREVISTA com Pe. Lauro Trevisan, 1º de novembro de 2005.

veículo e, eventualmente, *sobre* o veículo.²⁴⁷ Em *Rainha*, a primeira aparição do formato no período observado está registrada na coluna de cartas, publicada em janeiro de 1952, sob o título “Apreciações Encorajadoras”, que se prolonga por duas páginas e meia transcrevendo manifestações dos leitores da revista.²⁴⁸ O texto de abertura destaca cartas que louvam as virtudes apostólicas do veículo,²⁴⁹ vinculando o ato de assinar *Rainha dos Apóstolos* a uma forma de proteger a família contra o “pernicioso espírito moderno.”²⁵⁰

Essa tendência das cartas de leitores em defender a perspectiva evangelizadora tem continuidade ao longo das demais aparições da seção na década de 1950, ao lado das questões referentes à distribuição das revistas e das assinaturas em si. Nesse sentido, *Rainha dos Apóstolos* efetua freqüentes apelos incentivando a publicação de anúncios como forma de apostolado,²⁵¹ pedindo aos assinantes para que se mantenham em dia com os pagamentos,²⁵² justificando os atrasos na publicação das edições e os aumentos de preços das assinaturas, na maior parte das vezes, motivados pela elevação nos custos de insumos e de mão-de-obra.²⁵³

A seção propriamente dita de cartas de leitores, enquanto voltada a divulgar apreciações dos receptores *sobre* a revista, tem presença esparsa ao longo da década de 1950.

²⁴⁷ BRAGA, José Luiz. *A sociedade enfrenta sua mídia: Dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 133.

²⁴⁸ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, jan 1952, p. 20.

²⁴⁹ A carta assinada pelo Secretário do Bispado de São Luiz do Maranhão, Monsenhor Sant’Anna, lamenta que a revista não alcance a totalidade da população com sua tiragem, agindo numa espécie “ofensiva” dentro e fora do país a fim de contrapor a imprensa existente. “Julgando pela qualidade e sob prismas da fê e apostolicidade, RAINHA DOS APÓSTOLOS, pequenina e magrinha, – e assim e que é bom para melhor se decorar, meditar e conservar a riqueza da doutrina que ela espadana – leva a palma a tôdas essas revistas de estardalhaço que conduzem os leitores não sei se para o mundo da lua, ou da lama, enquanto que ela encaminha para o mundo das Bem-aventuranças.” ele elogia os colaboradores, religiosos e leigos, destacando “as maravilhosas CARTAS FEMININAS que essa extraordinária Mafalda Lindóia escreve, com tanto espírito evangélico, o trabalho do diretor e a “Europa 11, máquina moderna que diríamos inteligente, a ser manejada por inteligentes para iluminar inteligências e mover corações”. RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, jan 1952, p. 20.

²⁵⁰ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, jan 1952, p. 21-2. “Daí vês, caro leitor, que ter em casa a RAINHA DOS APÓSTOLOS é ter um baluarte poderoso que defenda tua distinta família contra o pernicioso espírito moderno, alertando de momento em momento contra as insidiosas ciladas dos modernos propagadores da virulenta chaga do divórcio – o destruidor de tôda paz e felicidade do teu lar. Não queira, pois, ceder à momentânea tentação de suspender a assinatura por causa do aumento do preço. Calcule quantos e quantos gastos inúteis se fazem numa casa. Assinar uma Revista católica é empregar ôtimamente o teu dinheirinho, pois que ajudas uma santa (p. 21) causa – a propagação do Reino de Cristo por meio da BOA IMPRENSA – e atrais sobre ti e sobre tua família as bênçãos dos céus.

²⁵¹ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, set 1952, p. 266.

²⁵² _____. Santa Maria: Pallotti, mai 1952, p. 131.

²⁵³ _____. Santa Maria: Pallotti, out 1953, p. 266.

A participação mais efetiva do leitor se dá através de uma outra seção permanente, com espaço dedicado a veicular dúvidas dos leitores: a coluna “Resolva suas dúvidas”, inaugurada em outubro de 1952²⁵⁴ e descontinuada somente no início dos anos 1970, que configura-se na seção mais duradoura ao longo do período observado. A seção é assinada pelo pseudônimo de Dr. Crisóstomo, e objetiva responder questões de natureza moral e religiosa dos leitores, que vão de perguntas sobre o material adequado para a confecção de crucifixos à explicação de trechos do evangelho,²⁵⁵ passando por questões que vão da proibição da idolatria expressa na Bíblia à discussão sobre a possibilidade de “comungar com raiva”.²⁵⁶ Durante muito tempo, esta é a seção de maior evidência na revista, ocupando várias páginas em cada edição para divulgar as dezenas de cartas encaminhadas mensalmente pelos leitores.

A coluna “Resolva suas dúvidas” continua no início da década de 1960 em formato similar ao consagrado no período anterior; porém, em 1962, passa a ser assinada pelo pseudônimo de Dr. Gentil e é redirecionada à resolução de problemas pessoais, mesmo continuando a missão anterior de visibilizar dúvidas doutrinárias e de fundo religioso.²⁵⁷ Gradativamente, ela abandona essa última característica para apresentar-se exclusivamente, a partir de meados dos anos 1960, como seção de consultório sentimental.²⁵⁸ Em julho de 1969, ela torna-se responsabilidade de Dr. Lousannes.²⁵⁹

²⁵⁴ A primeira aparição de “Resolva suas Dúvidas” traz a resposta de três cartas, publicadas sem identificar o nome do autor, definidos por pseudônimos ou simplesmente por “anônimos”: 1) uma jovem normalista de Cruz Alta –RS pergunta por que a Igreja exige trajes especiais para suas cerimônias; 2) do “Amigo Velho”, de Santana do Livramento – RS, queixa-se do comportamento de sua esposa e pede conselhos sobre como deve se portar diante do problema, e 3) de um leitor de Santa Maria que pergunta o que é o Movimento de Schoenstatt. Outros questionam sobre quando se deve casar e se é lícito ingressar em correntes para ganhar dinheiro. RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, jul 1953, p. 215-6.

²⁵⁵ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, mai. 1954, p. 150-2.

²⁵⁶ _____. Santa Maria: Pallotti, abr. 1954, p. 116-7.

²⁵⁷ A chamada da seção reformulada condiz com o novo direcionamento, ao organizar visualmente o nome da seção da seguinte forma: “Dúvidas? Incertezas? Problemas? Dificuldades? Desânimos? Lutas? Resolva suas dúvidas escrevendo para Dr. Gentil.” RAINHA DOS APÓSTOLOS, Santa Maria: Pallotti, julho 1962, p. 09.

²⁵⁸ Exemplos de queixas comuns: “Marcada pelo destino” questiona como eliminar o excesso de pêlos no queixo; “L.B” deseja saber se realmente gosta do namorado, pois não o ama mas sente ciúmes dele; “Menina sem gosto”, fala que aos 15 anos não deseja nada na vida, só ser cantora; “Internacionalista sincero” pergunta se deve casar com sua namorada mesmo ela sendo muito pobre; “Violeta Triste” deseja casar com um moço protestante a não mudar de religião; “Jovem Sofredora em Busca de Consôlo”, conta que sente-se infeliz pois

Já a seção de cartas de leitores, no modelo “críticas e sugestões”, é retomada nos anos 1960 com a entrada de Lauro Trevisan e sua tentativa de aproximar-se melhor do público da revista. Sob o comando do novo editor, *Rainha* veicula a seção “Cartas Abertas”, que prioriza o registro do encaminhamento de material para publicação pelos leitores e de questões referentes a assinaturas.²⁶⁰ Durante um breve período, entre dezembro de 1961 e julho de 1962, a coluna passa a se chamar “Escreve o leitor”, retomando, em seguida, o antigo nome para ser descontinuada em 1964. A seção volta a aparecer somente em 1968, sob novo nome – “Mesa Redonda” – assumindo novamente a função de estabelecer um canal de diálogo com o leitor, publicando as perspectivas deste em relação ao veículo. Em sua primeira aparição, “Mesa redonda” explicita a finalidade de colher críticas, sugestões ou correções sobre a revista e os assuntos tratados, dando respostas às perguntas dos leitores.²⁶¹

Contudo, no início dos anos 1970, as seções com participação do leitor passam por reformulações em *Rainha*, subdividindo-se de acordo com suas demandas e ampliando as possibilidades de participação dos receptores das páginas da revista. Ganham espaço seções de agência de casamentos (“Querem Casar”), de publicação de poesias e crônicas de autoria dos leitores (“Álbum dos Leitores”), de troca de correspondências (“Correio da Amizade”. As seções tradicionais – “Resolva suas dúvidas” e de cartas de leitores – transformam-se em seções específicas para atender a variadas demandas. Em 1973, a seção “Resolva suas

seus pais não a deixam usar maquiagem nem minissaia. “Resolva suas dúvidas”. Santa Maria: Pallotti, mar 1970, p. 15.

²⁵⁹ RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, jul. 1969, p. 24.

²⁶⁰ As colaborações destacam o recebimento de artigo do Pe. Pedro Luís, intitulado “Maior Lição”, narrando indiretamente o texto no qual o autor comenta os resultados de sua “original missão realizada em Livramento”; da carta de uma leitora de Frederico Westphalen enviando poesias para o Natal, que “infelizmente chegaram tarde”, o mesmo caso da resposta das “cartas enigmáticas” encaminhadas por outros seis leitores. A coluna ainda publica uma série de orientações aos assinantes sobre o correto recebimento da revista. RAINHA DOS APÓSTOLOS. Santa Maria: Pallotti, fev. 1961, 3ª capa.

²⁶¹ Na edição, quatro leitores escrevem para dar os parabéns, dois deles de Minas Gerais, um de São Paulo, e o outro, não identificado. Um diz que a revista “está auxiliando muita gente no setor educacional”, enquanto o outro afirma que ela é a melhor do Brasil em seu gênero, sendo também “muito barata”. Outros leitores fazem perguntas, sobre a ausência do pedagogo Vitor Trevisan em sua coluna, ao qual a redação justifica sua ausência afirmando ser temporária, em virtude de “viagem de estudos para a Alemanha”, ou a respeito de uma fotografia publicada na edição de janeiro de 1968. Por fim, um leitor de Santa Maria encaminha à redação um livro de sua autoria. RAINHA, Santa Maria: Pallotti, abr 1968, p. 20.

dúvidas” é fracionada em colunas voltadas a problemas sentimentais (“Querem resolver seus problemas) e a conflitos espirituais (“Pedem Conselho”).²⁶²

A seção de carta do leitor no modelo “críticas e sugestões” sofreu freqüentes mudanças, referente a formatos, tamanhos e presença na revista nos anos 1970. Verificam-se descontinuidades ao longo das edições: se em um mês a participação do leitor era publicada em uma coluna, no outro, ela poderia simplesmente desaparecer, para retornar depois ocupando uma página inteira. Ocorriam modificações no nome da seção quase anualmente: *Mesa redonda* (1972), *Os leitores consultam* (1973-1974), *Encontro com o leitor* (1975), *Jornal do Leitor* (1975), *Mercado livre* (1976) e *Cartas* (1977). Sob a denominação *Mesa redonda*, os comentários dos leitores conquistaram maior espaço: uma página só de críticas e sugestões; nas demais configurações, a seção geralmente figurava associada às demais modalidades de conteúdo interativo – aconselhamento, correio sentimental, etc. Contudo, é nos anos 1970 que o modelo “críticas e sugestões” ganha maior destaque em *Rainha*, destacando-se pela função crítica atingida – muitas cartas expressam apreciações não só sobre o conteúdo, mas sobre formas de abordagem editorial da revista – e pela manutenção de uma seção fixa para as cartas ao longo de toda a década, elemento diferencial em relação aos anos 1960, quando o formato desaparece por quase cinco anos.

Através das cartas, seja em caráter de crítica ou de aconselhamento, os leitores viabilizam um contato importante com o pólo produtivo da revista. Manifestando as demandas do público e servindo de “termômetro” do pólo receptor, as cartas e seções de leitores chegavam a servir, em última instância, para definir os rumos editoriais a serem tomados. Para os leitores, isso representava um fator de legitimação de seu papel no processo, permitindo o reconhecimento de sua importância ao se publicar conteúdo por eles gerado – ou ao menos se cogitar a possibilidade de publicação.

²⁶² RAINHA, Santa Maria: Pallotti, abr 1973, p.73-4.

As vozes dos leitores se expressam, ao mesmo tempo, de forma individual e coletivizada. Elas representam participações pontuais de leitores da revista, que num impulso pessoal decidem manifestar-se perante o veículo a fim de ter sua reivindicação atendida. Além disso, as cartas demonstram um grau de representatividade, pois também são impressões do coletivo que são os leitores de Rainha. Diferidas, as expressões dos receptores voltam a construir sentidos, com a possibilidade da audiência identificar-se com o que está sendo dito e incorporar o coletivo que partilha, rejeita ou é indiferente às posições dos “porta-vozes”.

5.1.2 A configuração do leitor imaginado

A participação do leitor em Rainha pode ser percebida não somente nas situações de interação, mas também a partir de textos gerados pela estrutura produtiva, normalmente em editoriais, que revelam a percepção da revista sobre seu público leitor. São textos que justificam a tomada de certas posturas editoriais, relacionando-as à necessidade premente de agradar o leitor, denotando a existência de uma forte preocupação da revista com seus receptores. Em verdade, a presença do leitor no texto permeia a própria estruturação da revista enquanto veículo midiático, que se configura em seu discurso como voltado a um determinado público.

Uma perspectiva interessante para perceber a presença do pólo receptor no discurso de *Rainha* é fornecida pelo *modo de endereçamento*²⁶³, conceito utilizado, na perspectiva do

263 O conceito de modo de endereçamento aplicado ao jornalismo é citado por AMARAL, Márcia F. *Lugares de fala do leitor no Diário Gaúcho*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Fabico/UFRGS, 2004, p. 80-5. A autora utiliza o conceito para perceber como a grande imprensa popular compreende seu leitor, partindo de todo um imaginário para construir sua relação com esse segmento.

cinema, para tentar responder à questão “quem este filme pensa que você é”.²⁶⁴ Esta proposta busca reconstruir os traços do endereçamento a partir do texto, que se estrutura em posições do leitor imaginado, fazendo um esforço para caracterizar, a partir das escolhas tomadas na produção, que determinado tipo de receptor é imaginado como “ideal”, dentro de um determinado contexto sócio-histórico. O modo de endereçamento, de certa forma, vai além de uma mera descrição de posicionamento textual para explorar tensões sociais e relações de poder envolvidas no discurso.²⁶⁵

De acordo com esta perspectiva, os textos “convocam” a audiência a adotar uma determinada posição, que raramente coincidem com as posturas assumidas pelos receptores em condições reais. Não se trata, portanto, da concepção de posições fixas, imutáveis, que geram um “caminho”, mas da construção de um evento que articula os planos psicológico e social e que define os sentidos a partir de uma negociação entre texto e receptor. Temos, portanto, um nível de análise que está centrado na mensagem com vistas ao universo da recepção, mas que extrapola os limites textuais ao conceber também o ambiente social que cerca os discursos. “O modo de endereçamento consiste na diferença entre o que poderia ser dito – tudo o que é histórica e culturalmente possível e inteligível de se dizer – e o que é dito”.²⁶⁶

A estratégia de vinculação com o leitor começa ainda na década de 1950, embora de forma bastante tímida e sob uma perspectiva religiosa, exemplificada pela seções “Resolva suas Dúvidas” e de publicação de graças alcançadas. A abordagem dos conteúdos estava condicionada a uma tarefa evangélica, ora publicizando a doutrina religiosa, ora enfatizando condutas exemplares. O leitor é compreendido em sua dimensão de fiel, uma vez que as lógicas que permeiam a relação da revista com seus leitores operam de forma similar às da

²⁶⁴ ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In.: SILVA, Thomaz Tadeu (org.) *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

²⁶⁵ Ibid.

²⁶⁶ Ibid. p. 47.

relação da Igreja com seus fiéis. Assim como no confessionalário, o leitor dirigia suas preocupações evangélicas à revista, e dali obtinha a “resposta” para suas dúvidas embasada na doutrina da Igreja.

Conforme Ellsworth, a percepção do leitor imaginado está estritamente relacionada a seu contexto. Naquele momento, a compreensão de *Rainha dos Apóstolos* era centrada na estrutura paroquial e na noção de mercado, uma vez que as perspectivas evangélicas se sobrepunham às questões editoriais e mercadológicas. A revista mostrava estar fortemente alicerçada nos princípios anteriores ao Concílio Vaticano II, no qual o leigo percebido pela Igreja como elemento a ser energicamente conduzido por seus pastores.

Neste sentido, o veículo trabalhava intensamente na divulgação de modelos de conduta, que nos dão uma idéia bem caracterizada de como a revista pensava que deveria agir seu leitor, na perspectiva de que ela se entendia como instrumento evangelizador. Relatos de martírio²⁶⁷, testemunhos de santos e figuras de culto popular,²⁶⁸ matérias sobre a conversão de infiéis²⁶⁹ e fotos de famílias²⁷⁰ eram utilizadas como exemplos de inspiração e modelos de cristandade a serem seguidos pelos leitores de *Rainha dos Apóstolos* nos anos 1950. Embora muitos textos descrevessem situações extremamente distantes da realidade dos leitores da revista, estes estavam intimamente associados às expectativas da Igreja de estimular nos fiéis a reprodução da intensa atividade devocional e da conduta exemplar ilustrada pelos “modelos”.

²⁶⁷ Exemplo disso é a nota sobre quatro seminaristas que tentaram, em vão, salvar dois meninos na Itália. “Mártires da caridade”. *Rainha dos Apóstolos*. Santa Maria: Pallotti, abr. 1954, p. 106-7.

²⁶⁸ A matéria “Apostolado do Sofrimento: Maria Zaira Córdova Penna – Mariazinha” descreve a história de um dos ícones de devoção popular em Santa Maria como um testemunho de fé e santidade. O primeiro parágrafo da matéria ilustra bem o intuito do destaque deste tipo de narrativa: “A dor, o sofrimento, especialmente quando quem padece é inocente, sempre foi e sempre será um enigma para os que não têm fé. Na realidade, porém, o sofrimento aceito com resignação constitui (sic) uma participação na paixão de Cristo e, portanto, significa uma prova de predileção por parte de Deus.” *Rainha dos Apóstolos*. Santa Maria: Pallotti, mar. 1954, p. 73.

²⁶⁹ “Trágico fim de uma zombadora de Deus” é o título do relato apontado como “fato verídico”, ocorrido em Washington, sobre a história de um casal de jovens da alta sociedade local. O texto ressalta o papel da fé como fator definidor do destino: a moça, que negava a existência de Deus, acaba por enlouquecer e morrer ao final, enquanto o moço converte-se em padre franciscano. *Rainha dos Apóstolos*. Santa Maria: Pallotti, fev. 1952, p. 140-2.

²⁷⁰ RUBIN, Pe. Dorvalino, S.A.C. “Por um Mundo melhor”. *Rainha dos Apóstolos*. Santa Maria: Pallotti, mai 1952, p. 148-9.

Antes das reformas, portanto, predominava a percepção de um leitor passivo, uma vez que este era compreendido como alvo para a evangelização e raramente correspondido em seus anseios e demandas. Na década de 50, configura-se o relacionamento da revista com seus leitores de forma similar a da Igreja com seus componentes, de forma verticalizada e unidirecional. Raramente os leitores eram ouvidos, e quando estes figuravam no texto, era no papel passivo do fiel diante do confessor: ouvir o discurso do confessor e tomar as atitudes presumíveis em um bom cristão. A divulgação de testemunhos e exemplos de martírio e fé também esclarece qual conduta a revista esperava de seus leitores. Mesmo as demandas dos leitores publicadas nas seções de cartas estavam condicionadas a uma finalidade religiosa.

A partir de 1960 configura-se uma visão completamente diferenciada do leitor. As primeiras edições com Lauro Trevisan já dão essa idéia, que vai se desenvolvendo ao longo dos anos: em vez da missão religiosa, a principal finalidade da revista era divulgada como voltada ao “caminho da felicidade e da auto-realização”. Por outro lado, a percepção do leitor pelo veículo também se ajustava às modificações na postura do fiel perante o mundo e às próprias políticas comunicacionais da Igreja Católica, que vão se adaptando à realidade em rápida transição, com o mensário encaixando-se na visão pós-conciliar de uma Igreja inserida no mundo secular, deixando para trás a posição de externalidade assumida ao longo de sua história.

A constante diversificação dos conteúdos e as modificações na abordagem levam a revista a extrapolar os limites de seu público alvo – os leitores católicos – para tentar atingir uma fatia mais ampla no mercado editorial, voltada a um público genericamente definido como “familiar” mas articulado dentro de uma estratégia de segmentação.²⁷¹ Além da diversificação de conteúdo, a estruturação do discurso menos determinada pelas questões

²⁷¹ Analisaremos essa questão no item a seguir.

religiosas e o intenso aperfeiçoamento gráfico são indícios da presença de uma maior preocupação com as demandas do público.

Os leitores dos anos 1960 e 1970 são compreendidos como consumidores, pois suas demandas determinavam a configuração de revista e o processo produtivo era centrado em suas necessidades, não mais estritamente às finalidades confessionais. Anteriormente concebido como alvo a ser evangelizado, agora o leitor é compreendido como elemento a ser fidelizado, com as estratégias mercadológicas em gradativa substituição das estratégias pastorais. A intensa oferta de brindes e promoções, ao lado das próprias mudanças nas páginas do mensário, criam um ambiente de intenso contato com o leitor que estimulava a aquisição e renovação das assinaturas.

As estratégias voltadas a aproximar os pólos de produção e recepção na finalidade de atender melhor aos interesses põem em xeque a idéia de que os veículos definiam seu público como uma “massa uniforme”. Mesmo que, especialmente nos anos 1970, *Rainha* buscasse estruturar-se num modelo de mídia que preconizasse a reprodução de padrões culturais massivos e fosse destinada a uma grande audiência, havia uma grande preocupação em visualizar as nuances percebidas em seu público receptor, o que por sua vez condicionava a estruturação de estratégias que levassem em consideração as diferenças intrínsecas dos consumidores da revista. Com a implementação e efetivação das reformas, *Rainha* consolida um novo tipo de leitor imaginado, que vai sendo construído numa via de mão dupla: as mudanças editoriais transformam a concepção dos receptores, ao mesmo tempo em que essas modificações resultam de uma nova percepção por parte do universo leitor.

5.2 Segmentação e valores religiosos: a constituição do pólo de produção

O ingresso de Lauro Trevisan na editoria de *Rainha* não implica somente em uma maior aproximação com o público leitor, visando a atender melhor seus interesses e a ampliar a tiragem da revista, mas resulta em sua própria reconfiguração dentro de uma perspectiva de segmento de mercado. As transformações geradas por sua nova política editorial permitem-na alçar vôos em direção a novos públicos e a uma nova articulação enquanto revista, deixando para trás o perfil católico e institucional consolidado em sua trajetória para reenquadrar-se ao mercado nacional de revistas na segunda metade do século XX, reconfigurando sua relação com os demais veículos e redefinindo a caracterização de seus valores religiosos.

As reformas editoriais são acompanhadas por diferentes caracterizações de *Rainha*. Se nos anos 1950 ela se dirigia a um público bastante segmentado, o público católico, nos anos 1960 e 1970 ela estende seu raio para abranger um grupo maior de leitores. Contudo, essa massificação da revista é acompanhada também por estratégias de segmentação, que aproximam *Rainha* dos diferentes públicos que compõem a esfera familiar, com destaque para os jovens e as mulheres. A caracterização familiar permanece uma constante tanto no período pré como pós-reforma, o que muda é a percepção dessa família – nos anos 60-70 adaptada aos novos tempos, profundamente marcados pela revolução sexual, a emancipação da mulher, os movimentos jovens, entre outras tendências. Em razão disso, ela irá assumir características das revistas que surgem ou se fortalecem para atender os novos nichos que vão sendo percebidos no mercado, assumindo ora um perfil de revista feminina, ora um perfil de revista jovem.

No que refere às articulações de *Rainha* enquanto elemento componente do mercado editorial de revistas no Brasil, percebe-se uma redefinição de sua relação com os demais veículos em seu novo formato. Com as reformas editoriais, o mensário passa a ensaiar

diversos movimentos para vincular-se ao contexto dos meios de comunicação seculares, em especial, das revistas de maior circulação no país. São muitas as estratégias de aproximação com o mercado nacional de revistas, passando a partilhar características destes veículos e inclusive a basear muitas de suas transformações editoriais em tendências mercadológicas. A postura inclusiva em relação ao mercado editorial e midiático substitui a percepção anterior às reformas, caracterizada pela separação de *Rainha dos Apóstolos* do universo secular, contrapondo seus valores à grande imprensa considerada, em última instância, “pornográfica”.

A nova caracterização de *Rainha* também é acompanhada por uma profunda reestruturação dos valores religiosos presentes na revista. Em substituição ao caráter fortemente confessional, marcado pela configuração católico-evangelizadora, entra em cena com as reformas uma nova percepção da religiosidade. A abordagem do veículo, de maneira geral, se seculariza, mas a postura religiosa permanece numa nova configuração – a religião passa a ser abordada numa perspectiva na qual a veiculação dos valores cristãos são preferidos à doutrina católica, e uma caracterização ecumênica ganha espaço face a aspectos vinculados à defesa do catolicismo em contraposição às demais religiões. No espaço antes predominantemente ocupado pela ideologia católica, passam a coexistir valores como a busca pela felicidade e o culto à juventude, características da cultura massiva que ganha evidência na explosão de tiragem de *Rainha*.

A questão da segmentação editorial relaciona-se à problemática central da cultura de massa: ao processo de diferenciação dos bens simbólicos. Para Bourdieu, o processo produtivo está intimamente imbricado no processo de segmentação.

O desenvolvimento do sistema de produção de bens simbólicos (em particular, do jornalismo, área de atração para os intelectuais marginais que não encontram lugar na política ou nas profissões liberais), é paralelo a um processo de diferenciação cujo princípio reside na diversidade dos públicos aos quais as diferentes categorias de produtores destinam seus produtos, e cujas condições de possibilidade residem na própria natureza dos bens simbólicos. Estes constituem realidades com dupla face – mercadorias e significações –, cujo valor mercantil subsistem relativamente

independentes, mesmo nos casos em que a sanção econômica reafirma a consagração cultural.²⁷²

Direcionando diferentes produtos a diferentes públicos, a questão da segmentação aparentemente rompe com os pressupostos da homogeneização e da estandarização originalmente atribuídos à indústria cultural pela tradição da teoria crítica.²⁷³ O mercado de revistas é o exemplo claro de um mercado intensamente regido pelo critério da segmentação, segundo o qual estas têm sua caracterização definidas pelos públicos para quais são destinadas. As revistas são um meio privilegiado para abordar a questão, ao contrário de outros veículos, como o cinema e a televisão, que por exigirem investimentos maiores configuram-se em um perfil mais massificado.²⁷⁴

A segmentação em um determinado periódico estrutura-se a partir da dinâmica segundo a qual o editor visualiza seu leitor como um consumidor em potencial, e norteado por este pressuposto passa a trabalhar o conteúdo e a abordagem do veículo na finalidade de atingir melhor estes grupos de consumidores.²⁷⁵ A partir das reformas editoriais em *Rainha*, essa realidade passa a se intensificar, uma vez que Lauro Trevisan claramente direciona os passos de sua revista de acordo com estes pressupostos. Tanto no discurso como na prática, verifica-se a implantação de mudanças para atingir os diferentes grupamentos que constituíam o público leitor de *Rainha*.

Este movimento inicia seus primeiros passos ainda na década de 1950, quando são introduzidas seções voltadas especificamente a um público feminino. Contudo, as motivações que guiavam as decisões editoriais naquele momento estavam ainda fortemente embasadas nas preocupações paroquiais, uma vez que a abordagem dos diferentes públicos respondia predominantemente a necessidades evangélicas. Em 1953, aparecem as primeiras seções

²⁷² BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3. ed, São Paulo : Perspectiva, 1992. p. 102.

²⁷³ MIRA, Maria C. *O leitor e a banca de revistas*. Op. Cit., p. 10.

²⁷⁴ *Ibid.*

²⁷⁵ *Ibid.* p. 11.

voltadas ao público feminino, que divulgam principalmente dicas de etiqueta, receitas e dicas para o lar. As seções também publicizam regras morais a serem observadas, principalmente em relação à compostura no vestir²⁷⁶ e à estrita obediência à vontade dos pais e do marido.²⁷⁷ Ao longo da década, a seção mais duradoura é a denominada “Mulher, Lar, Família”, assinada por Ângela Tereza, além da tradicional “Cartas Femininas”, de Mafalda Lindóia. Outro passo em direção a uma certa forma de segmentação é representado pelas seções infantis, que começam a figurar nas páginas do periódico a partir de meados da década de 50.

Em contraponto, a partir dos anos 1960, intensifica-se o processo de segmentação, crescendo o número de seções dirigidas aos diferentes públicos da revista. A seção feminina, inicialmente renomeada “Horizontes femininos” passa a priorizar a publicação de dicas de moda e decoração.²⁷⁸ A primeira aparição da coluna já indica sinais de um redirecionamento, demonstrando, com a inclusão das dicas de beleza e de um “pensamento” com fundo de auto-ajuda, mesmo que ainda de forma sutil, uma diferença crucial com o modelo de coluna feminina anterior, onde não havia espaço para a vaidade e a subjetividade da mulher. Em 1963, ela começa a publicar matérias voltadas distintamente aos pais e aos filhos, para dois anos depois caracterizar esses artigos nas seções específicas intituladas “Página do Pai”,²⁷⁹ “Página da Mãe”,²⁸⁰ “Página do Rapaz”²⁸¹ e “Página da Jovem”.²⁸² Em 1965 também é a vez

²⁷⁶ O texto “Modas”, assinado por Card. Elias Dalla Costa, reproduz parte de artigo publicado no *L’Osservatore Romano* que trata da necessidade das mulheres observarem a compostura nas roupas e vestimentas. Rainha dos Apóstolos, nov 1953, p. 324-5.

²⁷⁷ O texto “Eu quero é casar” relata a história de uma moça que casou-se imprudentemente, contrariando o desejo de seus pais e tornando-se infeliz. Rainha dos Apóstolos, out 1951, p. 310-2.

²⁷⁸ Ilustrada com fotografias de mulheres, a primeira aparição de “Horizontes femininos” traz o pensamento “Alguém está à minha espera”, sobre a necessidade de cada um trabalhar sua personalidade; a seção “Aprenda que é útil”, com dicas culinárias; e o texto “Unhas bem cuidadas! Delicadeza Feminina...” com dicas de beleza sobre as unhas. Rainha dos Apóstolos, março de 1961, p. 48-9.

²⁷⁹ A primeira aparição da seção, de responsabilidade do psiquiatra Antônio Fardo, sinaliza a pretensão de “falar alguma coisa sobre o pai”. O texto “Presença do Pai na família” assinala que a “psicologia moderna está dando muita importância aos pais na educação dos filhos”, afirmando a necessidade do bom relacionamento entre pais e filhos, que deve ser baseado na compreensão mútua, caridade e amor, a exemplo de Jesus Cristo. Rainha, abril de 1965, p.7.

²⁸⁰ O texto “Mãe amiga e companheira!” inaugura a seção assinada pela esposa do Dr. Antonio Fardo, a pedagoga Eloy Maria de O. Fardo. No artigo, ela ressalta a necessidade da mãe agir como companheira dos filhos, buscando entender seus anseios e necessidades. Rainha, abril de 1965, p. 8.

da seção “Clube da Criançada”, coluna infantil que priorizava conteúdo educacional (regras de higiene, dicas para estudo) e de entretenimento, com passatempos, contos e sugestões de brincadeiras.

Já nos anos 1970, a segmentação atinge seu ponto máximo em *Rainha*, uma vez que a revista reestrutura sua configuração em torno de características comuns à imprensa feminina e de revistas jovens (ANEXOS 11 e 12). A publicação de fotonovelas, entrevistas com artistas, letras de músicas e consultório sentimental aproximam o periódico de outros gêneros de publicação, demonstrando o redirecionamento a novos públicos-alvo. No plano prático, temos em 1973 a criação de um suplemento dedicado inteiramente à cultura jovem dentro da própria revista (“Rainha Jovem”, no ano seguinte renomeado para “Colégio”), e o desmembramento de *Rainha* em outras publicações: os gibis *Piazito* e *Aventuras de Frik e Frok*, respectivamente direcionados aos públicos infantil e adolescente, e de uma revista local, *Santa Maria*.

A estruturação de *Rainha* enquanto “revista das famílias” é um conceito que perpassa as diferentes décadas de sua existência. Durante o período observado, ela tensionou-se a adaptou-se a este modelo, mas sem deixar de ter na família o foco preferencial de seu público alvo. Se na década de 1950 ela se autodenominava “a revista das famílias”, tampouco durante as reformas ela abandona essa perspectiva. A própria fala de Lauro Trevisan admite que havia presente a intenção de fazer uma revista voltada para o pai, para a mãe, para o moço, etc. Trevisan afirma que durante o período em que comandou *Rainha* procurava oferecer uma revista que interessasse a todas as pessoas de uma família.

O Piazito ia interessar a crianças. O Frik e Frok interessaria o adolescente. A revista em si, deveria ter assuntos que pudessem interessar o homem, a mulher, ao jovem, à família sob o ponto de vista de educação, de saúde, de conhecimentos, de psicologia, religião, tudo o que pudesse, mas tudo aquilo dentro de um estilo

²⁸¹ Inicialmente denominada “À sós, contigo, meu rapaz!”, a página é voltada aos jovens do sexo masculino, com poesias e pensamentos de lições de vida e incentivos ao caráter.

²⁸² A seção enfoca principalmente questões de caráter sentimental, testes e conteúdo de auto-ajuda.

jornalístico, leve, fluente. Eu procurava atingir todas as faixas, o que me facilitaria por uma razão ou por outra vender as assinaturas.²⁸³

Em 1950, Rainha merecia o título por dirigir sua voz à unidade familiar, enquanto trabalhada sob uma perspectiva religiosa. O exemplo da Sagrada Família, trabalhado diversas vezes em capas e artigos que a definiam como modelo para as famílias cristãs, reproduzia esta intenção. Os valores familiares trabalhados nas páginas de *Rainha dos Apóstolos* naquele período têm na unidade pai-mãe-filhos o tripé considerado como elementar para a formação da sociedade. A trajetória de santos e mártires da Igreja é oferecida como exemplo aos jovens,²⁸⁴ enquanto mulheres de conduta exemplar e extremo fervor religioso são mostrados como modelos a serem seguidos pelas mães católicas. As fotos de famílias desempenham um importante papel na visibilização deste ideal, com a publicação de imagens modelares de grupamentos de pais, mães e seus filhos, ressaltando e louvando a presença de religiosos entre estes. Na matéria “Por um mundo melhor”, Pe. Dorvalino Rubin exalta a publicação de fotos de famílias em *Rainha dos Apóstolos*, destacando a presença de pais, mães e filhos como modelos de conduta e religiosidade, em contraposição às fotografias “que outras revistas estadeiam por aí”.²⁸⁵

Já nos anos 1960, persiste a divulgação de um perfil de revista voltada à família, com a publicação de seções específicas a cada componente da unidade familiar, delimitando os segmentos a serem atingidos pelo periódico. O papel dos pais e das mães é considerado essencial para a manutenção da ordem familiar, não mais motivado em questões religiosas, mas concebido conforme a importância creditada por princípios científicos, em artigos fundamentados na psicologia, na medicina e na educação. São textos que trabalham tópicos

²⁸³ ENTREVISTA com Pe. Lauro Trevisan, 1º de novembro de 2005.

²⁸⁴ O texto “Página aos jovens: Ser puro é ser forte”, assinado por Pe. Vitorino Roggia, S.A.C., narra o exemplo dos santos católicos e heróis que demonstraram sua força através da pureza. *Rainha*, out 1951, p. 319-320.

²⁸⁵ No texto, ele aproveita ainda para criticar o uso da imagem humana em finalidades publicitárias: “O que aí se glorifica é o galã do gozo irresponsável e a mulher objeto do prazer animal simplesmente, objeto de mercado, palhaço desvestido de menor valor que os cigarros, a pasta de dentes ou as pílulas que suas formas nuas apregoam.” RUBIN, Pe. Dorvalino, S.A.C. “Por um Mundo melhor”. *Rainha dos Apóstolos*. Santa Maria: Pallotti, mai 1952, p. 148-9.

referentes a como os pais devem proceder nas diferentes fases da formação dos filhos, observando as características de cada uma delas, conforme o artigo de Marlene Madaglia Almeida que fala sobre os primeiros anos do desenvolvimento da criança, descrevendo-os como uma sucessão de descobertas.²⁸⁶

“É assim que a criança encara o mundo: uma sucessão de imagens, de sensações vividas; a criança não analisa, como nós, sob um prisma de valores; para ela a única realidade é o que existe, e do qual ela quer assenhorar-se, conhecer através de impressões, valorizar segundo a reação que lhe proporciona de satisfação ou de desprazer.”²⁸⁷

O exemplo constitui uma grande diferença em relação àquilo que a revista preconizava nos anos 50, quando determinava condutas de forma unidirecional e a serem condicionadas por concepções religiosas e moralizantes. A perspectiva familiar neste momento passa a considerar o papel da liberdade no desenvolvimento dos filhos, valorizando o aspecto lúdico em sua formação. O prazer da auto-descoberta, em outras instâncias, é apresentado inclusive como parte do projeto divino, associando as vicissitudes cotidianas como normais, e não mais combatidas sob a perspectiva apologética dos anos 1950. Exemplo disso é o texto “Problemas Sociais – Pais, filhos e amor”, que discorre sobre a problemática do conflito de gerações.

“Devemos possuir a alegria da auto-descoberta. Porque Deus nos fez um mistério. É porque somos um mistério – marido para mulher, pai para filho, filho para pai – porque somos um mistério nós estamos aqui. É porque Deus nos fez um mistério que estamos reunidos nesta alegria da descoberta.”²⁸⁸

Os anos 1970 representam uma continuidade em relação à perspectiva familiar demonstrada na década anterior, arejados pelas novas idéias que pipocam na mídia, sobretudo relacionada a assuntos de natureza sexual. Rainha partilha a seu modo o momento de vanguarda presentificado ainda nos anos 1960 na abordagem de uma nova mentalidade sexual

²⁸⁶ ALMEIDA, Marlene M. “Tempos de infância”. In Rainha, out 1967, p. 2-3.

²⁸⁷ Ibid. p. 2.

²⁸⁸ “Problemas Sociais – Pais, filhos e amor”. Rainha, dez 1966, p. 2-3. Texto também discute o “desrespeito” dos adolescentes, o papel da mãe e a função da autoridade do pai na formação do caráter da criança, explicando que a mesma é essencial a partir dos 3 anos de idade, consolidando-se como “quadro de referência por excelência” para a sexualidade do menino. “O menino será homem se aos 3 anos de idade ele tiver um pai homem.”

por publicações como *Realidade*, que veicula matérias voltadas à emancipação do prazer e ao esclarecimento das inibições como a ignorância e o caráter regressor da sociedade brasileira da época no que tange o sexo.²⁸⁹ Embora não chegue tão longe devido a sua caracterização de revista religiosa, *Rainha* destaca nos anos 1960 a questão sexual, sobretudo em relação à educação sexual de crianças e adolescentes, reconhecendo como natural a questão antes reservada à esfera do tabu. A revista tenta definir a competência de pais, educadores e sociedade como um todo nesta tarefa,²⁹⁰ mesmo que não chegue a discutir a fundo *de que forma* e baseada em quais pressupostos essa educação sexual deve ser proporcionada.

Por outro lado, nos anos 1970, o objetivo de atingir as perspectivas familiares centra seus esforços em dois componentes do núcleo: os jovens e as mulheres, estruturando o discurso e a abordagem do veículo em torno dos interesses destes dois segmentos. Da capa ao conteúdo, *Rainha* aproxima-se da configuração de uma revista feminina naquele período, além de veicular temas e perspectivas que evidenciavam a cultura jovem e seus valores, chegando até a definir um segmento específico para esta.

A imprensa feminina tem como grande elemento definidor o sexo de suas consumidoras²⁹¹ (e/ou produtoras) ao lado de seu conteúdo, com predomínio de cobertura de moda, beleza e assunto de exclusivo interesse das mulheres, além da linguagem, mais “pessoal e afetiva”.²⁹² *Rainha* publica um bom número de matérias sobre os assuntos típicos das publicações femininas: “poesias, receitas de bolo, reportagens, figurinos, consultório

²⁸⁹ KOECHE, André. *Anos sessenta, sexo e vanguarda*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1991, p. 69.

²⁹⁰ Exemplo disso é o debate “Quem deve dar a educação sexual?”, que traz quatro tópicos com a opinião de Paul-Eugène Charbonneau, “psicólogo, escritor, padre”; Tânia Catarina Prates Aita, professora do curso de Pedagogia da UFSM; Mery Niederauer Bohrer Fonseca, secretária municipal de Educação; e Wilson Roberto Crivellaro Jucham, pediatra. Os participantes depõem sobre a quem compete fornecer esclarecimentos sobre educação sexual a jovens e crianças, dividindo a opinião de que esta cabe primordialmente aos pais, de modo exclusivo (padre e pediatra) ou dividindo a responsabilidade com os educadores (opinião de ambas as professoras). *Rainha*, jun 1971, p. 9

²⁹¹ Como não dispomos de dados sobre os registros das assinaturas das revistas, não temos como definir o sexo dos seus leitores e concluir se *Rainha* caracterizou-se de fato como revista feminina naquele momento. Portanto, limitamo-nos a traçar a questão da segmentação no periódico apenas pelo prisma discursivo.

²⁹² BUITONI, Dulcília. *Imprensa Feminina. Op. Cit.*, p. 8.

sentimental”,²⁹³ entre outras. Os “assuntos do coração” também estão presentes, nas seções “Resolva suas Dúvidas” e assemelhadas, bem como em textos com finalidade de auto-ajuda e discussão de problemáticas sentimentais, que ganham destaque sobretudo a partir do final dos anos 1960. A seção de consultório sentimental está presente desde os primórdios da imprensa feminina, já figurando no primeiro periódico feminino, o *Lady’s Mercury*, que surge na Inglaterra em 1693.²⁹⁴ Esta modalidade conforma sua importância não só por sua presença historicamente comprovada, mas por fundamentar-se como uma das “retroalimentadoras”, ao lado das cartas de leitoras, do processo de produção da imprensa feminina.²⁹⁵ A publicação de fotonovelas também aproxima o mensário das revistas especializadas no gênero, que alcançam destaque no Brasil nos anos 1950, 1960 e 1970, como *Capricho*, *Grande Hotel* e *Sétimo Céu*, e que por sua vez também se aproximam da caracterização de imprensa feminina.²⁹⁶

Rainha também articula-se enquanto uma perspectiva de imprensa jovem, aproveitando o contexto dos anos 1970 de emergência da cultura juvenil e do sucesso obtido pelas publicações voltadas a este público no país. A partir dos anos 1950, mobilizada por movimentos na literatura, na música, nas artes plásticas, e outros enfoques ganha força a discussão sobre os jovens e sua presença na sociedade, possibilitando a efervescência de toda uma cultura associada aos valores juvenis e fortemente estruturada no consumo de produtos como coca-cola, jeans e *rock and roll*. Essa “cultura pop”, de caráter popular, midiática e internacional se traduz no Brasil em movimentos como a Jovem Guarda, programas de TV voltados a essa faixa etária (sobretudo musicais) e em publicações juvenis em jornais e revistas.²⁹⁷ A revista *Pop*, publicada pela Abril, surge em 1972 proclamando-se como a única publicação do país voltada ao público jovem, alcançando grande sucesso até desaparecer no

²⁹³ *Ibid.*

²⁹⁴ BUITONI, Dulcília. *Imprensa Feminina. Op. Cit.*, p. 21-2.

²⁹⁵ *Ibid.* p. 23.

²⁹⁶ HABERT, Angeluccia B. *Fotonovela e Indústria Cultural. Op.Cit.*

²⁹⁷ MIRA, Maria C. O leitor e a banca de revistas. *Op. Cit.*, 153-156.

final da década, fragmentando-se em outras publicações mais segmentadas dentro da fatia do mercado juvenil. Seu raio de abordagem ia de dicas de profissionais sobre relacionamentos a surfe, passando por moda, comportamento e a música, assunto preferencial da revista.²⁹⁸

Nota-se em *Rainha* uma certa influência de *Pop* na linguagem, no projeto gráfico e nos conteúdos abordados. No período, o mensário palotino freqüentemente expressa-se através de gírias, não raro escandalizando alguns leitores, e utiliza linguagem coloquial e fragmentada, além de caracterizar-se pelo uso intenso da cor em suas páginas, explorando grafismos e linhas psicodélicas, em reflexo das publicações juvenis da época. Temas como a discussão de problemáticas da juventude, a orientação vocacional, as questões amorosas e outros assuntos de interesse e com enfoque jovem também são abordados. Outro destaque é a música, tanto na publicação de letras de canções, notícias sobre o universo fonográfico e as entrevistas com estrelas do *showbizz*, com predomínio dos ídolos da Jovem Guarda.

Das raras seções voltadas ao público feminino nos anos 1950 à fragmentação em publicações para atingir outros segmentos nos anos 1970, o processo de constante segmentação de *Rainha* acompanha a transformação editorial da revista. Por outro lado, as reformas representaram um momento de inflexão na concepção de *Rainha* como “revista católica”, solidificada ao longo de sua história de mais de 80 anos.

Assim como a caracterização de um único veículo, o próprio conceito guarda nuances em sua definição. Gomes destaca a dificuldade em se conceituar “jornalismo católico”, uma vez que há complicações em distinguir dentre os significados do termo o jornalismo feito pelos católicos da “imprensa católica”.²⁹⁹ Para esclarecer esta discussão, o autor recapitula a divisão feita por Kallen entre dois tipos de imprensa católica, a instrumental, que engloba os periódicos diocesanos e os documentos papais, e a secular, que envolve os jornais e revistas

²⁹⁸ MIRA, Maria C. O leitor e a banca de revistas. Op. Cit., p. 154-5.

²⁹⁹ GOMES, Pedro G. *O jornalismo alternativo no projeto popular*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 73-4.

publicados por cidadãos católicos e, com freqüência, dirigido a um público católico, modalidade bastante comum em países europeus.³⁰⁰

De certo modo, *Rainha* não se encaixa especificamente em nenhuma destas denominações, mas aproxima-se de diferentes modalidades em cada fase. Nos anos 50, a revista caracteriza-se melhor como revista instrumental, produzida por uma congregação católica, embora não pertença propriamente à estrutura diocesana. Naquele período, o veículo palotino configura-se plenamente enquanto “imprensa católica” nos dois principais sentidos da expressão: feita por católicos religiosos e dirigidas para católicos. Já as duas décadas seguintes são marcadas por uma constante secularização do periódico, no qual *Rainha* desvincula-se gradualmente da caracterização “imprensa católica” para ampliar seu direcionamento ao público em geral e desvanecer sua perspectiva religiosa. Contudo, pela continuidade da publicação de matérias referentes ao universo católico ao longo de todo o período e pela reestruturação do discurso numa abordagem “espiritualizada”, nota-se que a revista muda guiada por novos direcionamentos, mas não abandona totalmente sua caracterização de revista religiosa.

A diferença entre uma revista religiosa e um padrão de publicações relacionados a uma perspectiva de massa dimensiona-se a partir da caracterização cultural de cada modalidade midiática. Segundo a percepção de Morin, a qual define o objetivo da cultura religiosa como o de identificar a comunidade reunida em torno da Igreja com o “Deus que salva”,³⁰¹ é possível perceber em torno de um veículo religioso a presença do mesmo ideal de agrupar seus membros enquanto público de seus produtos midiáticos. Já a cultura de massa, por sua natureza policultural, integra e se integra à realidade a partir da política do consumo incessante. A articulação dessas duas visões culturais se dá não com a exclusão de uma por outra – pois como já assinalava Morin, sua natureza policultural não impede que o indivíduo

³⁰⁰ KALLEN, W.A.M. *La libertad política y la prensa católica*. In.: Información ULAPC, nº 45, mar. 1966, p. 4-8. *Apud*. GOMES, Pedro G. Op. Cit.

³⁰¹ MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no século XX*, vol. 1, Op. Cit, p. 15.

faça uso também de outras formas culturais, o que ela própria põe em prática, mas pela convivência negociada.

Uma vez que a revista relega os objetivos catequéticos em função de responder às lógicas da produção cultural massiva, o discurso de *Rainha* impregna-se do ecletismo reinante na mídia. As reformas editoriais mobilizam os elementos de cultura religiosas presentes em sua estruturação enquanto veículo confessional a se readaptar aos moldes da cultura massiva, passando a responder por estas lógicas de funcionamento. Com isso, podemos dizer que entre os anos 1960 e 1970 *Rainha* transforma sua caracterização de veículo confessional, sem contudo deixar de responder totalmente às lógicas religiosas, permanecendo durante toda a sua história atrelada à estrutura e mantida pela Sociedade do Apostolado Católico (palotinos).

A própria forma de *Rainha* se inserir no mercado editorial nas diferentes épocas responde a uma estratégia de segmentação. Nos anos 50, *Rainha* se contrapunha a grande parte da imprensa de sua época, tachando muitos veículos de “pornográficos” e destacando-se como alternativa a estes numa proposta diferenciada de jornalismo alicerçado em valores religiosos. Já nos anos 1960 e 1970, ela aparece com uma postura completamente diferenciada, revelando um interesse de se integrar cada vez mais à grande imprensa do país, seja assumindo características comuns a esta em seu texto, diagramação e proposta editorial como um todo. Exemplo disso é a contratação do mesmo projetista gráfico de *Capricho* (Benedito Veloso) e a veiculação de fotonovelas a exemplo das revistas femininas jovens do período, além da busca de inspiração no estilo do texto de jornalistas famosos como David Nasser, entre outros.

Esse seguimento de tendências reflete, por outro lado, a própria perspectiva das políticas comunicacionais da Igreja, de não mais se incluir como “do lado de fora” do mundo, mas de incluir-se cada vez mais no fluxo de informações da sociedade. O processo renovador do discurso religioso, em *Rainha*, contudo, parece distender-se ao máximo, distanciando-se da postura pastoral e aproximando-se cada vez mais da perspectiva de uma mídia massiva.

Contudo isso não seria possível sem a continuidade de uma certa caracterização religiosa, expressa tanto no discurso legitimador do editor sobre a revista quanto por suas decisões editoriais, que mostram a elaboração de uma segunda via para transparecer espiritualidade sem soar religiosa.

Entre os anos 1960 e 1970 o discurso religioso de *Rainha* passa a conviver com valores propagados pela cultura de massa, como a busca pela felicidade e o culto a personalidades. A felicidade é um dos grandes arquétipos dessa cultura, concretizando-se em uma idéia construída de forma individual, ligada ao hedonismo do presente, do bem estar, do consumo. Esse instante ideal é reproduzido nos conteúdos da cultura de massa, não em projeções imaginárias que se dirigem ao além, na busca por “beatitudes contemplativas”, mas em idealizações que se materializam na vida terrestre, mundana.³⁰² Os olímpianos, do mesmo modo, não são apenas modelos projetados no imaginário, mas modelos de conduta, que pautam formas de pensar, vestir e agir, que configuram a cultura de massa em práxis e mitologia.³⁰³

Outra mudança do momento das reformas em relação ao período anterior em *Rainha* é a introdução de uma perspectiva ecumênica de tolerância a outras crenças. O conhecimento científico e especializado assume a incumbência de explicar a ordem natural das coisas. Exemplo disso são as matérias em meados dos anos 1970 que abordam a questão do espiritismo, colocando as explicações científicas para combater a crença em reencarnação, por exemplo, chamando o conhecimento parapsicológico para explicar fenômenos relacionados pelo kardecismo à ação dos espíritos em vez de meramente combatê-lo, como era comum no período pré-60. Outro exemplo semelhante da diferença de abordagem refere-se à questão do comunismo, relacionada antes das reformas a uma perspectiva religiosa, após 60 o assunto é abordado sob sua ótica política, no contexto da doutrina da segurança nacional.

³⁰² MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX*. Vol 1. Op. Cit, p. 128.

³⁰³ Ibid, p. 108.

Desta forma, *Rainha* concretiza sua mudança no aspecto religioso não somente em relação aos novos conteúdos abordados após a reforma, como matérias de comportamento, fotonovelas e entrevistas com celebridades, mas efetiva-se, sobretudo, numa intensa modificação na percepção editorial dos valores e modos de abordagem. Essa perspectiva está fortemente imbricada na idéia de leitor, como alguém que procurava informação e valorizava a leitura e buscava melhorar suas possibilidades de viver bem com todos a seu redor, principalmente com sua família. A revista, desse modo, propõe-se a ajudar o leitor a se relacionar melhor com as pessoas, servindo de instrumento para possibilitar uma melhor convivência. Portanto, *Rainha* jamais abandona a perspectiva de fomentar comportamentos, caracterizando-se, em última instância, como um veículo fundamentado em sua vocação missionária, seja baseado em conceitos católico-evangelizadores ou nos valores da cultura da mídia.

6 CONCLUSÕES

Através da observação da configuração de *Rainha* em seus diferentes momentos, foi possível perceber os indícios que permitem compreender como *Rainha* tensiona sua posição de veículo confessional ao longo de sua trajetória. De janeiro de 1961 a dezembro de 1977, a presença de Lauro Trevisan em *Rainha* implicou, em diferentes modos, a reconfiguração da finalidade de uma revista confessional, que chega, em alguns momentos, a se distanciar do papel institucionalmente definido enquanto veículo de uma congregação católica. Por outro lado, observa-se que, mesmo nos momentos em que prioriza o conteúdo de entretenimento e uma abordagem que a aproxima do contexto de uma cultura de massa, a revista expressa prismas de uma cobertura religiosa dos fatos, seja em notícias referentes ao universo católico ou em artigos sobre relacionamentos familiares num enfoque “espiritualizado”. Dessa forma, é preciso reconhecer que *Rainha* jamais deixa de ser uma revista religiosa, mesmo que os objetivos evangelizadores e sobretudo apologéticos tenham sido relegados a um segundo plano a partir de 1960.

O momento inicial da revista, analisado no primeiro capítulo, é caracterizado por um perfil editorial de caráter fortemente institucional, apologético, católico e evangelizador. Seu processo produtivo era bastante rudimentar, baseado no sistema de impressão tipográfica e numa estrutura de trabalho basicamente artesanal. O grau de improviso constante no período anterior às reformas, ao lado das baixas tiragens, denotava que o desejo de comercializar a

revista e torná-la agradável aos olhos do leitor era menos importante que o interesse de evangelizar. Por outro lado, as restrições produtivas relacionam-se às características da imprensa brasileira naquele momento, ainda não consolidada em sua estrutura capitalista.

As repercussões desse processo transformador seriam sentidas no período conseqüente, relatado no segundo capítulo do texto, que trabalha tanto o cenário do contexto quanto a estruturação discursiva de *Rainha* durante as reformas ao longo dos anos 1960. A partir da entrada de Lauro Trevisan, em 1961, segue-se uma série de reformas que visa modernizar a revista no contexto de um mercado de bens culturais em consolidação no país. Naquele momento, a revista ensaia um afastamento da finalidade meramente religiosa, consolidando uma perspectiva mais ponderada dos acontecimentos em substituição à postura extremamente combativa perpetuada no modelo anterior. A comparação entre as matérias redigidas sobre o mesmo tema nos dois diferentes momentos – década de 1950 e de 1960 – ilustra perfeitamente essa mudança no enfoque, caso dos exemplos relatados no segundo capítulo, com os textos sobre o carnaval e sobre o comunismo.

Já a consolidação dessas mudanças em *Rainha*, que se intensificam na década de 1970 com o alcance da tiragem recorde de 130.000 exemplares (1973), pautou o terceiro capítulo da dissertação. O texto relata o momento de maior afastamento da caracterização religiosa por parte da revista, quando entra em cena as abordagens, temáticas e processualidades comuns a uma cultura de massa. A perspectiva de Edgar Morin sobre o conceito nesse sentido foi bastante elucidativa em esclarecer a partir de quais lógicas são estruturados os valores que passam a ganhar espaço na revista quando a perspectiva religiosa cede espaço a novas temáticas e modos de abordagem. Esse ponto de vista teórico serviu para compreender a partir de quais matrizes se estrutura a concepção de uma revista religiosa que tem como meta aproximar-se do padrão das demais revistas existentes no país.

As edições daquele período mostram que a aproximação só é facultada na medida em que *Rainha* passa a atuar regida por lógicas de produção e consumo similares a estas,

veiculando notícias sobre famosos, fotonovelas e muito entretenimento. Certamente essa nova caracterização, somada a outros fatores relacionados às reformas em curso desde o início dos anos 1960, como a melhoria do padrão gráfico e a modernização do processo produtivo, contribuem para o sucesso que leva o periódico palotino a se auto-proclamar “a maior revista do Sul do Brasil”. No entanto, em meados dos anos 1970 a revista não consegue mais manter o compasso do crescimento acelerado, e o alto comando dos palotinos prefere priorizar o setor mais rentável da prestação de serviços gráficos a terceiros, transferindo *Rainha* para Porto Alegre. Por outro lado, o contexto do mercado brasileiro de revistas no final dos anos 1970 já não é mais o mesmo daquele do início da década: acirra-se cada vez mais a concorrência editorial e o processo de segmentação, dificultando e até inviabilizando o percurso de revistas com enfoque “familiar” como *Rainha*, exigindo destas a adequação a um novo perfil. A transferência é acompanhada pela saída de Lauro Trevisan do comando da revista e a retomada gradativa do perfil essencialmente evangelizador eclipsado pela proposta de massificação.

À observação da configuração do mensário entre os anos 1950 e 1970 e à articulação das diferentes caracterizações do contexto, tanto da Igreja Católica como da imprensa de um modo geral, segue-se a discussão das lógicas e processualidades midiáticas que surgem no cotejo entre os diferentes momentos da revista. Conforme diz seu próprio título, o quarto capítulo discute como se dá a transição entre a configuração do sagrado e do secular nas páginas de *Rainha*, tanto na perspectiva desta em relação ao pólo receptor como na estruturação do eixo produtivo relacionado ao processo de segmentação e a presença dos valores religiosos.

Através desta comparação, percebe-se que ao processo de transformação editorial seguem-se diferentes formas de compreender cada um destes fatores, ou seja, a estruturação discursiva da revista e suas diversas caracterizações em cada década está diretamente relacionada ao modo pela qual esta percebia seu leitor. Nos anos 1950, coerentemente ao

pensamento comunicacional católico no contexto daquela época, predominava a concepção de um leitor passivo, cuja caracterização estava intimamente atrelada à perspectiva do fiel, que deveria conformar-se a receber o conteúdo da revista, de caráter fortemente doutrinário. Já nas duas décadas seguintes, valoriza-se a posição do leitor enquanto consumidor, considerando-se seus anseios e motivações para estruturar-se enquanto veículo.

Se no primeiro momento temos a definição de um espaço totalmente voltado para a fé, com temáticas exclusivamente católicas e postura reacionária, no segundo os temas religiosos estão longe de serem hegemônicos, passando a disputar espaço com assuntos como educação, saúde e comportamento e assumindo enfoque secularizado. A prática do jornalismo combativo, com a religião católica travando batalhas contra seus opositores e defendendo rigidamente seus preceitos, cede espaço ao jornalismo informativo e de entretenimento, no qual o veículo renega a missão de servir como instrumento da causa católica para voltar-se a assuntos de interesse da massa ou construídos como tal. Nessa nova configuração, a temática da religiosidade permanece, mas envolta numa outra concepção, a qual o editor denomina uma “resposta cristã aos problemas da atualidade”. Em vez de despejar a doutrina católica, essa postura divulgaria uma “mensagem que pudesse fazer o bem às pessoas”, que criaria um ambiente favorável à prática da fé, na concepção de Pe. Lauro. Essa perspectiva se reproduz nas páginas de *Rainha*, principalmente nas matérias sobre religião e comportamento, traçando as linhas gerais de como se constituiria esta visão da espiritualidade.

Contudo, a observação das processualidades das lógicas religiosas nos contextos de cada época traz a perspectiva de que *Rainha* mantém seu papel orientador ao longo de sua trajetória, mesmo quando expressa uma caracterização diferenciada daquela de uma revista estritamente católica. Seja nos artigos com fundo de auto-ajuda, nas fotonovelas com lições de moral ou na seção de consultório sentimental, *Rainha* expressa um desejo de orientar e pautar a vida de seus leitores, intuito que também se verificava em seus tempos de imprensa apologética, embora impulsionada por outras motivações, de fundo doutrinário. A diferença

principal é que, em vez dos rígidos valores, calcados na doutrina católica e nas sólidas regras da moral e dos “bons costumes” apregoadas antes das reformas, a partir da entrada de Trevisan passa a ser priorizada a divulgação de novos valores como a felicidade e a harmonia, partilhados por uma outra esfera cultural – a cultura de massa.

Adotar uma perspectiva instrumental foi a forma encontrada pela revista de estruturar-se enquanto uma proposta vendável, mas que ao mesmo tempo não entrasse em choque com as especificidades de um veículo institucional em um determinado momento histórico e sob as específicas condições de produção de sua época. O fato de *Rainha* ter alcançado um relativo sucesso nas estreitezas dentro do concorrido mercado de revistas que se configurava a partir dos anos 1960-1970 no Brasil chama a atenção ao considerarem-se as limitações características de um veículo regional, o acirramento da produção editorial do país e da imprensa de maneira geral, as restrições da conjuntura política e a rigidez estrutural da Igreja Católica Apostólica Romana.

Assim como recapturar a cosmogonia atribuída a um certo moleiro friulano, imortalizado graças aos arquivos dos tribunais da inquisição, delinear a trajetória das reformas editoriais de um veículo tão peculiar e localmente situado a partir das páginas de uma revista também serviu como ponto de apoio para compreender o cenário de transformação da imprensa brasileira nos anos 1960 e 1970. A observação de um caso-limite facultou o entendimento sobre até que ponto o cenário em transição daquele momento possibilitou o surgimento de um veículo *sui generis* como *Rainha*, sem contudo ter a pretensão de “representar” o que ocorria na grande imprensa da época, já largamente estudada e identificada pela literatura. Para além do entendimento das “gestas dos reis”³⁰⁴, conhecer a trajetória de um modesto mensário palotino pode ser tão ilustrativo e esclarecedor a respeito dos processos transformadores na imprensa quanto o entendimento sobre os rumos dos grandes impérios da comunicação, assim como a cosmogonia de um camponês medieval pode

³⁰⁴ GINZBURG, Carlo, Op. Cit., p.11.

dizer muito a respeito da imbricada reciprocidade entre a cultura da classe subalterna e a cultura da classe dominante.

Por outro lado, tanto Menocchio como Pe. Lauro refletiram a seu modo o ambiente de transformações que os circundavam: o primeiro, expressando em sua visão religiosa os elementos presentes no cotidiano simples de um camponês que se alimentava de “um pouco de leite, queijo e alguns ovos”;³⁰⁵ o segundo, demonstrando um enfoque “espiritualizado”, base da proposta que circundava boa parte das matérias no período das reformas e que se consolidaria mais tarde na sua profícua carreira de escritor de livros de auto-ajuda.³⁰⁶ Separados por séculos, tanto Domenico Scandella como Lauro Trevisan servem de exemplo e pretexto para compreender o papel dos agentes sociais num determinado momento histórico, casos individuais e localizados que acabam por expressar o sentido de uma época.

³⁰⁵ GINZBURG, Carlo, Op. Cit., p. 57.

³⁰⁶ Uma sugestão para a continuidade deste estudo numa futura tese de doutorado seria focalizar com maior detalhamento o período Lauro Trevisan, verificando a articulação entre sua trajetória pessoal e o reflexo desta nas páginas de *Rainha*, tanto nos textos de sua autoria quanto em seu perfil editorial. Em vez da perspectiva comparativa entre os dois momentos, essa nova pesquisa iria caracterizar melhor a contribuição de Trevisan ao mensário palotino, visualizando sua visão editorial sob o foco de sua ampla trajetória como escritor de auto-ajuda. Outra possibilidade seria trabalhar o período anterior a Lauro, relacionando a configuração de *Rainha dos Apóstolos* no quadro da imprensa católica do país, num momento de forte propaganda apologética.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira A. *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ALVES, Maria Helena M. *Estado e oposição no Brasil 1964-1984*. Bauru: Edusc, 2005.

AMARAL, Márcia F. *Lugares de fala do leitor no Diário Gaúcho*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Fabico/UFRGS, 2004.

ANDRADES, Marcelo F. de. *Do claustro à universidade: as estratégias editoriais da Editora Vozes na gestão de Frei Ludovico Gomes de Castro (1964-1986)*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Fabico/UFRGS, 2001.

AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: Edusc, 1999.

ARAÚJO, José Carlos Souza. *Igreja Católica no Brasil: um estudo da mentalidade ideológica*. São Paulo: Paulinas, 1986.

ARQUIVO Histórico Provincial Nossa Senhora Conquistadora (Santa Maria-RS) *Evolução de receitas com publicidade e trabalhos comerciais*. Relatório administrativo, Editora Rainha, 1977.

ARRUDA, Maria A. *A embalagem do sistema: a publicidade no capitalismo brasileiro*. Bauru: Edusc, 2004.

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BERGER, Christa. *Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica*. In.: MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio D. (org.) *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997

BIASOLI, Vitor O. F. *O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria da Boca do Monte – RS (1870-1920)*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2005.

BONFADA, Genésio. *Os palotinos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Pallotti, 1991.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3. ed, São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70*. Brasília: Ed. UNB, 1991.

_____. *Lugar de fala como conceito metodológico no estudo de produtos culturais*. In. *Mídia e processos socioculturais*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000.

_____. *A sociedade enfrenta sua mídia: Dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.

BUITONI, Dulcília. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

COMISSÃO Pontifícia dos Meios de Comunicação Social. *Instrução Pastoral Communio et Progressio sobre os meios de comunicação social*. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

CONCÍLIO Vaticano II. *Inter Mirifica: decreto do Concílio Vaticano II sobre os meios de comunicação social*. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

DELLA CAVA, Ralph & MONTERO, Paula. *E o verbo se fez imagem: Igreja Católica e os Meios de Comunicação no Brasil (1962-1989)*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 206.

DEISTER, Jorge. *A imprensa católica no Brasil até 1925*. In.: *Revista Vozes*, Petrópolis, ano 61, p. 1071-1081, dez. 1967.

ELLSWORTH, Elizabeth. *Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também*. In.: SILVA, Thomaz Tadeu (org.) *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ENTREVISTA com Pe. Lauro Trevisan. Santa Maria, 1o nov. 2005.

FACCO, Casimiro (org.) *Nossos Antepassados Palotinos*. Santa Maria: Pallotti, 1995.

FARO, J. S. *Revista Realidade, 1966-1968: tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Canoas: Ed. Da Ulbra/ Porto Alegre: AGE, 1999.

FONSECA, Virgínia. . *O declínio da notícia no jornalismo pós-fordista dos conglomerados multimídia*. In.: Revista E-Compós, n. 07, dez 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos>. Acesso em 14 jan 2007.

GOMES, Pedro G. *O jornalismo alternativo no projeto popular*. São Paulo: Paulinas, 1990.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HABERT, Angeluccia B. *Fotonovela e Indústria Cultural: Estudo de uma forma de literatura fabricada para milhões*. Petrópolis: Vozes, 1974.

INFORMAÇÕES PALOTINAS. Santa Maria: Pallotti, 1943-1956; 1969-1980.

IOP, Rafael (org.) *Vicente Pallotti e a sua obra*. s/local: Pallotti, 1936.

KOECHE, André. *Anos sessenta, sexo e vanguarda*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1991.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

LEVI, Giovanni. *Sobre a Micro-História*. In.: BURKE, Peter (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

LUSTOSA, Oscar de F. *Os bispos do Brasil e a imprensa*. São Paulo: Loyola, 1983.

MAGRO, Claudino. *Um sonho, uma conquista*. In.: Rainha dos Apóstolos. Porto Alegre: Pallotti, nº 943, p. 4, abr. 2003.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e Jornalismo: A saga dos cães perdidos*. 2 ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARQUES DE MELO, José. *Comunicação eclesial: utopia e realidade*. São Paulo: Paulinas, 2005.

MIRA, Maria C. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'água/Fapesp, 2001.

MOREIRA, Roberto S. C. *A revista Realidade e o processo cultural brasileiro dos anos 60*. p. 422. In.: MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio D. (org.) *O jornal – da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX*. Vol 1 Neurose. 9 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MOTA, Carlos G. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

POSSAMAI, Paulo. *Dall'Italia siamo partiti: a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)*. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.

RAINHA, Pallotti: Santa Maria, 1961-1977.

RAINHA, Pallotti: Porto Alegre, 1978-1980.

RAINHA DOS APÓSTOLOS, Pallotti: Santa Maria, 1947-1960.

REGINA APOSTOLORUM. Vale Vêneto: Pallotti, nº 01, p. 3, abr. 1923.

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTA MARIA. Santa Maria: Pallotti, 1973-1977.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SITE pessoal Lauro Trevisan. *Biografia*. Disponível em <http://www.laurotrevisan.com.br/biografia.htm>. Acesso em 13 fev. 06.

SOARES, Ismar de O. *Do santo ofício à libertação*. São Paulo: Paulinas, 1988.

TASCHNER, Gisela. *Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TREVISAN, Lauro. *O poder infinito da sua mente 2*. 4 ed. Santa Maria: Editora da Mente, 2003.

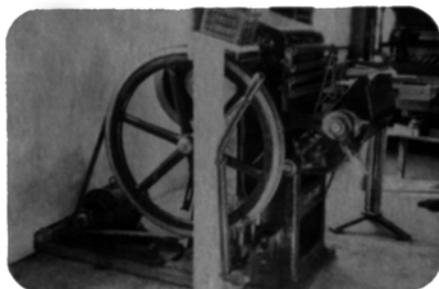
VÉSCIO, Luiz Eugênio. *O crime do Padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul - 1893-1928*. Santa Maria: Editora UFSM; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

ANEXO 1

a) Capa e primeira página da edição de *Regina Apostolorum*, abril de 1923.



b) Imagens das primeiras instalações da revista em Santa Maria – RS (1934)

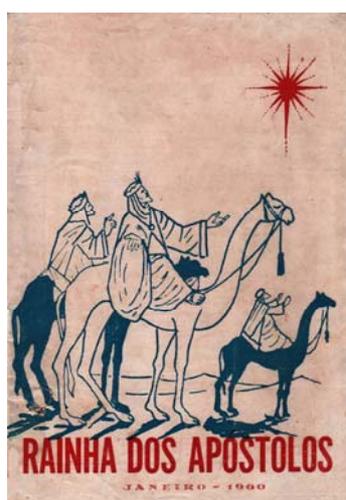


ANEXO 2

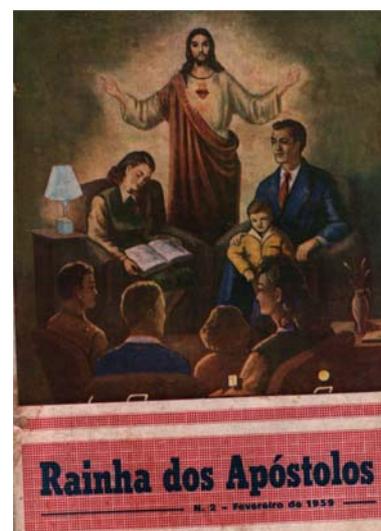
Capas de Rainha dos Apóstolos na década de 1950



Outubro de 1954.



Janeiro de 1960.



Fevereiro de 1959.

ANEXO 3

Exemplo de seções e artigos da década de 1950.

a) Resolva suas dúvidas – novembro de 1959

Resolva suas Dúvidas

Enviando suas consultas ao Dr. Cristóvão — Caixa Postal 41 — SANTA MARIA

1. Carta pessoal a 27 de abril. Tente conseguir o Rev. Vigário, seu amigo. Tenho muita esperança numa solução.

2. RESP. Escrevi-lhe uma carta esperando para resolver seu caso, com o Rev. Vigário, seu amigo. Tenho muita esperança numa solução.

3. RESP. Para pessoas sãs, que tenham reta intenção, não é pecado andarem de mãos dadas. Com isso, não digo que seja sempre conveniente.

Jovens dos Olhos Castanhos M. P. — 1, 2, 3 RESP. Sendo assim, como você diz, tudo indica que serão muito felizes.

4. RESP. Deve tratar de cumprir a promessa quando puder. Se lhe não for possível cumpri-la, fale com o confessor.

5. 6. RESP. Faz muito bem em manter uma linha de decência, tanto no namoro, como nos divertimentos. As que seguem outro caminho, creio, não encontram felicidade agora e arriscam comprometer muito o futuro.

3. Casamento entre católicos e protestantes. — RESP. Diz o Direito Canônico: «A Igreja proíbe severissimamente em toda a parte a realização de matrimônio entre duas pessoas batizadas, das quais uma seja católica e a outra pertencente a seita herética ou cismática; e havendo perigo de conversão, o casamento é vetado também pela lei divina» (Cân. 1069). A dispensa dá-se empenhamento só se ocorrer: havendo causas justas e graves, mediante as seguintes condições: a) O cônjuge não católico afastar da outra parte todo perigo de conversão; b) os dois cônjuges se comprometem a batizar e educar todos os filhos na religião católica; c) garantia moral de que estas condições serão cumpridas.

Lirio Desconhecido. — RESP. Está muito desanimada — minha filha. Não é o destino, não. A divina Providência está guiando você pelo melhor caminho. Não ligue às outras, continue a seguir seu caminho de devota de Maria, que seu amor virá também, a seu tempo. Tem só 19 primaveras!

Língua de Ferro. — RESP. Pode estar certa, minha filha, que Deus não deixa de ver as injustiças que escapam à polícia. E, de uma maneira ou outra, sua misericórdia dará um jeito de trazer de volta as ovelhas irremediadas, nem que seja com alguma caçada, quando se mostrarem muito rebeldes. Faça por não merecer as críticas que lhe fazem e dupe o mal na mão de Deus. Verá que tudo se desfaz.

Seminarista. — 1. RESP. Sua vontade de entrar no seminário era mesmo uma vontade de menino de 10 anos!

2. ... as moças me dão piadas, nas férias. — RESP. Isto é porque porque você tem um jeito de piada-descesta e elas gostam de se divertir. Nem há porque perder a transtomada, por isso.

3. RESP. Praticamente, abandonar o seminário não é nenhum pecado. Para quem não tem vocação, é um dever não seguir adiante.

4. Uma moça disseram que foi uma vez ter se ido para o seminário. — RESP. Isto é problema de casa, não é seu. A menos que você fique muito bonzinho com isso, que, então, será todo seu.

5. Nas férias, um seminarista pode ir a festas? Se receber bilhetes das moças (costume local), que deve fazer? Responder?

RESP. A este propósito, e a propósito de tudo o mais, um ato sentido do que convém ou não convém resolve muito melhor o problema, do que um dicionário de perguntas sobre o que se pode ou não pode, deve ou não deve fazer. Uma mentalidade que anda a atormentar-me pelo que deve ou não deve fazer, é uma mentalidade ciente, cívica, mas facilmente, farsaica. Um sentido não do que convém ou não, havendo numa educação verdadeira, é uma atitude coerente com a ordem de ser da gente, isto é, com o caminho que a gente escolheu na vida. Em truco médio: você é seminarista, logo, procure proceder como convém a um seminarista, perfeitamente de acordo com o ideal que abraçou. A luz de tais princípios, não lhe será difícil ESCOLHER as festas. E, ao recusar os bilhetes das meninas, sabrá fazê-lo com toda naturalidade, sem complexos, participando da brincadeira, sem que isso precise criar problema.

6. Pode a mulher evitar as dores do parto? — RESP. Pode, uma vez que não use meios ilícitos.

Uma avianete escreveu-nos que as respostas desta seção deviam ser mais espirituais, deviam aconselhar mais a conformidade e a oração, e sabemos que a oração bem feita vale muito, pois Deus concede tudo a seus filhos. — Tais conselhos teriam muita aceitação.

RESP. Seu ponto de vista é muito acertado. Creio que me tenho preocupado com este aspecto, nos conselhos que dei. Não saberia dizer, entretanto, se, demais ou de menos. Porquê importa sempre guardar uma unidade orgânica e harmoniosa entre o natural e o sobrenatural, na vida. Não podemos atre-nos demasiadamente ao aspecto natural. Mas também não podemos atre-nos exclusivamente ao aspecto sobrenatural, por isso que não podemos colocar o sobrenatural, como uma cúpula de ouro, sobre um tronco pedre. Tanto mais que, muitas vezes, pessoas que transmitem sobrenatural por todos os poros — aparentemente, ao menos — não completamente desordenadas e desatentas em sua vida natural. Há que levar isso tudo em conta.

Nezuz. — RESP. Calma, por favor. Não esqueça, 17 anos é a época do jato. Não a jato, nunca dá certo. Com calma, tudo dá certo, no fim.

Mercenária Desalinhada. — Eu tinha intenções sérias, ele, porém, me abandonou. Tenho um pouco mais de 30 anos e não sei se poderei casar ainda.

RESP. Não continue a alimentar esperanças vãs, não mande dizer mais nada a ele. Isto é redicção, minha filha. Ele

b) Cartas Femininas – outubro de 1954

— 310 —



Cartas Femininas

O ESPÊLHO

Amiga. Hoje o assunto da nossa missiva vai versar sobre um objeto que nos está a toda a hora a falar, e daí o chamar-se: «O Conselheiro da moça», é o espelho.

O espelho é o amigo imprescindível de toda a jovem. Em frente a ele é que nos costumamos viver horas que no fim da vida somam anos às nossas confissões.

Diante dele costumamos falar veadamente, parecendo-nos ouvir dele frases destas: «és bela, linda mesmo, um encanto, um mimo. Admiro-me como ainda ninguém te serrastou a asa; mas não te desespere, tanta formosura não pode ficar esquecida. Diante dele abrimos a boca para ver através do vidro alguém que nos corresponde e nos diz: «serás minha, custe o que custar».

Diante dele abrimos a boca para contemplar e admirar, qual orgulhoso bravo o seu rabo, as fileiras de dentes brancos que os achamos maravilhosos.

Diante dele alinhamos os nossos cabelos, traçamos as sobrancelhas, calamos os lábios de baton, as faces de rouge de entretemo e o pó-de-arroz e outros cosméticos para dar tom à nossa fachada.

Diante dele, ensalamos mil modos e trejeitos, para reproduz-los, na rua, na praça, no cinema, no clube, durante os flirts.

Diante dele estalamos beijinhos que os queremos atrair no começo de longo, depois no rosto daquele que conseguimos enganbelar com nossos adornos.

Numa palavra, o espelho é o nosso confidente, o nosso mestre, o nosso diz-tudo. E quantas mentiras nós forçamos ao espelho nos dizer!

O poeta espanhol, Gabriel e Galan, nos diz do espelho: Te habia dicho esse indiscreto Cortezano de mujeres todo lo hermosa que eres,

porque o uso guarda um segredo. Certo dia, uma jovem, mirando-se ao espelho, e crendo-se só, prorrompeu nesta exclamação de entusiasmo: — Que te falta, Cirlei, que te falta?

E sua mãe que a estava espiando, surgiu e frave contestou: — Um pouco de juízo, minha filha, muito juízo te falta.

Não mereceríamos nós ouvir durante essas horas que passamos diante deste «enganador da mulher», tal observação, se nós estivéssemos contemplando alguma pessoa de siso maduro?

O espelho para a moça moderna é uma espécie de Artes e Ofícios, onde, qual alma sempre aplicada, aprende o desenho, a pintura e a mimica.

O tempo que consumimos diante do espelho dirá a largura da nossa frente e o conteúdo do nosso cérebro.

O tempo que dedicamos a uma coisa nos diz do interesse que temos por ela... Então devemos prosseguir o uso do espelho? Que seria então do mundo feminino... do masculino sem este conselheiro necessário?

Nem tanto ao ar e nem tanto ao mar. O uso é elegância, gosto, necessidade. O abuso é vaidade, perda de tempo.

Este pecadinho de vaidade preocupa-nos alguma vez porque não a certamos definir a fronteira do que está bem e do que está mal.

Queres saber quando há vaidade nosso? Quando lhe dedicas mais tempo que te é necessário para poder te apresentar limpa, decente, assada e um pouco atraente.

Conta-se que uma mãe solteira pelo futuro de sua filha ausente no colégio por ocasião de seu aniversário natalício, além das felicitações costumeiras, enviou-lhe três embrulhos. A filha ansiada por ver os presentes, desembalou logo o primeiro embrulho branco que continha um espelho com esta inscrição ao pé: o que és.

O segundo embrulho coberto de um papel crepe, continha uma caveira com as palavras: o que serás.

O terceiro embrulho, envolto em papel azul, encerrava uma estatuetta da Imaculada com a inscrição: o que deves ser.

Amiga, mira-te sempre nesses três espelhos, medita essas três frases, e nos versos do nosso poeta Basílio da Gama:

Do vidro que te engana Não sigas o conselho: busca, que dentro d'alma, tem o melhor espelho, e viverás satisfeita e morrerás contente.

E' o que te aconselha tu a amiga que se assina

Mafalda Lindois

QUE MARAVILHA!! ...

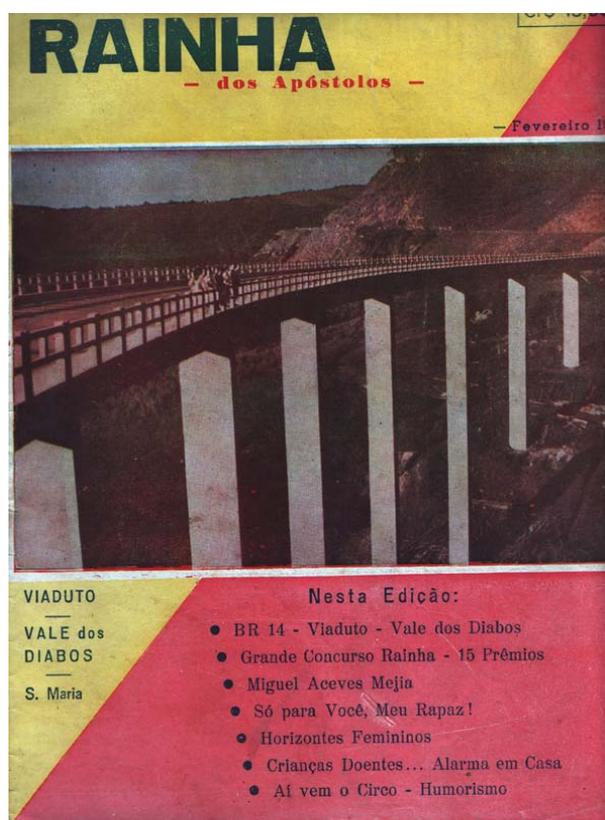
O QUE?

O ANUARIO DO A. C. PARA 1955.

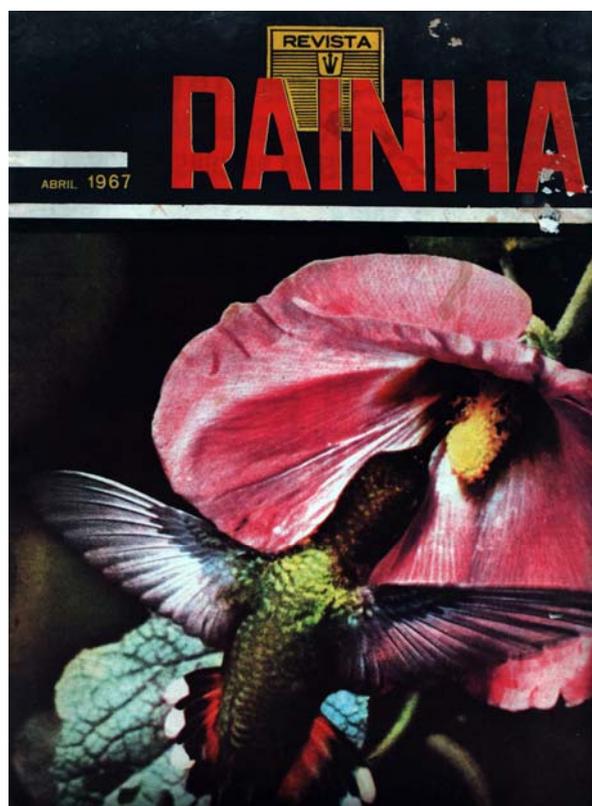
Não espere ver para crer!
Faça imediatamente o teu pedido de alguns exemplares. Não espere para a última hora que chegarás tarde!

ANEXO 4

Capas de Rainha nos anos 1960



Fevereiro de 1971



Abril de 1967

ANEXO 5

Matérias de Rainha nos anos 1960

**O JULGAMENTO MAIS CÉLEBRE
MAIS TRÁGICO e MAIS INJUSTO
da HISTÓRIA**

crucificada

**NESTES TERMOS TERIA SIDO LAVRADA
A SENTENÇA DE CONDENAÇÃO A JESUS**

«Neste ano, 19 do reinado de Tibério, Imperador Romano de todo o Mundo e Monarca Invenível; 121 da Olimpíada; 124 da Bacia; 4187 da Criação do Mundo, segundo os hebreus; 73 da Prognóse do Império Romano e 1297 da Independência da Babilônia; sendo governador da Judéia, Quintino Sertório; Reitor e Governador de Jerusalém, o grandíssimo Presidente Pontífice e Gerente da Baixa Galiléia, Herodes Antipas; Procurador da cidade de Jerusalém, Franchino Centauro; consules romanos Púlio Ruato, hoje, dia 29 de março, Da, Pôncio Pilatos, aqui Presidente do Império Romano, dentro do Palácio e aqui-residência, judeu, condão e sentença à morte Jesus, chamado pela plebe — Cristo Nazareno — e galileu de nação, homem adocido contra a Lei Moisés e contrário ao Grande Imperador Tibério César.

«Determino e ordeno por esta que se lhe dê a morte na cruz, sendo precedido com cravos como os réus, porque congregando por aqui muitos homens ricos e pobres, não tem comando de promover tumultos por toda a Judéia, dizendo-se Filho de Deus Rei de Israel, ameaçando com a ruína de Jerusalém e do Sacro-Templo, rogando o tributo a César, e tendo ainda o atrevimento de entrar com ramos, em triunfo e com parte da plebe dentro da cidade de Jerusalém; que seja ligado e acotado, e a própria cruz aos ombros para que sirva de exemplo a todos os malfeitores; que juntamente com ele sejam conduzidos dois ladrões homicidas; e saído pela Porta-Sagrada, hoje Antoniana, e que se condão Jesus no monte público da Justiça, chamado Calvário, onde crucificado e morto, fícará seu corpo na cruz seja pôsto um título em três línguas: hebraica, grega e latina: «Jesus Nazareno Rex Judaeorum».

«Mando também que nenhuma pessoa de qualquer estado ou condição se atreva temerariamente a impedir a Justiça por mim ordenada, administrada e executada com todo o rigor, segundo os decretos e leis romanas; quem tal ouser será acusado de rebelião e sofrerá as penas respectivas: Toteumhaná, pelas 12 tribos de Israel: Rabain, Daisel, Rabain Janin, Bonol, Barbaas, Lohi Poluchain; pelos fariseus: Rubas Semas, Ronol, Rabain, Monoban, Buncorfoi; pelos hebreus: Nitaubas, Buncorfoi Imperio e Presidente de Roma: Luxio Lexibia, Amasso Challo.

A SENTENÇA lavrada contra Jesus de Nazareth, por Pôncio Pilatos, foi, segundo a tradição, descoberta em Jerusalém por um dos cruzados de Godofredo de Bouillon, que a levou para Níquelos. Devido ao milagre que a conservaram, permaneceu oculta por mais de 40 anos, e ali estaria, se uma casualidade não a revelasse.

a) Matéria sobre a Páscoa – março de 1961.

RAINHA

apresenta:
resolva
suas dúvidas

CONTINUAÇÃO

incertezas? dúvidas? problemas?

doutor gentil

Caixa Postal 4 8 0
Santa Maria
R. G. SUL

NEZIO JOAO — "Sou um menino de 12 anos; quero seguir em estudos para a formação de sacerdote, mas não sei se há de existir, alguém que poderá pagar minha de estudos para gente pobre?"

RESPONDENDO — Tanto o Seminário diocesano como as Congregações religiosas dispõem da chamada "Pa Obra das Vocações Sacerdotais, juntamente com a finalidade de custear os estudos de religiosos no sacerdócio que não dispõem de recursos financeiros.

PAU DE ARARA P. 13.990 — Esse rapaz, pelo que transparece em sua carta, me parece bastante volúvel. Apresenta expectativas a que você fará bem em reagir. Falta moralis não dispõem contra o casamento, mas contra a fidelidade do casal. Procure ser responsável!

RAINHA

apresenta:
a rainha na
cozinha

LAVAGEM DE ROUPA

Embora a lavagem de roupa seja considerada uma das tarefas mais cansativas, devido ao esforço despendido e ao tempo gasto na execução da mesma, a dona de casa poderá fazer desta tarefa uma atividade mais simples, mais efetiva e menos cansativa. Uma roupa bem lavada não depende de "short-cut" ou esforço despendido, mas sim de equipamento adequado e do uso correto do mesmo. As roupas lavadas com cuidado e técnica têm melhor aparência e duram mais.

Para obtermos um bom resultado na lavagem da roupa, precisamos saber como é que o saço é retirado da roupa.

E pensamento geral que passando sabão sobre a roupa, esfregando-a bem e pondo-o no sol para corar, obtemos bom resultado.

O saço da roupa é retirado pela espuma do sabão que, ajudada pela água, passa através do tecido. E para obter isso não é necessário esfregar a roupa e nem chorçar a água de modo a fazer a água com espuma atravessar o tecido. Com o auxílio do equipamento correto faremos isso com muita facilidade, economizando tempo, energia e matéria.

FINALIDADE

- Tornar limpa e clara.
- Matar os germes que se apanham em contato com doentes ou outras fontes de contágio.
- Fazer que o tecido dure mais, pois o pó das manchas estragam as fibras.

VANTAGENS DA ROUPA LAVADA EM CASA

- Do ponto de vista econômico não haverá gastos com lavanderia.
- Vigilância perfeita em conhecer o local onde a roupa se estendia e guardada, longe de sujeira e de objetos de pessoas doentes.

Esses alimentos básicos de que o organismo necessita para se manter em perfeito funcionamento, são os seguintes:

PROTEÍNAS — Restauram no organismo as células orgânicas, necessárias para manter a vitalidade no homem. Encontram-se na carne, ovos, leite, queijo e outros alimentos. O soja é particularmente rico em proteínas.

HIDRATOS DE CARBONO — Elementos geradores de energia; o combustível que é queimado quando se exerce alguma atividade. Encontram-se no feijão, arroz, milho, macaxeira, milho, pão, mel, açúcar, doces etc.

GORDURAS — Elementos de reserva de energia, de que o organismo lança mão quando está em falta de calorías. Encontram-se na lãna, azeite, manteiga e gorduras em geral. O soja é também rico em gorduras.

SAIS MINERAIS — Elementos necessários à formação de células e ao funcionamento dos órgãos. O soja contém sais minerais.

VITAMINAS — Elementos reguladores da atividade de vários órgãos e preventivos contra várias doenças, estão contidos particularmente nas frutas e verduras. O soja é rico em vitamina B e seus brutos em vitamina C.

AGUA — Elemento indispensável à vida. O organismo humano necessita, diariamente, para gozar de boa saúde, de determinadas substâncias. Os alimentos constituem a base física da própria vida. São os agentes ativos da reconstrução dos nossos tecidos, são a fonte do calor natural, do influxo nervoso, da força muscular, atuando indiretamente sobre o desenvolvimento mental. Devemos reconhecer que a falta de alimentos e saber dosar racionalmente, a alimentação quotidiana, os elementos de que necessitamos o nosso organismo.

Elementos Básicos na Alimentação

- Proteína
- Hidrato de Carbono
- Gordura
- Sel Mineral
- Vitamina

RAINHA

apresenta:
a rainha na
cozinha

ELEMENTOS BÁSICOS NA ALIMENTAÇÃO

O organismo humano necessita, diariamente, para gozar de boa saúde, de determinadas substâncias. Os alimentos constituem a base física da própria vida. São os agentes ativos da reconstrução dos nossos tecidos, são a fonte do calor natural, do influxo nervoso, da força muscular, atuando indiretamente sobre o desenvolvimento mental. Devemos reconhecer que a falta de alimentos e saber dosar racionalmente, a alimentação quotidiana, os elementos de que necessitamos o nosso organismo.

CONTINUA NA PÁGINA — 17

Revista Rainha — Abril — 1961 — 14

b) Resolva suas Dúvidas e Rainha na Cozinha – abril de 1961

ANEXO 6

Página do pai – junho 1965



De pai para pai

O pai democrata

*escreve o médico psiquiatra
Dr. Antônio Fardo*

O termo «democracia» vem do grego. É formado por duas palavras: «demos» — povo e «kratos» — autoridade. Portanto, democracia significa autoridade ou governo que provém do povo. Definindo mais seria o meio pelo qual os indivíduos determinam até onde lhes vale a verdade de agir sem que infrinjam os direitos dos outros.

Nós dizemos que vivemos num país democrático, mas sabemos viver democraticamente? A democracia começa em casa, com nossos filhos, com nossa família. A sociedade não é nada mais que o prolongamento da família. Se em casa somos autoritários, gostamos de mandar e ser obedecidos, se consideramos uma desobediência como uma afronta pecaminosa é porque ainda não desenvolvemos o senso democrático. A criança nem sempre tem a capacidade de compreender as coisas. Precisamos compreendê-la em vez de sermos compreendidos.

No sistema autocrático, isto é, o contrário do democrático, as idéias do ditador prevalecem sobre as demais. Assim procedem os pais; queremos que as crianças fossem modelos de obediência e respeito. Na antiga educação achava-se que a criança não podia ter vontade. A vontade seria moldada segundo um padrão pré-estabelecido. A criança ouvia durante todo o dia: Não deves... Não deves fazer isto... Não deves fazer aquilo... Tu deves fazer isso... Tu deves fazer aquilo... Tu deves... Tu não deves... Era uma total dominação dos pais sobre os filhos. A família parecia mais um quartel do que um lar. O pai zangado era tomado como uma afronta à autoridade.

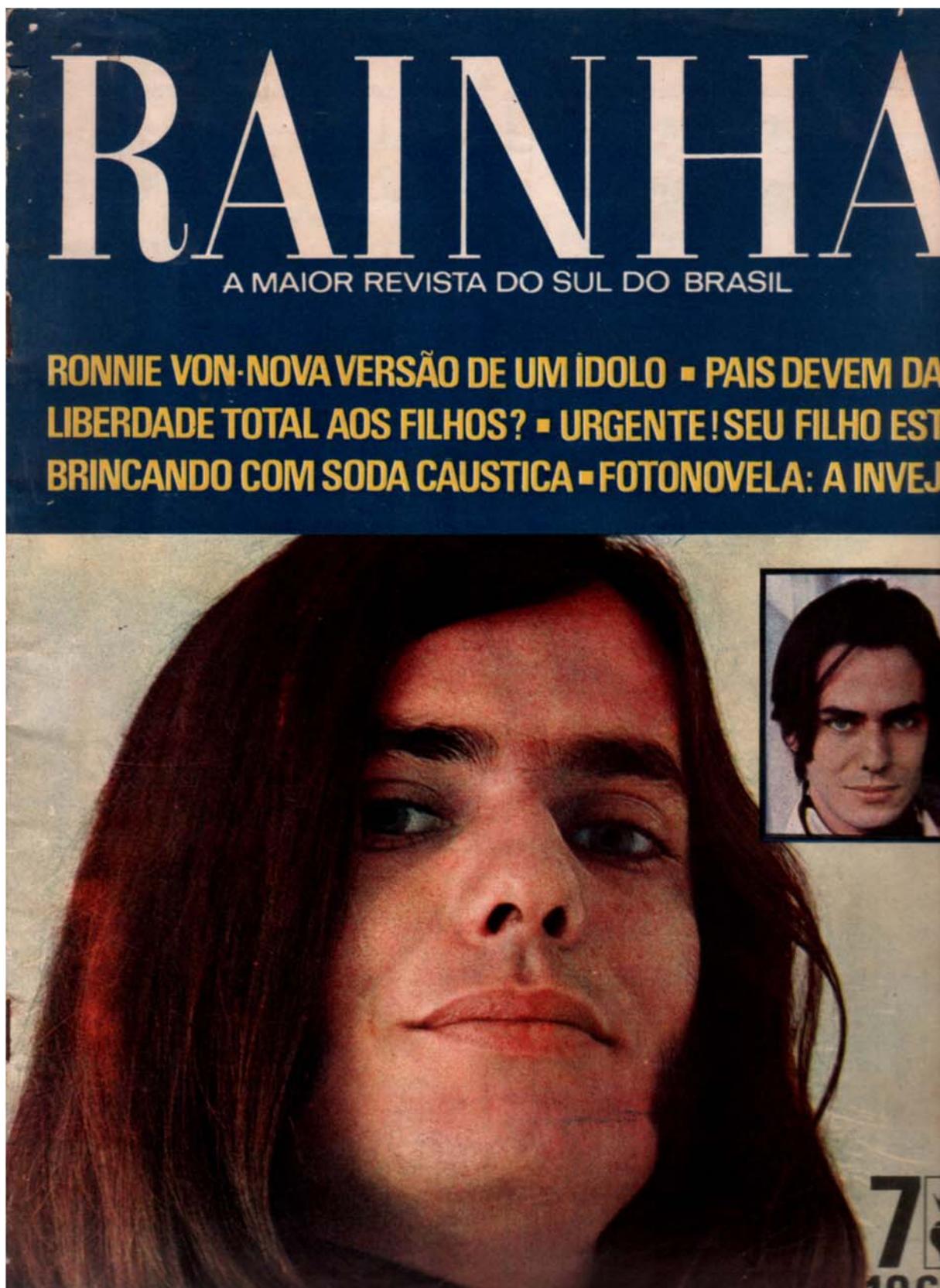
Entretanto, os tempos mudaram, veio a democracia. Essas idéias atingiram a educação. A psicologia educacional ensina que a criança deve se educar em ambiente democrático, aprender desde pequena a respeitar os outros e ser respeitada. Ensina aos superiores fazer concessões aos ensaios e erros da criança, pois a criança aprende da experiência. Ensina que a criança tem mais direito de errar que os adultos. Se cedermos desta maneira compreensível e democrática, então si formarmos realmente cidadãos para o amanhã. Formaremos homens inteligentes, que saberão viver democraticamente, num país democrático.

ANEXO 7

Capa de Rainha – janeiro de 1969



ANEXO 8

Capa de *Rainha*– julho de 1969

ANEXO 10

a) Fotonovela

SIM, EU TE AMO

ELENCO

IRINEU	Carlos Nowic
NEIDA	Diana Schultze
MÓNICA	Samantha
PAI	Julio Fabre
MÉDICO	Diego Rúa
Fotografia	Juan Carlos Calo
Assistente	José Córdoba
DIREÇÃO	Rolo Puente
Produção	Anahi
Agradecimento	Clinica Argento

56 Rainha

Rainha 57

b) Matéria com dicas de ginástica

LAR

CUIDADO COM A FLACIDEZ

O negócio é o seguinte: tem muita gente por aí curtindo uma terrível dieta daquelas de matar, só pra terminar com certas gordurinhas que aparecem pelo corpo. Corta essa, bixo. O tranqüilo, nesse caso, é uma ginástica quentíssima que trazemos aqui para você. ☆☆☆☆

EXERCÍCIO PARA OS MÚSCULOS DO ESTÔMAGO E ESPÁDUAS
Posição sentada, joelhos dobrados e pés firmados em uma cadeira. Comece a recostar-se no chão, cuidando para que os pés não se separem do solo. Ao formar um ângulo de 45 graus, mantenha essa postura durante 10 segundos.

Baixe lentamente até encostar-se no solo. À medida que aumenta a resistência, fique mais de 10 segundos na postura de 45 graus.

EXERCÍCIO PARA OS MÚSCULOS POSTERIORES DO CORPO
Posição deitada, com os braços estendidos ao longo do corpo.

Comence a exercer pressão de baixo, com os punhos encostados. Eleve a maior parte possível do corpo, despegando-se do solo. Cabeça, braços e costas mantêm contato com o solo. Suspenda-se assim, durante 10 segundos. Pratique 4 vezes por dia.

EXERCÍCIO PARA A ZONA LOMBAR E PÉLVICA
Deitada, com as pernas flexionadas, curve a espinha até que a cintura fique mais separada possível do solo.

Force a zona lombar contra o solo. Contraia os músculos abdominais e os glúteos (das nádegas). Sustente esta posição durante 10 segundos, isto contribui para alinhar a cintura.

20 Rainha

ANEXO 11

Capa do Suplemento Rainha Jovem



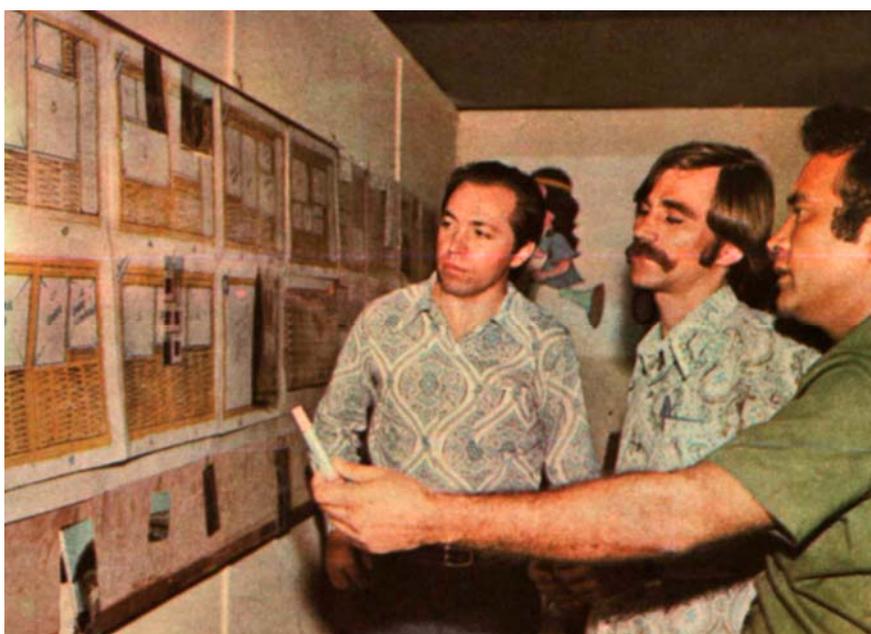
RAINHA JOVEM

FOTONOVELA
Enfrentar
a Realidade

Eu sou
CLARA
NUNES

Olha só a simpatia da Sonia Maria Bortoluzzi enfeitando a Rainha Jovem desta edição. Ela é santa-mariense e aprecia as coisas boas da vida, como, por exemplo, ler mensalmente a sua RAINHA. (Sonia aguarde sua máquina INSTAMATIK).

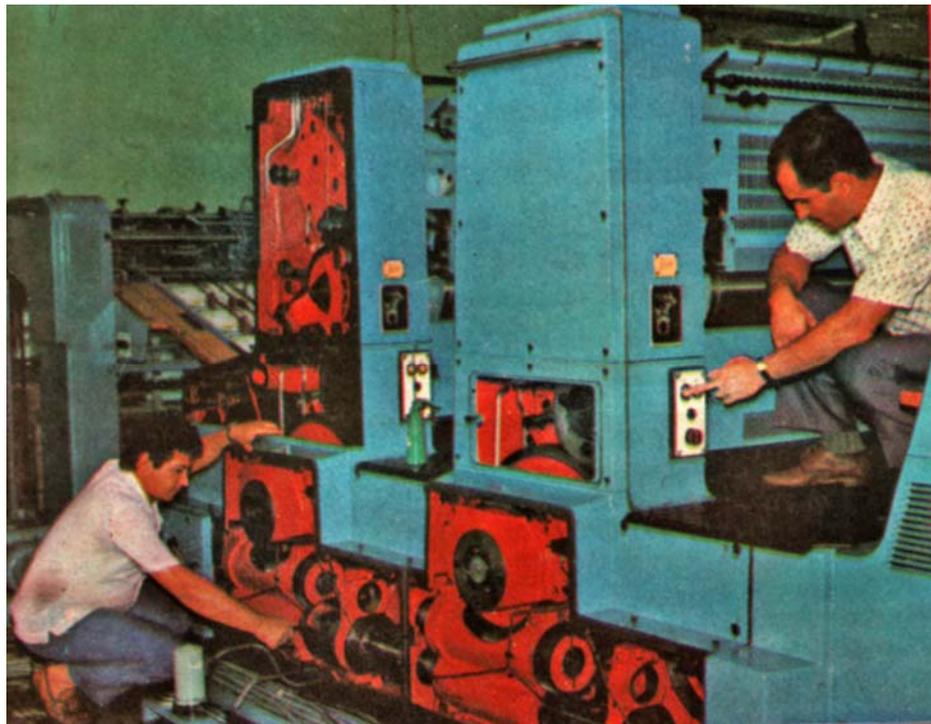
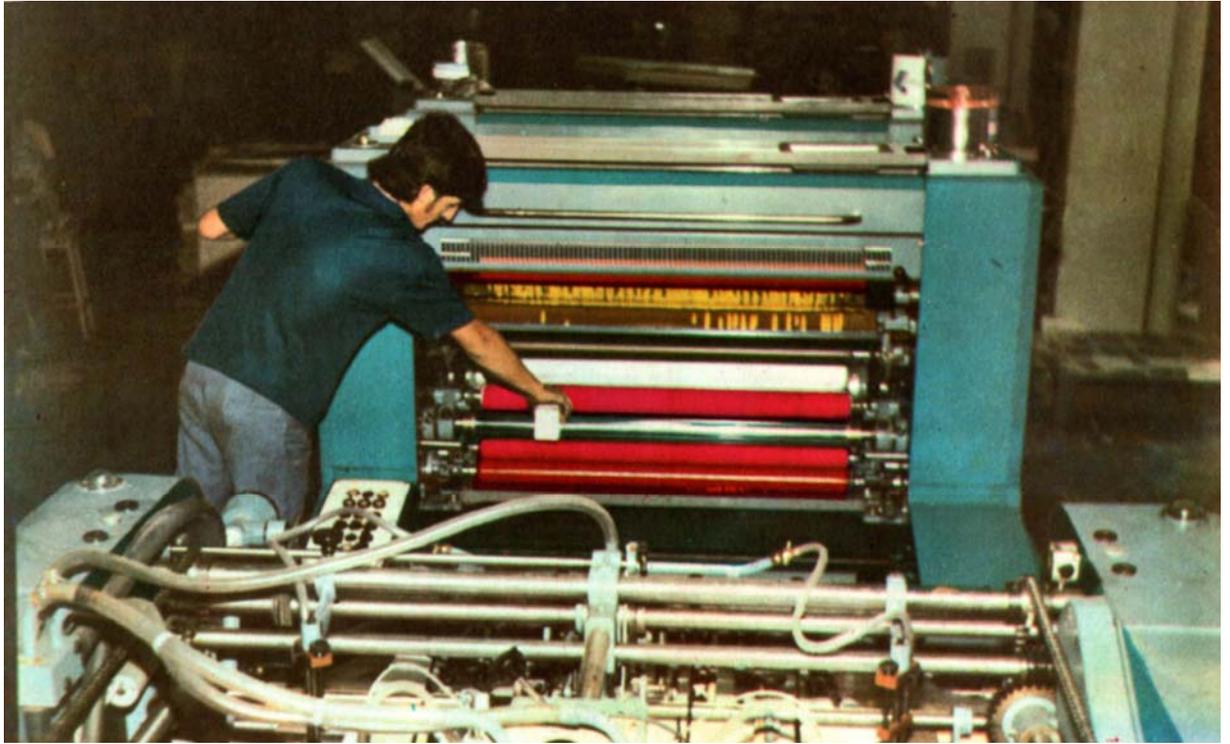
A bela moda do verão

ANEXO 12**a) Pe. Lauro Trevisan – abril de 1973****b) Diagramação da revista – abril 1973**

ANEXO 13**a) Produção da revista – abril de 1973****b) Fachada do prédio da gráfica – Patronato**

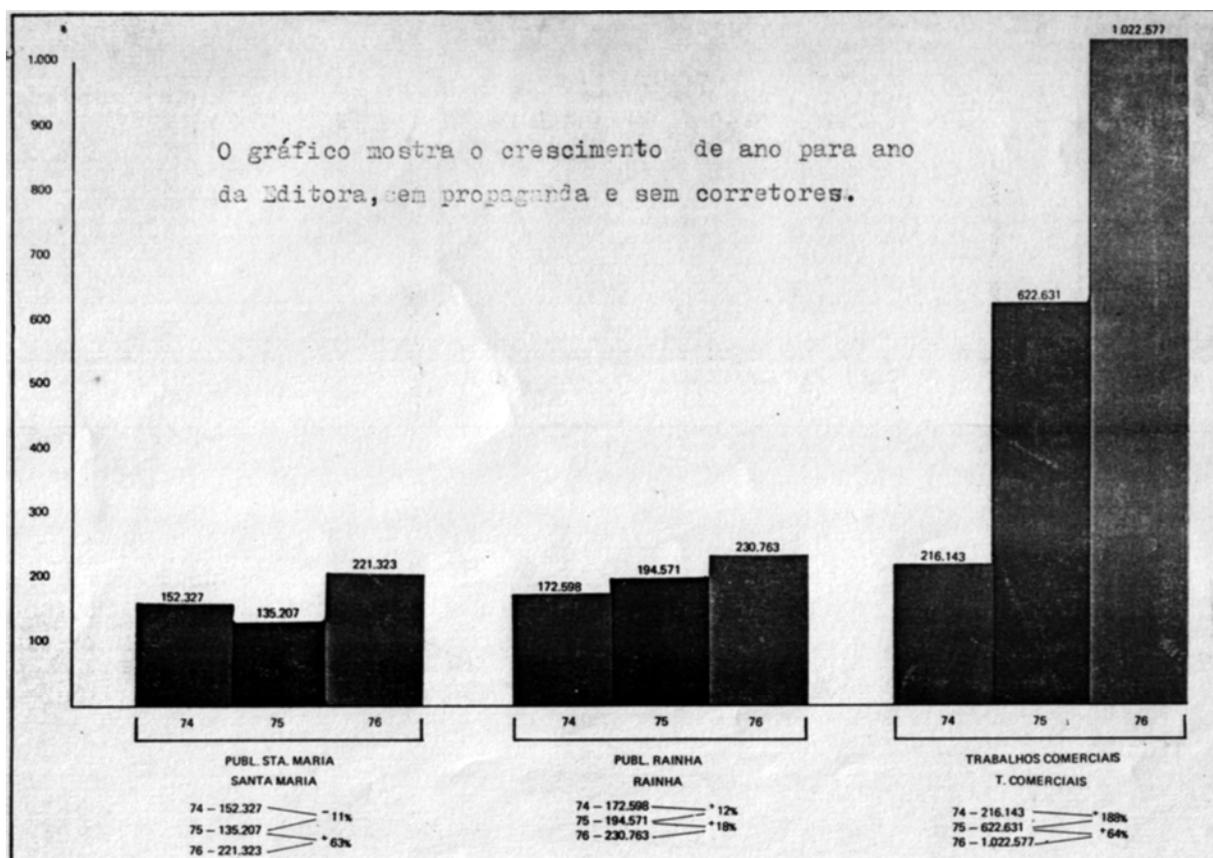
ANEXO 14

Processo de impressão off set (1974)

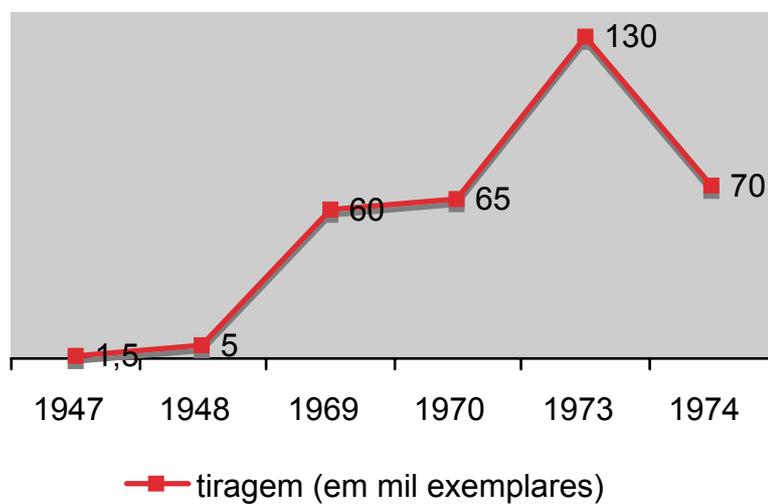


ANEXO 15

a) Evolução das receitas com publicidade e trabalhos comerciais



b) Evolução da tiragem



ANEXO 16

Reportagem sobre cirurgias cardíacas – março de 1975.

RAINHA 75

REPORTAGENS

4 Coração: a luta entre a vida e a morte
10 Terra Santa: o que resta da última semelhança de Jesus
14 Condições: Cuidado! e suas 430 calhúas
16 Por que estudar?
38 O Centro Meneuológico
44 Como coletar amostras de terra

TESTE

36 Você conhece as personalidades do mundo de hoje?

CADERNO DA FAMÍLIA

20 O caso: Onde começa e onde termina o mundo do casal
22 Pai: Há muita diferença entre ser aperto e ser espartilho
23 Mãe: As mães e os tranquilizantes estão andando com você
24 Papai: Adeus à vida
25 Moço: Não seja como junco à beira do rio
26 Nêni: Vacinas

MODA/BELEZA

34 João Francisco Goldmann

DIVERSÕES

46 As cruzadas

JORNAL DA RAINHA

47 Jornal de Vida
50 Jornal de Atualidades
55 Jornal de Vida (sempre do Psicólogo)
56 Jornal do Lector
57 Jornal Social

ENCARTE

Barulhinho Cívico

CORACÃO: a luta entre a vida e a morte

Reportagem de Lauro Trevisan

O coração parou. Cerca de meia hora. E parecia que eu mergulhava nas profundezas insondáveis da vida humana quando assistia aos cirurgiões extraírem uma válvula atrofiada do coração de um jovem de 24 anos e colocarem, no seu lugar, uma válvula artificial fabricada com membrana de cérebro humano. Em entrevista, o cirurgião fala sobre os problemas do coração e sobre as medidas que se devem tomar para evitar o infarto.

Eram oito horas e doze minutos quando subi no elevador que me conduziria ao sexto piso do Hospital Universitário. Falavam três minutos para a hora combinada com o Dr. Potyguara da Costa.

Eu ia assistir a uma difícil e perigosa cirurgia do coração.

As chances de sobrevivência do paciente não iam além de quarenta por cento. A válvula mitral de seu coração estava em péssimo estado, devido a uma febre reumática e a uma infecção ocorrida há dois meses, quando o bacilo se alojara nessa válvula fazendo estragos irreparáveis.

O paciente era um jovem de 24 anos. Solteiro.

Quando eu recebera o convite do cirurgião para presenciar a operação, não imaginava de quem se tratava. Na verdade, era conhecido meu e até trabalhara na Rainha anos atrás. Três dias

EDITORA Rainha - Março 1975 - Ano 55 - Nº 202
Diretor: LAURO TREVISAN. Assessorado: DOMINGOS RODRIGUES e
EMÍLIO BELINZANI. Assessor: ANTONIO MARLENE RODRIGUES RO-
DRIGUES. Redação: LAURO TREVISAN, MAURA FERNANDES DA
COSTA, MARCELO FERREIRA ALVES, LUIZ CARLOS FLORES GRASSI.
Colaboradores: JARA SÁBIA, JOÃO FRANCISCO GOLDMANN, OLÍVIO
CELA, DR. JOSÉ ROCHA, DR. RICHARDSON DA COSTA, DR.
RODOLFO CASTAGNA. Diagramação: de Gillete - Diagramador - Iva-
mundo. Ilustrações: GUSTAVO ATÍLIO FERRAZZI (CENA DE
ARRA FÉLIX) e CLAUDIETE CAMARGO FERREIRA LUIZ CARLOS AN-
TONIO. CENA: Desenhado por Gillete. ATÍLIO FERRAZZI (CENA DE
ARRA FÉLIX) Desenhado por Gillete. Publicidade: CLE-
MENTINO MARQUES. Distribuição: Assessorado e Publicidade: ALIA DO
ACAMPAMENTO, S/A - CAIXA POSTAL 436 - 87.100 SANTA MARINA
- PR. Fone: 21.1242. Distribuição: 21.1541. Anúncios e correio comercial:
Praça de Antônio de Albuquerque 75 - 01.841-000. Argentina: 840.100.90.
Registada no Conselho de Imprensa de São Paulo sob nº 2723-
280-75.

4 Rainha

Rainha 5

ANEXO 17

Capa de Rainha – julho de 1978

